



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

José Tiago de Queiroz Mendes Campos

**UM LUGAR DO TAMANHO DO MUNDO: SOCIALIDADE E NARRATIVAS DO
SERVILUZ**

**FORTALEZA
2012**

**UM LUGAR DO TAMANHO DO MUNDO: SOCIALIDADE E NARRATIVAS DO
SERVILUZ**

José Tiago de Queiroz Mendes Campos

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Peregrina Cavalcante

FORTALEZA
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C2131 Campos, José Tiago de Queiroz Mendes.
Um lugar do tamanho do mundo : socialidade e narrativas do Serviluz / José Tiago de Queiroz Mendes Campos. – 2012.
127 f. , enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Sociologia.
Orientação: Profa. Dra. Peregrina Cavalcante.
- 1.Vida urbana – Serviluz(Fortaleza,CE). 2.Etnologia – Serviluz(Fortaleza,CE). 3.Serviluz (Fortaleza,CE) – Aspectos sociais. 4.Serviluz(Fortaleza,CE) – Usos e costumes. I. Título.

José Tiago de Queiroz Mendes Campos

**UM LUGAR DO TAMANHO DO MUNDO: SOCIALIDADE E NARRATIVAS DO
SERVILUZ**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em sociologia.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Peregrina Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Cornélia Eckert
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Jania Perla Diogenes de Aquino
Universidade Federal do Ceará

Assim como o Serviluz, fugidio a minhas categorizações, também minha gratidão escapa ao que possa ser dito neste espaço dedicado ao agradecimento de parentes, mestres e amigos que muito ensinaram, apoiaram e tornaram possível a feitura deste trabalho.

Agradeço à orientação de Peregrina, grande amiga e pesquisadora, foi quem fez despertar em mim o interesse pelo campo.

Agradeço ao professor Leonardo, por sua generosidade ao compartilhar o campo e tantas formas de saberes, e Cornélia, por suas contribuições sempre precisas e valiosas as quais tive a honra de acompanhar nos grupos de trabalho da Reunião de Antropologia do Mercosul e da Reunião da Associação Brasileira de Antropologia.

Agradeço à Capes, financiadora de minha pesquisa por meio de uma bolsa concedida pelo programa de Demanda Social e Apoio à Pós-graduação.

Não poderia deixar de agradecer ainda aos professores e grandes mestres que, tiveram participação marcante em minha formação acadêmica e pessoal, em especial aos professores Eduardo Diathay, Manfredo Oliveira, Jânia Perla, George Paulino e Simone Simões. Agradeço ainda ao poeta Aimberê Botelho do Amaral, secretário da pós.

Agradeço à Saruanna, ao meu pai, avós, irmãos, primos, tios e, sobretudo, a minha mãe, pelo apoio incansável.

Agradeço a meus colaboradores Briza, Maurinho, Milagroso, Sr. Mendes, Silvana, Pitoco, Negão da Lagosta, Dona Preta, Zé Osmi, André, Gleison Mário Filho, Luiza e a toda a turma do teatro do Grupo Pã.

Sou grato à Ana Gardennya, que tão gentilmente me ajudou no preparo de imagens.

Aos amigos João Pedro, Bruno Heleno, Sócrates, Marco Aurélio, Ana, Luís, Maubia, Júlio, Maca, Fena, Bárbara, Helena, Alex e família!

RESUMO

Esta dissertação é uma etnografia sobre as formas de socialidade do Serviluz. Tem como fio condutor a narrativa de um elo entre os segmentos culturais através da qual se procura apreender a heterogeneidade das relações sociais dos colaboradores desta pesquisa. Essa etnografia se esforça por elucidar os elementos simbólicos que atuam na dinâmica da forma de socialidade constituída por eles. Busca se abster da posição de um discurso dominante utilizando-se dos princípios da antropologia simétrica de Bruno Latour e dos ensinamentos de Roy Wagner que propõem ver a própria cultura como um instrumento para pensar a realidade. O objetivo é desvelar outros mundos possíveis. Para tanto, o Serviluz é inicialmente apresentado num breve enfoque retrospectivo, seguido pela narrativa das vivências ensejadas ao longo do trabalho de campo. Procede-se, então, uma busca de identificação da forma da rede de socialidade para explicitar as perspectivas que se cruzam em sua tessitura composta por significações compartilhadas por homens do mar, esportistas, homens e mulheres das associações, prostitutas, catadores de lixo, religiosos, toxicômanos etc. Além disso, narra-se a vivência de um mês de moradia no Serviluz que almejou objetivar uma multiplicidade de representações simbólicas apresentadas nas diversas maneiras como seus habitantes desempenham suas atividades cotidianas e transmitem suas visões de mundo. Esta experiência permitiu concluir que, para além das estereotípias, a dinâmica de socialidade do Serviluz é marcadamente composta por linhas de fugas que se territorializam em dramas humanos. No Serviluz vai-se da guerra à solidariedade, do andar solitário à fofoca de rua, da toxicomania à contemplação da natureza. Essas trajetórias de pertencimentos múltiplos propiciam representações da realidade em que a tensão entre os devires assume caráter integrativo. A dinâmica de rede do Serviluz, portanto, não pode ser reduzida a categorizações.

Palavras-chave: Sociologia do cotidiano, Etnografia e Socialidade.

ABSTRACT

This dissertation is an ethnography of the sociality forms of Serviluz. Its conducting wire is the narrative of cultural segments through which the researcher sought to capture the social relations heterogeneity of the collaborators of this research. It strives to elucidate symbolic elements that act in the dynamics of the network woven by them. This research moves away from the position of dominant discourse, using Bruno Latour's principles of symmetrical Anthropology and Roy Wagner's teachings, which propose the very culture as tool to think reality. The goal is to uncover other possible worlds. Therefore, Serviluz is presented retrospectively, and followed by the narrative of experiences in the work field. A search for identification of the forms of sociality networks succeeds the narrative, in an attempt to show perspectives and significations shared by men of the sea, sportsmen, men and women associations, garbage pickers, religious people, drug addicts, and others. Interviews collected from Serviluz inhabitants and witnessing their day-to-day activities during one month housing there were the main source of this research. This experience evidenced that, apart from stereotypes, the dynamics of sociality of Serviluz is substantially composed of scape lines of human drama. In Serviluz one might move from war to solidarity, from solitude to street gossip, from drug addiction to contemplation of nature. The tension arose from the intersection of these multiple trajectories produces the integrative character of Serviluz. Its network dynamics therefore cannot be reduced to categorizations.

Keywords: Sociology, Ethnography and Sociality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. VISITAR	17
2.1 O Campo	18
2.2 Acessos Etnográficos.....	25
2.3 “A Pessoa Tem Que Merecer Confiança”	33
2.4 Ganhando a Confiança.....	36
2.5 Momento de Virada.....	39
3. NOVAS PERSPECTIVAS, OUTRAS HISTÓRIAS	47
3.1 Virar Nativo?.....	49
3.2 Entre o Claro e o Escuro	50
3.3 “A Melhor Coisa da Vida É Ser Jovem”	52
3.4 Depoimento do Ex-usuário de <i>Crack</i>	54
3.5 Envolvidos e Não Envolvidos	57
3.6 Conversa no Banco da Pracinha.....	60
3.7 Lidando com a Polícia	71
3.8 A Saída.....	76
3.9 “Hoje em Dia Tá mais Tranquilo”.....	79
3.10 Do Desamparo ao “Mundão”.....	79
4. O MORAR	82
4.1 História do Andarilho.....	84
4.2 Sobre o Paredão.....	89
4.3 Redes Que Atravessam a Associação.....	97
4.3.2. Entorno da Associação.....	98
4.3.3. As Rodas de Conversa em Frente à Associação Entravam Pela Noite.....	99

4.4 História do Catador de Lixo.....	100
4.5 História do Homem do Mar.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126

1 – Introdução

Este trabalho é um estudo sobre a vida cotidiana dos moradores do Serviluz efetivado a partir daquilo que viabiliza uma etnografia: o diálogo entre as culturas. É uma pesquisa que deixa objetivar fragmentos das dinâmicas de socialidade apresentando as visões de mundo anunciadas por vários moradores. Entende-se que esses fragmentos tomados como base empírica possibilitam a reflexão sobre as participações dos diversos atores nas organizações da vida social. Trata-se, portanto, de um exercício de desnaturalização da vida cotidiana dos moradores deste bairro¹ motivada por uma investigação teórico/metodológica das formas de socialidade moldadas por aqueles com quem convivi durante minha pesquisa em campo. Acredito que o relevo deste estudo está na oportunidade de contribuir para o entendimento dessas lógicas culturais.

Meu interesse pelo Serviluz é perpassado pelos atrativos das belezas naturais e humanas desta área da cidade. Alguns fragmentos da história desse lugar e de seus moradores chegam a mim desde a infância. Pequeno, eu já ouvira falar de uma praia isolada que, com a construção do porto de Fortaleza, tornou-se uma zona de prostituição. Já ouvira também que crescia ali, ao redor do Farol Velho, um dos cartões postais de Fortaleza, a fama de local perigoso.

De fato, os membros das classes média e alta de Fortaleza, via de regra, evitam se aproximar do Serviluz e os turistas que aportam em Fortaleza são orientados a não fazerem caminhadas pela região devido o risco de assalto. Seguindo Sá (2010, p. 65-66),

[...] o Farol velho é um patrimônio abandonado pelo medo da criminalidade. As recomendações dos seguranças de hotéis, das barracas, da autoridade portuária, dos policiais militares são unânimes. Não se aproximem do Farol, nem do Titanzinho, nem do Serviluz. Há risco de assaltos. [...] No outro extremo do Serviluz, entre a antiga e tradicional barraca da Praia do Futuro, no trecho conhecido como Praia do Futuro Velha ou Praia do Dioguinho, uma dupla de policiais militares está destacada diariamente para abordar moradores e turistas que fazem caminhadas na praia para retornarem a partir da barraca Zé da praia, pois daquele ponto, devido à proximidade com a favela do Serviluz, eles serão assaltados, explicam os policiais em estilo direto. [...] Não se sabe até hoje se por iniciativa da polícia ou dos moradores, foi fincada uma placa na areia da praia, próximo à praia do Serviluz, avisando sobre o risco de assalto. A placa foi derrubada, também não se sabe por quem.

¹ Conforme Mayol in Certeau (2011, p.39):“O bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social, ou noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos e comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição”. Mais especificamente sobre o Serviluz, Sá (2010, p.189) indica: “O Serviluz, então, é um bairro, uma favela ou uma comunidade? Essa oscilação da categorização sócio-espacial [...] nos deixa entrever um dos dilemas mais importantes da população local. [...]. Apesar dessa falta de garantia oficial para representação do Serviluz como bairro, os moradores da favela preferem se classificar como moradores de bairro”.

Convencido da importância do trabalho de campo, alinhei-me à tradição de estudar as minorias, antes exóticas, agora possivelmente menos exóticas, mas ainda muitas vezes vistas como extravagantes em sua maneira de conduzir a vida, o que faz delas “os outros” a serem estudados. Minoria, como é entendida aqui, não se refere ao que seja numericamente menor, e sim, à fuga de um modelo. Como esclarece Deleuze e Guattari (1995.b, p.52),

Minoria e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. Maioria implica uma constante, de expressão e conteúdo, como um metro padrão, em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu qualquer [...]. É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele parece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante. A maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário. Supõe o metro padrão e não o contrário.

O presente estudo antropológico das minorias renega a pretensão de propor interpretações acerca das representações de mundo e se dispõe a dialogar, a evidenciar outras formas de saber, visando contextualizar as práticas culturais das minorias enquanto devir potencial. Assim, rompe-se de certa forma com a ideia de Auguste Comte quando ele deixa claro o objetivo de seus esforços: “Savoir pour prévoir, afin de pouvoir”². Os tempos mudam e a antropologia como instrumento de dominação passou a ser duramente criticada. Hoje seu prestígio está fortemente relacionado ao seu poder de ampliar o horizonte das experiências humanas, de arquivá-las, de celebrá-las. Desta forma, o estudo da multiplicidade cultural deve ter ainda o mérito de repensar nossas próprias singularidades culturais a fim de que possamos nos conhecer melhor.

Esta pesquisa me proporcionou esta oportunidade. As periferias pobres das grandes cidades brasileiras continuam a ser um tema pertinente uma vez que seu estudo dá a conhecer e permite refletir sobre as nossas singularidades culturais. A favela, como foi se mostrando cada vez mais ao longo de minha pesquisa, não se opõe às áreas nobres da cidade. Ao contrário, a favela complementa, viabiliza, faz funcionar a produção de riqueza das cidades. Observe-se que as estereótipos atribuídas ao Serviluz não se trata de um caso isolado, como nos propões Wacquant (2005, p. 7):

²Tradução livre: Saber para prever, a fim de poder.

[...] as cidades da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos dispõem todas de um termo específico para denominar essas comunidades estigmatizadas, situadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e do dirigentes do Estado. São locais conhecidos, tanto para forasteiros como para os mais íntimos, como “regiões-problemas”, “áreas proibidas”, circuito “selvagem” da cidade, territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque têm ou se crê amplamente que tenham excesso de crime, de violência, de vício e de desintegração social. Devido à aura de perigo e pavor que envolve seus habitantes e ao descaso que sofrem, essa mistura variada de minorias insultadas, de famílias de trabalhadores de baixa renda e de imigrantes não-legalizados é tipicamente retratada à distancia em tons monocromáticos, e sua vida social parece a mesma em todos os lugares, improdutiva e brutal.

Portanto, ao escolher o Serviluz como campo de estudo tive de realizar a travessia de uma fronteira que não era geográfica, mas simbólica. O medo difundido nas camadas de classe média em se aproximar de favelas fazia do Serviluz, simplesmente uma área que devia ser evitada. O enfrentamento dessa ideia estimulou minha curiosidade.

Nesse enfrentamento, como frisa Cavalcante (2002, p. 112), “deve-se apreender a sociedade em seu movimento, sua abundância e sua turbulência”. Superando o medo, eu entraria em uma favela que, além dos problemas de segurança relacionados a roubos, assaltos, homicídios, tráfico de drogas e do fato de ser notícia frequente nos jornais da cidade, é também uma favela conhecida por seus destaques nos esportes – surf principalmente – e por suas belezas naturais. Localizada na zona portuária, é o lar de famílias de pescadores artesanais que viviam na antiga vila de pescadores que em nome do progresso tiveram de se deslocar de suas terras invadidas e transformadas em “zona de risco”, como se verá no tópico dedicado ao levantamento histórico do Serviluz.

Minha aproximação simbólica do Serviluz se deu de forma gradativa. Mantive a descrição de minhas primeiras experiências em campo como forma de contextualizar de maneira mais abrangente as condições em que se dava a pesquisa. Minhas representações do Serviluz foram se ressignificando e consolidando o elo que se formava entre a minha cultura e a cultura estudada.

Pode-se afirmar que o percurso de minhas reflexões socioantropológicas sobre o Serviluz foi marcado por uma ampliação de minha percepção de mundos possíveis de forma tal que resultou – entre outras ressignificações – na mudança do projeto inicial de pesquisa.

Inicialmente, sob influência de reflexões que evidenciam o estigma atrelado à pobreza, fui percebendo pouco a pouco que tal discussão, embora presente no contexto do Serviluz, não dava conta das representações compartilhadas por aquela comunidade. Com o fortalecimento do elo cultural obtido ao longo da pesquisa, pude perceber que as questões que

me pareciam mais pertinentes no contexto daquela comunidade não se relacionavam tanto com o estigma que eu até então punha como ponto central da análise. Passei a perceber com maior clareza as multiplicidades de visões de mundo, dos tipos de conflito que se passam no Serviluz. A dinâmica de sua rede de socialidade começou a ganhar cada vez mais destaque até que, num desdobramento possibilitado por um momento de virada, tornou-se ela mesma, em sua heterogeneidade, o tema desta dissertação. Repensei, então, os questionamentos em torno do estigma para me dedicar ao estudo das dinâmicas das formas de socialidade do Serviluz. Segui nesse rumo, com o olhar armado pela etnografia, na busca de saberes locais de um grupo marcado por distintos níveis de intersubjetividade, para interrogar: Quais as características da rede de socialidade do Serviluz? Que elementos compõem sua dinâmica?

As orientações teórico-analíticas que me auxiliaram ao longo da pesquisa empírica e do momento da escrita na busca de respostas para estas interrogações foram aquelas que, em conformidade com o que afirma Rocha e Eckert (2005, p. 121), “priorizaram o ponto de vista do ‘outro’ compreendido a partir do processo interativo em campo: o encontro intersubjetivo entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados”.

A definição que Wagner (2010, p. 38) dá da antropologia também me foi extremamente marcante: “A antropologia é o estudo do homem ‘como se’ houvesse cultura.” O caráter posicional ganha um novo sentido, não se trata mais de um antropólogo fazendo uma pesquisa em determinada situação, mas de um pesquisador fazendo uma pesquisa determinada a partir de uma cultura específica, a sua própria cultura. Supera-se dessa forma a ideia equivocada de que a cultura do pesquisador forneça uma leitura do “inato”. Devido a esse entendimento, procurei pôr em diálogo Wagner e Latour, pois, como é sabido, ambos valorizam a necessidade de interrogar a condição inata da natureza e da cultura. Para Wagner (2010, p. 216), “No ato de aplicar ou “interrogar” a natureza, inventando-a, trazemos à existência novos controles culturais que podem ser usados por outros para recriar a existência diversas vezes. Objetivamos a Cultura por meio da interpretação consciente da natureza”.

Já para Latour (1994, p. 95), a sociedade “também é construída tanto quanto a natureza”. A natureza é uma invenção cultural, não pode ser aceita pela antropologia como um dado *a priori*. A cultura ocidental não se aproxima da coisa em si da natureza mais do que as outras representações simbólicas oriundas das culturas mais distintas.

Continuando por esta mesma linha de entendimento pude me apoiar também em Castro (2002, p.290) na medida em que ele ressalta o que, em última análise, está em jogo: “a incorporação de algo eminentemente incorporal”. De forma mais específica, na pesquisa este

“algo eminentemente incorporal” se objetiva nas minhas descrições de conteúdos simbólicos compartilhados pelo segmento cultural que permeia o Serviluz. Tais conteúdos são tomados como os norteadores da dinâmica social que lá se realiza, mostrando-se, dessa forma, imprescindíveis para a apreensão do funcionamento da rede de socialidade. E quantas negociações foram necessárias para que eu tivesse acesso a essa rede e para que eu pudesse me locomover por suas heterogeneidades! Por isso, a noção de rede ganhou relevo nesta pesquisa. Afinal, como propõe Latour (2009, p. 9), “Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a complexidade, a rede é fio de Ariadne destas histórias confusas”.

No meu processo de imersão no campo fui envolvido por esse fio. As “caronas” que eu pegava para ir conhecendo mais e mais interlocutores aos poucos me envolviam na dinâmica de suas redes de socialidade. Deparei-me com uma multiplicidade de conexões e significações nestas tramas. Nelas, a noção de identidade significada – e perenemente aberta para ser ressignificada – caracteriza-se pela capacidade de diferenciação, pela possibilidade de promover novas alianças, de redirecionar os fluxos, promover mudanças nas convenções. Posto isto, a própria rede pode ser vista simultaneamente como um ator. Não sendo, portanto, adequada uma representação de rede que despotencialize suas tramas.

Também a noção de socialidade assim como proposta por Strathern (1999) serviu-me de referencial teórico. Tal noção visa destacar que nas tramas das redes, a socialidade está para além da sociabilidade. Enquanto a noção de sociabilidade remete a uma ideia de união ou afetividade entre os atores sociais, a noção de socialidade incorpora a isso o caráter disruptivo das relações sociais.

Assim, conforme ensina Starthern (2006, p. 40), o conceito de socialidade deve ser referido “à criação e manutenção de relações”. Trabalhar com a ideia de rede de socialidade trata-se, por conseguinte, de propor uma leitura que reconheça entre as linhas que se cruzam, entranhadas na composição das formas de se relacionar de meus interlocutores, o caráter disruptivo presente no traçado de suas tramas. Procuo destacar nas narrativas que compõem essas tramas características pertencentes a distintos pontos de conexão da rede de socialidade na qual se enlaçam. Por meio de suas narrativas, portanto, busco quais são os elementos simbólicos de suas organizações sociais que lhes surgem como sendo de maior significância no contexto social em que estão envolvidos.

Na reprodução das narrativas decidi me abster do emprego dos nomes próprios de meus colaboradores. Em lugar destes recorri a nomes que representam alguma atividade

desempenhada por eles ou algum outro traço de pertencimento social. Inspirou-me o romance de Saramago (1995) *Ensaio sobre a cegueira*. Estando em campo, me foi útil lembrar o conselho de abertura deste romance: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Assim, esse modo de apresentação tem como objetivo possibilitar que as trajetórias de meus interlocutores sejam percebidas pelo leitor de forma menos pessoal e se tornem mais passíveis de ser generalizadas dentro do contexto ao qual estão atreladas. Além disso, o recurso me permite atender às expectativas daqueles que me pediram discricção com relação as suas histórias de vida.

Sobre as imagens fotográficas apresentadas ao longo deste trabalho procurei me conduzir por um caminho de sensibilidade antropológica no qual, por meio da captura de imagens, busca-se remeter a um *status* de significação fenomenológico (BACHELAR, 1996) dos habitantes, das coisas, da natureza com que convivi no trabalho de campo. Tratou-se para mim de pretender estabelecer um diálogo com a ideia deleuziana de que toda imagem é pensamento e a consideração de que por trás do significado da imagem há toda uma percepção de modos de vida (DELEUZE, 2005). Norteou-me ainda o tratamento de imagem de Merleau-Ponty (2004, p. 33) fundado na ideia de que “Não se trata mais de falar do espaço e da luz, mas de fazer falarem o espaço e a luz que estão aí”. Pois, como indicam ainda Rocha e Eckert (2005, p. 142) ao considerar o entrelaçamento entre o pensamento conceitual e a ordem das imagens:

[...] trata-se de um convite ao leitor para que ele abandone as antíteses clássicas - organização viva e matéria, instinto e inteligência, tempo e espaço, vida interior, ação e linguagem -, [...] para submergi-las num outro espaço de problemas, a saber, o da convergência de tais instâncias entre si, por encaixe ou equivalência simples ou complexas, na unidade entre pensamento simbólico (da ordem das imagens) e pensamento conceitual.

A partir dessas considerações e de outras a serem explicitadas ao longo da pesquisa busquei realizar uma descrição dos tipos de socialidade que compõem o suporte empírico desta etnografia organizada em três momentos: o primeiro capítulo, *Visitar*, corresponde ao período de um ano e dois meses no qual fiz a minha imersão no campo e aos poucos me aproximei do contexto sócio-cultural do bairro. Dedico-me à apresentação do campo e à explicitação de meus acessos etnográficos. Parece-me interessante ressaltar que neste primeiro momento vivenciei a virada que modificou de modo substancial os rumos desta pesquisa. Pude, então, dar destaque ao elo entre a cultura do pesquisador e a cultura “nativa”. Minha experiência etnográfica, começava.

No segundo tópico dei continuidade ao estudo, adotando uma perspectiva mais adequada ao propósito etnográfico. Isso constitui o que nomeio como novas perspectivas. A partir daí pude entender com Wagner (2010) que é necessário perceber a cultura como uma “muleta” e que o choque cultural é o que nos possibilita enxergar a nossa própria “cultura”. Compreendi ainda com o autor que a pesquisa em antropologia tem de lidar com pelo menos duas culturas. “O pesquisador adquire uma consciência intensificada dos tipos de diferenças e similaridades implicadas pelo termo “cultura” e começa a usá-lo como um constructo explanatório”. (WAGNER, 2010, p. 37).

Portanto, como efeito do choque cultural pude ter acesso a um novo constructo explanatório que me permitiu chegar, finalmente, ao Morar, em referência ao período em que residi no Serviluz. Em julho de 2011, seguindo orientação da banca de qualificação mantive residência no Serviluz durante o período de um mês, numa casa localizada na rua Deputado Flávio Marcílio, primeira rua paralela ao Paredão do Titanzinho. Foi justamente nesta área do Titanzinho que estabeleci a maioria dos vínculos com os meus colaboradores, que tive acesso a seus modos de vida e que colhi valiosos frutos daquele segmento cultural.

Dessa maneira, minha busca teórica e prática de elucidar a dinâmica das formas de socialidade do Serviluz procurou meios de passar a palavra a meus colaboradores, buscou captar a profundidade de suas narrativas e o vigor de suas imagens. Ao final pude perceber que elas me transmitiram um saber que não se fecha.

2 – VISITAR

Fotografia 1- Avenida Vicente de Castro, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

Este tópico tem como objetivo apresentar a comunidade do Serviluz a partir de uma reconstrução histórica baseada em trabalhos etnográficos sobre a região e em minhas vivências no interior da comunidade. O Serviluz como *locus* de pesquisa acadêmica, já protagonizou pelo menos três dissertações de mestrado: Anjos (1983), sobre a prostituição; Almeida (1995), sobre as brigas de gangues; Nogueira (2006), sobre os trabalhadores do mar. Protagonizou ainda uma tese de doutorado: Sá (2010), que trata das relações sociais dos jovens do Serviluz. Todos esses trabalhos são fundamentais para a compreensão do meu universo de pesquisa, pois ajudam a enriquecer minhas leituras e me aproximam da dinâmica social do Serviluz.

Com a ajuda desses trabalhos sobre as histórias do Serviluz e as minhas idas ao local descobri alguns grupos de intensidades que constituem categorias locais de identidade, identificação e hierarquização pertencentes ao campo familiar, religioso, esportivo, pesqueiro, artístico, comercial, criminal, das gangues, do meretrício. Becker (2007) nos propõe que ao

O campo da pesquisa constitui uma faixa de terra que avança mar adentro compondo um ponto de inflexão entre as convexidades da praia Beira-Mar e praia do Futuro. Porém, como já foi dito, menos do que em suas fronteiras geográficas, devo-me centrar nas redes e linhas que as atravessam, compostas pelas relações sociais que lá existem.

Segundo Anjos (1983), a área onde hoje se situa o Serviluz até a década de 1960 era habitada apenas por pescadores e suas famílias. Corrobora Nogueira (2006, p. 31):

Até a primeira metade do século XX, aquela era ainda uma população cuja organização era mais tribal que urbana, com as jangadas, as choupanas e os botequins barulhentos. Uma imensa floresta de cajueiros deu lugar a uma paisagem mais moderna e cosmopolita quando começou o tempo da indústria, da agitação imobiliária e dos arranha-céus.

A especulação imobiliária da orla fortalezense deu início a um processo de remoção dos pescadores e de suas famílias que se distribuíam pela praia Mansa – atualmente uma área de acesso restrito à Marinha –, pelo bairro Mucuripe - onde um reduzido grupo de pescadores conseguiu perpetuar a tradição de suas técnicas de pesca artesanal resistindo, dessa forma ao progresso imobiliário – e pela Volta da Jurema – onde a especulação imobiliária avançou produzindo edifícios de apartamentos que chegam a valer com frequência, cifras milionárias.

Consequência da especulação imobiliária é um choque de interesses entre os antigos ou atuais moradores e os que pretendem lucrar com o terreno que aqueles possuíam ou ainda possuam. É característica de qualquer terreno que venha a ser alvo de especulação imobiliária possuir um potencial lucrativo inexplorado o suficiente para fazer agir um grupo de pessoas que dará início ao processo. Nogueira (2010, p. 53-54) coloca que,

No Ceará, o crescimento ganancioso do mercado da especulação imobiliária e o inchaço demográfico desordenado propiciaram nas últimas décadas o acirramento dos enfrentamentos entre pobres e ricos pelas áreas litorâneas. Nesse sentido, as zonas de praia se tornaram espaços conflituosos, marcados por duas lógicas distintas: uma representada pelos usos tradicionais (o porto, a pesca e a habitação dos pobres); outra, pelas novas práticas marítimas, notadamente os tratamentos terapêuticos da brisa, os banhos de mar e o veraneio.

O Serviluz, como veremos tornou-se um desses espaços de conflito de interesse. Nos anos 1940 a orla de Fortaleza não constituía uma área nobre da cidade. Contudo, através de um longo processo de adoção de novas práticas marítimas, como nos propôs Nogueira (2010), mudaram não só os usos, mas as representações sociais da orla que viria a ganhar prestígio com o passar dos anos.

Porém a situação era bem diferente na primeira metade do século XX. O Serviluz de então, descreve Sá (2010, p. 65), apresentava-se como “uma aldeia surgida da confluência de

segmentos da população de várias aldeias e vilas das comunidades marítimas pesqueiras tradicionais”. Essa aldeia de pescadores foi o destino das prostitutas retiradas em um processo de higienização da orla marítima, localizada próxima ao centro da cidade. A remoção das prostitutas marcou significativamente o imaginário da história do que viria a se tornar o Serviluz. Lembra Anjos (1983, p. 23-24),

Sua história, como zona de prostituição data, de 1961, quando da montagem dos primeiros cabarés e da transferência compulsória de prostitutas que “faziam a vida” noutra parte da cidade. Naquela época, o baixo meretrício localizado era exercido num setor da orla marítima, hoje privilegiado como nobre na distribuição urbana de Fortaleza. [...] Por pressões de grupos poderosos no investimento imobiliário, outro núcleo de prostituição cedeu sua localização, atualmente super valorizada. [...] Portanto, para atender aos imperiosos interesses, era virtual a transferência das prostitutas para um local desprivilegiado.

A remoção não foi fácil, exigiu que o prefeito entrasse em negociação com as “madames”, como relata Anjos (1983, p. 24):

As “madames” alegavam não ter local disponível e adequado para o seu tipo de negócio, sendo o farol um local quase desértico e em péssimas condições. Não havia luz elétrica, água potável (que ainda hoje não existe) [1983] e calçamento, tornando bastante difícil o acesso ao local. Dessa feita, o prefeito da época, general Cordeiro Neto, entrou em contato com as “madames” de maior capacidade de liderança, notadamente a Lourdes Preta e a Zizi, e com a ajuda material da prefeitura, convenceu-as a propósito da mudança. (...) A energia elétrica foi o único serviço público imediatamente instalado, aliás, uma exigência das prostitutas para que a mudança ocorresse em curto tempo. Daí em diante nada mais foi feito pelas administrações municipais e o que cresceu foram os investimentos particulares no ramo do baixo meretrício.

Paralelamente a isso, a criação do porto de Fortaleza foi de fundamental importância para a atual configuração do Serviluz, pois demandou a construção de um dique conhecido como o Paredão do Titanzinho, erguido cerca de um quilômetro e meio a leste do porto. Este dique tem como finalidade conter a força do mar, tornando a praia do porto, realmente uma “praia mansa”. O dique marca o início do Serviluz para quem navega do porto rumo ao nascente.

Segundo relato de um morador antigo da região sobre a origem do Serviluz, os barracos ficavam no que hoje é chamado de praia Mansa. Depois, com a construção das docas, as famílias de pescadores que ali moravam foram expulsas e a área passou a ter seu acesso restringido pela Marinha. Ainda de acordo com esse meu colaborador, os primeiros moradores do terreno, onde hoje se localiza o Serviluz, assistiram a construção do paredão, que resultou no assoreamento da praia. Essa faixa de terra passou a receber levas de pessoas fugidas das secas do sertão.

O relato ilustra muito bem o processo de adensamento populacional da região entendido por Anjos (1983) como uma manifestação empírica do fenômeno de “êxodo rural”. Este fenômeno, resultado da pobreza no campo, faz com que a população venha tentar a vida na capital, onde supostamente há melhores oportunidades de trabalho. Aprendemos com Marx (1974) que o trabalho possibilita a mediação do homem com a natureza e com os outros homens. O trabalho, nesta perspectiva, é o que nos liga ao mundo externo, ele transforma a natureza permitindo aos homens satisfazerem suas necessidades. É, portanto, no trabalho não alienado que o homem solta a criatividade e pode exercer uma atividade livre, consciente e reflexiva. O trabalho, nessa ótica, é o meio pelo qual o homem se reconhece em sua própria produção. De maneira tal que o homem se faz homem por meio de seu trabalho não alienado.

Contudo o resultado mais comum desse movimento migratório é, como indica Anjos (1983, p. 24-25), o de inchaço urbano, o enfavelamento das cidades.

O crescimento desordenado da zona no Farol do Mucuripe deve ser considerado juntamente com a “inchaço” e o enfavelamento progressivo decorrentes do circuito migratório em direção à capital, em paralelo a um aumento considerável de famílias dependentes da pesca. A população do Farol, hoje, constitui um caleidoscópio confuso de marginalidade urbana, mostrando profunda mistura entre casas de família e casas de prostituição.

Em conversa com um de meus colaboradores, fiquei sabendo que, por sua localização à beira-mar, o Serviluz torna-se especialmente atrativo para moradores de cidades praieiras do interior do estado. Algumas dessas cidades destacam-se em sua participação no processo migratório, o que faz com que se estabeleça um intenso sistema de troca entre o Serviluz e cidades como Acaraú, Itarema, Paracuru e Amontada. Todas esses municípios, com exceção do último localizam-se no litoral oeste do Ceará. Amontada, contudo, localiza-se a apenas 54,2 quilômetros de Itarema. Em feriados mais extensos como no Carnaval e na Semana Santa, chega-se a fretar ônibus para que toda a família possa ir visitar parentes que não migraram para a capital. Essas cidades tornam-se refúgio para quem opte por sair do bairro por lazer, para ter uma vida mais tranquila mantendo-se junto ao mar ou para não ser vítimas de violência.

Almeida (1995, p. 24), comentando características da ocupação da área do Serviluz,

[...] o processo [...] intensificado nos anos 70, veio junto com o processo de enfavelamento do espaço, resultado da crescente procura do local de moradia por famílias que vieram do interior. Em sua grande maioria, famílias dependentes da pesca e de outras atividades desenvolvidas no litoral, cujo antigo habitat era área litorânea. Vieram, portanto, para o Serviluz também situado na orla marítima, em busca de morar num local que correspondesse a mesma alternativa de sobrevivência anterior.

Porém, são muitos os caminhos que levam ao Serviluz e membros de diversos segmentos culturais dão sua contribuição na heterogeneidade de seus moradores. Não é caso raro que marinheiros vindos de outros estados e de outros países se encantem pela região e decidam por lá ficar.

Muitas vezes a decisão de ficar por lá é motivada por envolvimento amoroso. Mas, como as paixões, a permanência no lugar muitas vezes é fugaz. O que não impede que paixões dessa natureza tenham consequências para toda a vida, como ocorre quando mulheres são abandonadas com filhos que nunca conheceram o pai. Seria, todavia, um engano pensar as mulheres do Serviluz como uma figura passiva que se deixa encantar por homens, sejam eles viajantes ou do próprio bairro, e que acabam sendo abandonadas, com ou sem filhos para criar. É evidente que histórias assim acontecem. Acompanhei o relato de uma moradora sobre uma vizinha que fora abandonada pelo marido:

Ela tem 35anos e não sabe fazer nada. Tentou fazer um programa e nem pra isso ela serve. Com certeza vai traficar, porque não sabe, ninguém ensinou ela a fazer nada. Não sabe fazer um ovo, lavar uma roupa, não quis estudar.

Em contraste com essa situação, esta moradora de 23 anos relata a sua própria história:

Tive a minha filha independente de marido. Tive porque eu quis mesmo, achei que tava na hora. Eu morava junto com o pai dela, separei porque ele era muito ciumento. Ele me conheceu trabalhando e queria que eu parasse. E ele não podia nem me dar o que eu queria. Tinha dinheiro só pra comer. Eu queria as minhas coisinhas. E ele ainda pagando pensão pra mais dois filhos? Aí que num tinha dinheiro mesmo.

Com relação à posição da mulher no bairro, foram recorrentes comentários do tipo: “elas é que mandam por aqui”. A zona do meretrício certamente contribuiu para isto. Anjos (1983, p. 25), nos informa:

O posto policial foi construído pelos próprios moradores, em virtude dos tumultos e brigas constantes na área. Para as prostitutas é bom que haja um posto policial na zona (apesar da incrível guarnição, composta por um sargento - o delegado-, um cabo e dois soldados), pois controla os ânimos mais exaltados, sendo que elas, quando presas por desordem, apanham menos que na delegacia central.

Essas são algumas das ilustrações da diversidade do Serviluz. Por conta de sua situação geográfica e social, pude considerar, como já assinalei anteriormente, um ponto de inflexão no qual os desvios, tanto geográficos quanto sociais, foram ampliados pela ação do homem.

Segundo dados do IBGE-2005, no município de Fortaleza existem 177 favelas, considerando-se apenas os assentamentos com mais de cinquenta barracos. Especula-se que se desconsiderar a concentração mínima de barracos esse número triplique. A população total do

município é de 2.383.863 de habitantes, sendo que 800 mil deles vivem em favelas, o que equivale a um terço da população. Só nos arredores do Serviluz, encontram-se o Castelo Encantado, a favela do Pau Fininho, a Lagoa do Coração e o Caça e Pesca.

O Serviluz, sendo uma favela à beira-mar, possui algumas especificidades. Por um lado, oferece a seus moradores oportunidades de vida inexistentes para quase a totalidade de comunidades de baixa renda brasileiras. Por outro lado, lhes causa problemas igualmente únicos, como a ameaça, recentemente descartada, de construção de um estaleiro que exigiria o aterramento de cem hectares do mar da praia do Titanzinho, local onde hoje existem centenas de residências.

Contudo, os projetos de remoção continuam. A especulação imobiliária ganhou forte apoio do governo, sobretudo após o anúncio de que Fortaleza será uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol, em 2014. Com a ameaça da região vir a ser transformada num ponto turístico, as famílias do Serviluz convivem com a incerteza. Sabem que serão removidas, mas não sabem quando. Não sabem ao certo de que forma se darão as indenizações e alguns chegam a reformar as casas esperando maior indenização, o que seria bastante razoável caso lhes fossem dados maiores esclarecimentos e garantias.

São aspectos do Serviluz vistos a certa distância. Necessário se faz uma aproximação e ela pode se dar por algumas vias. A avenida da Abolição, um dos acessos do Serviluz, permite à quem passa por ela em direção ao nascente poder ver no alto de um morro, à direita, um dos monumentos da cidade, o Farol Antigo, ou Farol Velho, local que ao longo dos anos sofreu ampla oscilação de prestígio. Enquanto cartão-postal da cidade, recebia nos anos 1980 e início dos 1990 excursões organizadas por colégios públicos e privados. Nesse tempo era visitado por pessoas de condição financeira privilegiada apesar das marcas de abandono nas paredes cobertas por tintas envelhecidas que deixavam ver, ao descascar, as mãos de tinta anteriores e onde havia ferro em sua estrutura via-se ferrugem.

A beleza da vista do farol não sucumbiu ao abandono. As centenas de telhados vermelhos que se vê do seu alto são a base da fotografia de uma praia de ondas fortes, com paquetes e jangadas indicando que, apesar dos grandes navios que por ali também navegam, sobrevivem os pescadores, filhos e netos da antiga vila de pescadores que viviam isolados até os anos 1940.

Contudo, abandonado pelo poder público, o velho farol foi perdendo o prestígio. A fama de lugar perigoso, que deveria ser evitado, vez do Farol Velho um local ideal para outras atividades que não as de visitação e o consumo de drogas banalizou-se em suas escadas.

Seguindo agora pela direção oposta à do Serviluz, a avenida da Abolição possui pontos de prostituição noturna até a praia de Iracema, quando passa a se chamar avenida Historiador Raimundo Girão. Aí existem cabarés sustentados principalmente pela exploração do Nordeste brasileiro através do turismo sexual.

Em meu primeiro olhar, ao percorrer o Serviluz, acabei por dividi-lo territorialmente em três momentos estéticos: o limite da avenida Beira-Mar, após o Mercado dos Peixes, adentra-se na zona portuária, quando a avenida Abolição passa a se chamar avenida Vicente de Castro. Essa paisagem me surgiu como primeira face estética do Serviluz. Depósitos e equipamentos industriais portuários somados a oleodutos e gasodutos da Petrobras compõem a paisagem pouco acolhedora à vivência social. Ruas desertas exalam o forte odor do combustível, dando a quem passa claros indícios de degradação socioambiental.

O segundo momento estético surge logo após a travessia dessa paisagem urbana. O Serviluz ganha os ares da maioria das favelas brasileiras: ruas estreitas e sujas, pois a rede de esgoto não chega a todas as casas, ocupadas por muitas pessoas. Os homens usam em geral bermuda com ou sem camisa de malha ou ainda seus uniformes de trabalho. As mulheres usam simples vestidos caseiros ou sumários *shorts* e *tops*. Há muito comércio popular pelas ruas, casas com pouca privacidade abrem portas e janelas aos que passam. Esse segundo momento já me parece marcado pela terceira face estética do Serviluz, pois não é raro ver pessoas em trajes de banho, surfistas com suas pranchas, pescadores e vendedores de peixe passando com peixes de até um metro, amarrados nas pontas de uma vara de madeira levada acima dos ombros.

O terceiro momento estético se faz, portanto, à beira da praia. Uma faixa de areia, de 300 metros na maré baixa e de 200 metros na maré alta, separa o mar de casas simples construídas com tijolo e desgastadas pela maresia e pela ventania. Em algumas não há reboco. Nos meses de maior intensidade dos ventos (agosto, setembro e outubro), algumas casas têm as janelas vedadas com plásticos e as ruas são tomadas pela areia.

É nessa área que encontramos o Titanzinho, uma bacia artificial de aproximadamente 400 metros formada entre os molhes da praia Mansa e o Paredão do Titanzinho, um espigão de pedras que se estende um quilômetro pelo mar. A praia do Titanzinho é reconhecida hoje como um dos melhores lugares nordestinos para a prática do surfe dada a qualidade de suas ondas. É o local onde Tita Tavares, campeã mundial de surfe, pratica suas manobras. Mesma praia de onde descendentes de muitas gerações de pescadores artesanais retiram o sustento.

O Serviluz, como pudemos observar sofre abruptas transformações. Passou de uma pequena vila de pescadores isolada da cidade de Fortaleza a uma favela densamente povoada em menos de 50 anos. As transformações do Serviluz continuam e urge lembrar com Bourdieu (2000) que enquanto favela, o Serviluz é marcado pela violência simbólica.

2.2 Acessos Etnográficos

Meu acesso ao Serviluz foi viabilizado por várias portas e janelas. Uma delas se deu na companhia de minha orientadora, professora Peregrina Cavalcante, outra na companhia de um pesquisador desse campo, professor Leonardo Sá. Tive ainda o meu próprio acesso etnográfico.

Em 14 de maio de 2010 dei início ao diário de campo, improvisado em folhas de papel ofício, junto a algum livro que guardo dentro da pasta com a logomarca do Laboratório de Antropologia e Imagem da UFC, do qual faço parte. Com tal pasta eu pretendia, menos do que ter onde fazer anotações, passar uma imagem de professor, ou de estudante ou de qualquer coisa que transmitisse a mensagem aos que iriam me “filmar”, isto é, observar com atenção, de que eu estava ali para realizar algum trabalho que beneficiaria a comunidade.

Esse gesto foi marcado por precauções que refletiam o estigma que eu havia incorporado ao longo dos anos. Quando se entra em uma área fortemente estigmatizada, rompem-se fronteiras e esta ruptura causa espanto a ambos os lados. Tanto eu fui muito “filmado” cada vez que andava em uma nova área do Serviluz quanto eu procurava me fazer discreto enquanto tentava ver tudo. Por conta disso, perguntei-me de que forma eu deveria me vestir. Não ignorei a existência de uma relação entre as vestimentas e aquilo que elas representam (ARIÈS, 1981). Assim, findei por escolher uma roupa casual e saí de casa por volta das oito horas da manhã trajando bermuda, uma camisa toda branca e calçado com chinelas havaianas.

Deixei a carteira em casa, levei apenas o dinheiro para as passagens de ida e volta de ônibus e um pouco mais de dinheiro para algum imprevisto. Só não deixei também o celular, apesar do medo de ser assalto, para não ficar incomunicável. Um paradoxo: o medo de ser assaltado acabou por me fazer levar o celular. Afinal, pensei na ocasião, caso fosse abordado por algum assaltante e falasse que não estava com celular, certamente iria causar desconfiança, o que elevaria a tensão do assalto e a possibilidade de agressão física; isto me pareceu ainda mais problemático do que a possibilidade de perder o celular.

Fui a pé ao Terminal do Papicu. No terminal me informei sobre o ônibus que deveria pegar para ir até o Serviluz. Descobri que há uma linha de ônibus (Serviluz/Papicu, número 913) que passa por lá. Dentro do ônibus, prestei atenção nos passageiros, pensando em quem poderia me servir como informante ou me orientar minimamente como eu deveria agir dentro do Serviluz.

Puxei conversa com uma senhora que carregava uma sacola grande com compras de supermercado, mas ela desceu do veículo antes do Serviluz e a conversa acabou não sendo proveitosa. O ônibus seguiu o percurso e poucos minutos depois entrou no Serviluz. O motorista confirmou minha pergunta sobre a chegada a meu destino e desci então na segunda parada dentro da favela. Acompanhei um homem que vinha lendo uma Bíblia no interior do ônibus. Perguntei-lhe sobre a existência de alguma associação de moradores naquela região. Expliquei-lhe que deveria encontrar um professor e que, por falha na comunicação, fiquei sem saber o nome da associação.

Na época eu não imaginava que houvesse dezenas de associações espalhadas pelo bairro. Esse senhor, que devia ter em torno de 45 anos, se dispôs a me ajudar a encontrar a associação na qual estaria meu contato. Seguimos caminhando por algumas ruas próximas e a conversa se alongou um pouco mais. Fiquei sabendo que ele é evangélico – como a Bíblia que vinha lendo me fez imaginar –, mora no bairro Varjota e trabalha no Serviluz como cabeleireiro domiciliar.

Passamos por uma associação, batemos na porta, chamamos por alguém e ninguém respondeu. Nos dirigimos a uma outra associação e encontramos, a mulher da associação, uma jovem senhora que, depois de me ouvir explicar porque eu estava ali, demonstrou interesse em minha pesquisa e se dispôs a me ajudar. Essa senhora trabalha na Associação Atlética Esportiva Combate, que fica próximo à praia.

Nessa época meu interesse era estudar a relação entre as mães de usuários de *crack* e seus filhos, projeto este que acabou se metamorfoseando conforme eu ia me envolvendo nas redes de socialidade daquela comunidade e fındou por apresentar-se na forma de um estudo sobre as redes em que me envolvia. Entretanto, como essa metamorfose ainda não havia ocorrido, falei à mulher da associação sobre minha pretensão de vir a conhecer melhor a problemática vivida por mães de usuários de *crack*. Ela me disse que conhecia algumas dessas mães e partimos para suas casas com o intuito de eu estabelecer o contato com elas.

A mulher da associação e eu saímos rumo à primeira casa. O homem que vinha com a Bíblia ficou conversando com um amigo que encontrou na rua logo que saímos da associação.

Batemos à porta de uma casa que a mulher da associação me indicara a poucos metros dali. Não obtivemos resposta. Dirigimo-nos então para uma segunda casa nas proximidades, enquanto conversávamos sobre o consumo de droga na região. Encontramos uma senhora que tem um filho usuário de *crack*, encostada em uma mureta ela me convidou para entrar em sua casa.

Dentro da casa me apresenta à filha, que logo se junta à conversa. De início, explico-lhes com mais detalhes o motivo de estar ali, e a mãe começa a fazer cobranças à filha, pois esta é casada com um usuário de drogas. Durante a conversa percebo a persistência com que a mãe cobra da filha apoio ao genro e presencio a seguinte discussão:

MÃE: Ele é um rapaz bom, tá até trabalhando agora na companhia de gás. Tem que parar de usar essa droga ou vai acabar se viciando, perdendo tudo o que tem. Acho que ele quer parar... você tem que dar apoio, prender ele em casa, não pode deixar ele comprar essas porcarias.

FILHA: Eu ajudo, brigo com ele, mas você sabe que ele só faz o que quer!

MÃE: Quando ele usa fica realmente difícil, mas você tem que dar a mão, ele precisa de uma mão para segurar.

FILHA: Eu dou a minha mão! Mas quem disse que ele me obedece? Outro dia foi a maior briga, ele acabou foi saindo de casa...

Duas semanas depois, graças à colaboração do professor Leonardo Sá, realizei o segundo acesso etnográfico. Ele acabara de defender sua tese de doutorado “Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais no Serviluz”. Durante dois anos Sá morou no Serviluz realizando seu trabalho de campo. Havíamos combinado uma visita ao campo no sábado pela manhã. Às sete horas eu deveria encontrar com o Léo, como é conhecido nos corredores da faculdade e pela “galera” do Serviluz.

Nesse dia acordei com muito sono e determinação. É complicado falar que se está animado quando se está com tanto sono, mas era como eu estava me sentindo, com muito sono e empolgado. Antes de sair telefonei para o Léo a fim de reiterar o compromisso. Ele não atendeu. Quando cheguei ao Serviluz, repeti o caminho que havia feito na primeira visita. Fui perguntando para algumas pessoas da rua onde ficava o Paredão do Titanzinho, pergunta que só poderia ser feita por uma pessoa “de fora das área”. O paredão estava a poucos metros dali, dando continuidade a uma rua que desenha parte do formato do Serviluz e é fronteira entre o Titanzinho e a Favela. Encontrei Léo conversando com alguns de seus colaboradores. Logo fomos apresentados e o assunto continuou como se eu não estivesse ali. Também não consegui acompanhar o que estava sendo discutido. Léo, basicamente ouvia seu interlocutor e fazia sinais com a cabeça demonstrando atenção à conversa. Só depois fui compreendendo

não o conteúdo ou a pauta da conversa, mas, a sua motivação. A fala do interlocutor de Leonardo permitiu-me inferir que a conversa girava em torno de uma disputa de poder. Falava-se do comportamento inadequado de alguém, da falta de mobilização de outros. Tudo isso aparentemente irritava aquele sujeito de uma forma tal que tomei a palavra tentando acalmá-lo. Ele pouco me deu atenção. Acabei mudando a minha também, sem sequer sair de onde estava.

Passei a observar um grupo de cinco meninos com idades entre 4 e 9 anos pescando bagres na beira do Paredão do Titanzinho. Os meninos arrancam-lhes os esporões das barbatanas laterais e jogam os peixes vivos de volta ao mar. Esse tipo de peixe costuma nadar em águas rasas e quando se sente ameaçado, arma seus espinhos com uma toxina que em contato com a pele humana causa uma dor intensa quando em contato com a corrente sanguínea, o que causa frequentes acidentes naquela área. Quando um esporão encrava na pele, é necessário tirá-lo sem quebrar, caso contrário as pessoas devem procurar assistência médica para tratar do ferimento.

Em um momento de pausa na conversa de Léo com seus colaboradores, perguntei-lhe sobre a construção do paredão, obtendo a seguinte resposta: “Eu não sei não, tem gente muito mais velha aqui que pode te responder”. Era evidente que ele estava se referindo a um senhor sentado em uma tábua de madeira que lhe servia banco, sob sombra de uma castanheira, olhando o mar. Sentei-me a seu lado e refiz a pergunta, o que me rendeu uma boa experiência.

Segundo relato desse morador, nascido em 1940, os barracos da região ficavam onde hoje é uma área de acesso restrito da Marinha, na praia Mansa. Durante a construção das docas, as famílias moradoras da área foram expulsas. Segundo meu informante,

A entrada nas docas só é permitida com a apresentação da carteira marítima, a matrícula dada pela capitania dos portos para quem trabalha ali. Antes qualquer um podia trabalhar ali, hoje é necessário fazer um curso de técnicas marítimas.

A construção do porto de Fortaleza demandou a edificação de um dique conhecido como o Paredão do Titanzinho, como lembra meu informante:

Um trem a vapor foi usado na construção do paredão. Aquela casinha ali era onde ficava uma balança que eles mediam o peso das pedras. O final dele foi feito por caçamba. Foi Deus que colocou essa terra aqui. O mar ia até ali na frente. Depois da construção do paredão o mar foi jogando areia e as pessoas foram chegando. Aqui tudo era morro. Quando tinha seca no sertão, aqui enchia de gente, tudo parente dos que já tinham por aqui.

As primeiras pessoas que chegaram foram as famílias expulsas da praia Mansa em função da construção do porto. A conversa com esse morador terminou por aí.

Neste dia eu não era o único estudante, alguns outros pesquisadores que vinham desenvolvendo estudos com Léo também estavam presentes. Depois das conversas comemos bolo em uma lanchonete da rua detrás e caminhamos até a escolinha de surfe do Fera. Brincamos de “adedonha” com um grupo de mais ou menos doze crianças. Elas contavam as letras e em seguida falavam alguma coisa que lhes fosse importante com a letra sorteada. Depois da brincadeira as crianças, que deixaram de ser o centro de nossa atenção, se dispersaram, porém antes de saírem todas, umas delas pediu para olhar meu caderno, pegou a caneta que estava presa ao arame e em uma folha em branco desenhou uma linha que subia e descia, assim como as ondas do mar.

A conversa de Léo era agora com a gente. Ele começou dizendo que havia deixado propositalmente o celular em casa, para saber quem iria mesmo sem falar com ele naquela manhã. “Ainda bem que eu vim...”, pensei. Sua fala abordou o comportamento de cada estudante. Dirigindo-se a mim, admitiu saber como se deu a construção do paredão, afirmando, no entanto, que a sua resposta não tinha o menor interesse para minha pesquisa. Concluiu dizendo: “Ganhem a autonomia do campo de vocês!”.

O terceiro acesso etnográfico que tive foi com minha orientadora. Esse encontro além de me levar a uma área do Serviluz até então inacessível a mim acabou sendo uma outra aula de pesquisa etnográfica em campo.

Nessa ida à campo, um bar que fica em cima da linha do trem nos chamou a atenção. Uma surpresa: mas como é que essa história funciona assim em cima da linha do trem? A senhora, dona do bar, só servia cerveja, nada além de cerveja. Do outro lado da rua, umas “barraquinhas” vendiam comida, vatapá, arroz, farinha. A dona do bar nos dizia: “Olha, faz é tempo que eu tenho esse bar aqui. Eu criei praticamente a minha família desse bar, agora tudo com muito respeito”. Então nos contou a história de um rapaz que chegou lá e disse: “Eu quero esquentar o prato”. A filha da proprietária o levou à cozinha. Em seguida, o rapaz colocou o prato no micro-ondas, aquecendo-o para cheirar uma carreira de cocaína, o que a fez intervir: “Não, aqui não se faz esse tipo de coisa”. Pode-se ver que há toda uma moralidade, toda uma ética e toda uma etiqueta naquele lugar.

Um bar em cima do trilho do trem. Mas por que em cima do trilho do trem? Perguntamos à proprietária que, em atenção aos clientes curiosos, juntara-se à nossa mesa. Seguindo o diálogo: “Não, é o único lugar que tem...”. “E como é que é? E quando o trem

vem?” “Não, a gente escuta de longe e vem um eco: Olha o trem, o trem tá vindo! Aí a gente tira as cadeiras e a mesinha, que é de plástico, afasta um pouco, trem passa e depois volta pro trilho do trem”.

Contudo, meu maior envolvimento era com a “outra banda” do Serviluz onde eu conhecia mais pessoas e onde acabei por fazer parte de um grupo de teatro. Isso fez com que a pesquisa não seguisse por esse microcosmo atravessado pelos trilhos do trem. Acabei abraçando e sendo abraçado pelas redes lançadas no Titanzinho. Após negociações de convivência, após o estabelecimento de redes de relacionamento que antes não se definiam muito bem, acabei por me tornar membro do grupo de teatro da companhia Pã, que realizava o projeto voluntário “Farol da memória”. Assim justificava minhas idas ao Serviluz, afinal agora eu tinha algo a fazer lá, não seria um mero espectador. Enquanto mero espectador, eu não tinha local para sentar e estava deslocado nas rodas de conversas. As aulas de teatro me estabeleceram em um lugar nas redes relacionais: de uma só vez me colocaram em contato direto com uma dezena de actantes. Entenda-se com Latour (2009) que actante é qualquer pessoa, instituição ou coisa que possua agência, ou seja, que provoque efeitos no mundo e sobre si próprio. Assim, esses atores, marcados pela heterogeneidade de suas composições, me ofereciam uma considerável mobilidade em campo.

As aulas de teatro me punham em contato não só com meus colegas, mas também com duas associações locais que apoiavam a iniciativa cedendo espaços para a realização das aulas. Além disso, depois das aulas, salvo raras exceções, toda a equipe se reunia no bar do “seu” Luciano e tomávamos cerveja. Algumas pessoas que passavam pela rua se juntavam, quando já não nos aguardavam para conversar, contar piadas, beber cerveja gelada olhando o mar e tendo como tira-gosto uma caprichada porção de camarão a alho e óleo por apenas sete reais. Todos esses vínculos fizeram com que minha presença aos poucos se tornasse familiar e rotineira. O receio de ser assaltado se dissipava em minhas andanças pelo Serviluz.

Cada uma dessas vias de acesso ao campo me deixou uma lição. Pela primeira via, a da primeira visita ao Serviluz, eu podia até ter me sentido sozinho, mas não estava de fato. Afinal, o sentimento de solidão que me seguia se mostrou injustificado. Vínculos institucionais além de muitos olhares me acompanhavam, cabia a mim reconhecê-los. Eu já fazia parte da rede, ainda que não tivesse me apercebido disso.

Pela segunda via, a que se deu na companhia do professor Leonardo Sá, tornou-se claro para mim que as respostas às minhas indagações quem deve dá-las é o campo. E, mais que isso, tempos depois percebi que também as próprias indagações devem vir do campo, uma vez

que aquele que se restringe a indagar pode perfeitamente conduzir uma conversa e privar os sujeitos da pesquisa da oportunidade de discorrer sobre o que lhes seja mais relevante. Em minha segunda visita ao Serviluz formulei algumas explicações unilaterais, assimétricas. Aplicando a noção de antropologia simétrica de Latour (2009), com quem Castro (2002, p. 115) dialoga, “a antropologia é tomada como uma prática de sentido em continuidade epistêmica com as práticas sobre as quais discorre, como equivalentes a ela”. Em minhas primeiras entrevistas eu pedia explicações sobre o que me parecia mais significativo e, a partir das explicações dadas aos problemas que eu mesmo propunha, eu produzia uma interpretação pautada por minhas necessidades intelectuais influenciadas pela tradição acadêmica racionalista. A explicação que dei, por exemplo, para a retirada dos esporões pelas crianças, dificilmente seria compartilhada por aquelas crianças.

Já pela terceira via de acesso vivenciada na companhia de minha orientadora, pude observar sua maneira de conversar e de dar ouvidos, as narrativas que pouco a pouco desvelavam as trajetórias dos personagens envolvidos na composição da rede de socialidade daquele bar atravessado pela linha do trem.

Foi um dia repleto de informações interessantes que iam surgindo ao longo das conversas que com sutileza passavam por diversas perspectivas do Serviluz:

Na favela, o pessoal quer que a gente ande com o vidro aberto e se for de moto é sem capacete pra eles saberem quem é que tá andando. Uma vez eu tava andando com um amigo, aí apareceu os cara armado na frente do carro, a aí eu abri o vidro bem rápido. Quando eles viram que era eu gritaram: “atira não que é o ...; porra, ..., anda assim não!”

Aqui tem muita mulher evangélica e tem também muita mulher piriguete. Tem também muita gente boa. Tem mulher que trabalha sozinha para sustentar os filhos. Criam os filhos só, eles mesmo [os filhos] se cuidam só. A comunidade ajuda. Os homem muitas vezes não assumem.

Têm casas que só têm fachada, mas que dentro são casas destruídas, não têm nada. Só um colchonete, uma vela, a mãe fumando pedra e o filho de um ano dormindo na rede.

Aqui era um lugar de zona, prostituição. Tem ainda a Maria Macaca, a Dona Nelsa, o bar da Preta (herdado da mãe). As mulheres mandavam. O roubo foi que prejudicou muito, aqui foi ficando perigoso, antes vinha gente de longe, vinha gente de carro... Agora que é o tráfico que manda, os traficantes proibiram o roubo. Os traficantes proibem o roubo aos que vem de fora para evitar que a polícia entre na favela por causa de um ladrãozinho e acabe descobrindo uma “bocada” grande.

Essas novas perspectivas que se abriam fizeram com que eu percebesse melhor a complexidade da dinâmica social do Seviluz, a forma como seus diversos segmentos interagem.

Outra coisa que me pareceu interessante na narrativa destes percursos foi a própria maneira como eu os descrevia. Em minhas primeiras visitas, servi-me basicamente de minhas anotações do diário de campo e tive de me esforçar para não reescrevê-las completamente. Com exceção de algumas passagens entre as narrativas ou de alguma adaptação para que fluíssem melhor no corpo do texto, são as mesmas anotações que possuo no diário de campo. Esse esforço me pareceu relevante por demonstrar distanciamento da realidade cultural do grupo em que negociava meu acesso etnográfico. Atualmente sou capaz de perceber nessas descrições iniciais que elas não possuem o envolvimento necessário para uma etnografia. Não havia nelas o choque cultural, eu ainda não sabia dar espaço aos sentimentos emanados do campo.

Por tudo isso, considero que as sucessivas idas ao Serviluz consolidaram meu caminho rumo à formulação de um saber etnográfico, saber que enfrenta o desafio de desvelar em *a posteriori* a *épistémè* do outro formulada a partir do que lhe foi dado como *a priori*, pois, como propõe Foucault (2005, p. 255): “A história do saber não pode ser feita senão a partir do que lhe foi contemporâneo, e não por certo em termos de influência recíproca, mas em termos de condições e de *a priori* constituídos no tempo”.

As crianças que arrancavam os esporões dos bagres simplesmente repetiam o que seus pais faziam. Como acontece com as crianças quando estão brincando: elas adquirem conhecimento. A partir disso, mas logicamente não apenas disso, formulavam sua *épistémè*. Segundo Foucault (2005, p. 215), a *épistémè* é o “que define as condições de possibilidade de todo o saber, quer seja o que se manifesta numa teoria ou aquele que é silenciosamente investido numa prática”. Ora, o meu esforço de compreensão se propôs incidir sobre como se dá a formulação teórica, inexoravelmente vinculada à prática, no contexto de vida do Serviluz. Quer dizer, tentei objetivar a *épistémè* “nativa” em seu processo de fluidez.

Chegava o momento em que, com o olhar armado, eu deveria experienciar o elo da cultura socioantropológica com a cultura da favela do Serviluz. Contudo isso não se deu da noite para o dia. Não bastou que eu fosse simplesmente a campo. Foi necessário que eu continuasse seguindo pelas aberturas. Detalhando melhor o processo de aproximação, passo ao relato de algumas idas ao campo que considero mais significativas por terem me conduzido a um momento de virada.



Fonte: Autoria própria, 2011.

2.3 “A Pessoa Tem Que Merecer Confiança.”

Em uma de minhas idas ao Serviluz, por volta de nove horas da manhã me aproximei de um portão de ferro que funciona como porta da Associação Atlética Esportiva Combate, localizada nas areias da praia do Futuro. Um cachorro que estava a poucos metros começa a se aproximar de mim a passos lentos, porém, a cada passo, um latido, o que me fez recuar. Antes disso, olhei mais uma vez por entre as frestas do portão, mas a associação não apresentava sinal de estar em funcionamento naquele momento e, com os latidos do cachorro me intimidando, não me julguei com muito tempo para esperar a confirmação definitiva de que realmente não havia ninguém ali. Afastei-me e perguntei a uma senhora que passava do outro lado da rua se a associação estava em funcionamento. Ela respondeu que as pessoas da associação eram aquelas ali. Apontou-me um homem que pintava uns bancos de madeira instalados na margem de uma rua que terminava em frente à associação.

Aproximei-me do senhor que até então não conhecia. Confirmei que ele é realmente um dos membros da associação. Expliquei-lhe rapidamente o motivo de estar ali. Disse que

gostaria de realizar um trabalho voluntário na associação e pretendia fazer uma pesquisa sobre as mães de usuários de *crack* – lembro mais uma vez que esse projeto foi posteriormente abandonado em favor do atual, dedicado ao estudo das redes de socialidade do Serviluz. Em seguida perguntei a meu interlocutor por minha primeira informante e seu marido. Ele certamente os conhecia. Então recebi a notícia de que eles estão em viagem ao Rio Grande do Norte, participando de um evento de artes marciais. Percebi que eles eram reconhecidos por meu interlocutor como os líderes daquela associação.

Esse senhor, tinha por volta de 38 anos. Em nossa conversa, intercalada por suas pinceladas no banco de madeira, ele me disse: “Tem muita gente que a gente ajuda e depois dá as costas pra gente. A pessoa tem que merecer confiança”. Não teria ele razão? Depois olhou para mim e falou em tom sério: “Quando as pessoas me perguntam onde eu moro, eu digo que é no ‘Vixe’. Sabe por quê? Porque quando eu digo que moro no Serviluz todo mundo fala ‘vixe Maria!’”.

Entendi que de alguma forma obtivera a sua simpatia ou ele não me contaria piadas. Mas o seu recado já havia sido dado: “Tem muita gente que a gente ajuda e depois dá as costas pra gente. A pessoa tem que merecer confiança”. Em seguida, perguntou-me onde eu morava.

Essa pergunta sobre “de onde eu venho” foi a que mais me foi feita. Mais inclusive do que: “O que você quer andando por aqui?” ou, em formas mais polidas, “O que você pretende fazer na comunidade?”, “O que você deseja no Serviluz?”. Descobri com o passar do tempo que as informações ao meu respeito corriam pelo bairro. Pessoas, com quem eu jamais havia falado, cumprimentavam-me pela rua. Isso, de acordo com o que os próprios moradores do Serviluz me diziam, aumentava a minha segurança.

As primeiras percepções ao chegar a campo para a realização do antigo projeto sobre as mães de usuários de *crack* era de que eu estava envolto em uma dupla ameaça: por um lado, a violência do próprio ambiente que convive com leis oficiais, mesmo que muitas vezes mal aplicadas e distorcidas pelos agentes das forças policiais. Por outro lado, a convivência com um sistema de leis estabelecidas de maneira não oficial e de apreensão mais complexa, já que são leis executadas sobretudo nas práticas cotidianas e não em manuais de conduta, ainda que estes possam existir, para situações específicas. Havia ainda uma justa desconfiança em relação às reais intenções do pesquisador. Ora, todas estas dúvidas geram inquietações em ambos os lados.

Aprendi na teoria e agora aprendia na prática que o etnógrafo deve saber dialogar com valores morais, estéticos, tradicionais, pois são elementos que compõem a organização do contexto social. Lidando com esses elementos procurei perceber como se configuravam as hierarquias de valores daquela população. O que lhes pareceria mais vergonhoso? Reagir violentamente a uma ofensa no momento em que essa é feita ou não reagir de modo algum? Qual o motivo da reação tomada? Raiva, vergonha, medo? Como o agressor é pensado? A atitude do agressor pode ser repensada pelo restante da comunidade considerando-se a reação de quem foi agredido ou uma coisa independe da outra? É um trabalho que exige uma negociação entre culturas, entre as expectativas do etnógrafo e as da população “nativa”. Trata-se da troca de pelo menos duas imaginações conceituais.

Dava-me conta de que o sucesso do trabalho do etnógrafo consiste em sua capacidade de apreensão e tradução³ das teias de significados das experiências humanas que compõem as cosmovisões de determinada população. A tradução deve torná-las inteligíveis, de acordo com os parâmetros científicos vigentes, legitimados e institucionalizados pela ordem oficial e dominante, para a qual, via de regra, os etnógrafos submetem seus esforços de pesquisa. O objetivo é fazer com que se abra um caminho, de modo algum o único possível, que permita que cosmovisões, fora dos padrões científicos e oficiais, obtenham maior reconhecimento de suas ordens e valores. A finalidade é favorecer a legitimação dos valores dessas comunidades em contextos que se estendam para além de seus próprios horizontes. Sendo assim, não caberia ao etnógrafo portar-se como sujeito de enunciação. A problemática teórica deve ser formulada pelo campo, pelos sujeitos da pesquisa.

Contudo, ainda era necessário passar por um desmascaramento (Wagner, 2010) de minha própria cultura para que eu abandonasse o monólogo de minhas representações, afinal, até aquele momento da pesquisa, tanto as questões a serem pensadas eram levantadas por mim quanto era eu, apoiando-me em um repertório teórico, quem apresentava as soluções.

³A tradução, como é trabalhada por Santos (2006, p.123) “É o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre experiências do mundo [...] trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiência nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou como partes e como realidades que não se esgotam nessas totalidades ou partes. Por exemplo, ver o subalterno tanto dentro como fora da relação de subalterno”.

2.4 Ganhando a Confiança

Em uma tarde de domingo, após o jogo, houve uma confraternização dos jogadores com familiares, amigos e vizinhos. Alguns consumiam cerveja. O estoque modesto fazia com que de tempos em tempos se fizesse uma vaquinha entre os que queriam continuar bebendo e alguém ia até uma bodega comprar mais cerveja. O percurso, contudo, geralmente se fazia na companhia de algum amigo que ajudava a trazer a cerveja. Naquele domingo a confraternização havia durado toda a tarde e já se estendia pela noite quando decidi voltar para casa. O esportista e a mulher da associação me acompanharam até a parada de ônibus. Neste percurso, ele me interrogou sobre o que eu realmente estava querendo pesquisar. Como as explicações mais gerais já lhe haviam sido dadas, perguntei-lhe se gostaria que lhe apresentasse um texto no qual eu refletia sobre temas de minha pesquisa. O esportista gostou da ideia e combinamos que na segunda-feira eu voltaria ao Serviluz pela manhã para apresentar meu texto a ele e à mulher da associação. De qualquer forma, adiantei-lhe que uma de minhas intenções era dar uma contribuição que rompesse com a visão estigmatizada sobre o Serviluz. Relatei-lhe que já havia ouvido uma pessoa afirmar que noventa por cento da população do Serviluz é composta por marginais ou prostitutas.

Em meu reencontro com o esportista na segunda-feira, ele comentou que aquelas porcentagens absurdas apresentadas acerca da população local haviam lhe causado pesadelos:

[...] sonhei que tinha assim uns helicópteros cercando toda a favela e a gente só via a luz vindo lá de cima e aqui todo mundo correndo, mulher, criança o povo saindo pelas janelas... aí eles começaram a... atiravam mísseis contra a favela.

Passo agora a explicar o motivo que me levou a apresentar o texto de minhas reflexões sobre o Serviluz para eles. Por essa ação procurei pôr em prática uma tentativa de superar o monólogo de meu discurso a partir do que eu havia inferido a respeito da meta-etnografia contemporânea apresentada por Caldeira (1998). Pretendia, desse modo, menos do que lhes apresentar minhas reflexões sobre as dinâmicas sociais do Serviluz, realizar uma espécie de acariação do meu ponto de vista com os deles, perseguindo o objetivo de evitar os silenciamentos que se dão quando o antropólogo se põe como interlocutor da voz “nativa”. Ao lado disto, nesta mesma tentativa, buscava em minha escrita uma maneira de passar a palavra a meus colaboradores. Assim como indica Caldeira (1998, p. 141),

A idéia é representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma plurivocalidade, uma “heteroglossa”, e para isso todos os meios podem ser tentados: citações de depoimentos, autoria coletiva, “dar voz ao povo” ou que mais se possa imaginar. O objetivo final no que diz respeito ao autor, seria fazer com que ele se diluísse no texto, [...], dando espaço aos outros, que antes só apareciam através dele.

Ressalve-se ainda – para não cairmos em um idealismo que no fim das contas aniquilaria com o papel do antropólogo – que a relação do antropólogo com a cultura não é a mesma das pessoas que a vivenciam. O antropólogo é alguém dotado de ferramentas metodológicas, de alguma vantagem epistemológica sobre o “nativo” que o possibilita uma abordagem mais técnica e sistemática de grupos ou fenômenos culturais (CALDEIRA, 1998).

No entanto, isso não o coloca como senhor do saber. Para isso ele teria de estar inserido de tal modo nas representações “nativas” a ponto de confundir-se com os “nativos” de fato. Ora, ao mesmo tempo que teria de possuir um olhar distanciado do outro, ele seria o outro de si mesmo, o que geraria um paradoxo.

Servindo-me da contribuição de Caldeira (1998) no que diz respeito ao esforço de uma plurivocalidade do texto etnográfico como prática metodológica, combinei com alguns de meus colaboradores a leitura do artigo que eu havia escrito sobre o Serviluz. Como já disse, tratava-se de uma experiência metodológica, orientada pelos princípios da meta-etnografia contemporânea. O artigo fora intitulado “Razões do Serviluz”. Durante a apresentação – veremos a seguir – ficou evidente quão pretensioso era aquele título, pois o trabalho praticamente não tinha outra razão senão a minha própria.

A leitura integral do texto foi realizada com algumas pausas nas quais eram feitas intervenções por parte de meus colaboradores, quais sejam: entre as favelas que eu citava como vizinhas do Serviluz, a Favela do Pau Fininho era desconhecida pelo esportista e outras favelas se anunciavam: Favela da Sardinha, do Saboré e Proavi. A expressão “bicho louco”, segundo me foi dito naquele momento, estava sendo entendida por mim em sentido oposto ao do uso local: “bicho louco” não é empregado em referência aos usuários que estavam dispostos a tudo, sob efeito de drogas. Estes, no código linguístico do Serviluz, eram chamados de “doentes”, “laranjas” ou “aviãozinhos”. A mulher da associação os descreve:

[...] passam droga, vendem dez pedras para ganhar uma, se metem em coisas que não têm nada a ver com eles. Fazem coisas para defender o grandão. Eles assumem a culpa no lugar deles. Os traficantes grandes a gente chama de “cachorro grande”, “pit bull”.

Portanto, quando eu falava em “bicho louco” referindo-me equivocadamente aos usuários, a população local pensava nos grandes traficantes. O esportista se referia a estes como “os bichões” ou “monstros”.

Outro momento de intervenção na leitura se deu quando citei como atleta de destaque do Serviluz apenas Tita Tavares, campeã mundial de surfe. Foram citados também entre os surfistas: Michel Dias, Paulo Cavalo, Lucinho Lima, Regidário Lima e Thiago Dias. Além de destaques do surfe, descobri que o esportista havia sido campeão cearense de *mixed martial arts* (MMA) em 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001. A mulher da associação disse que ela também foi três vezes campeã cearense de MMA e campeã em uma competição internacional que ocorreu em Fortaleza. O time de futebol de areia do Serviluz também foi citado por ter vencido oito vezes o campeonato municipal de Fortaleza. Tais informações refletem a importância do esporte naquele microcosmo.

A tentativa de compartilhar um texto produzido submetendo-o ao debate se mostrou bastante proveitosa, entretanto, acabou não se repetindo. Minha busca de uma autoria coletiva se esforçou em evidenciar o entrelaçamento de minhas representações às representações de meus colaboradores.

Consequência desse esforço, algo muito importante aconteceu após a discussão do texto: fui convidado para tomar um café na casa da mulher da associação e do esportista. A casa de porta estreita me surpreendeu em seu tamanho. Era uma casa comprida, sala, quarto e cozinha alinhados ao longo de um corredor. Foi a primeira vez que fui convidado a entrar na casa deles, apesar de já ter ficado à porta várias vezes enquanto os esperava para alguma conversa na qual negociava meu acesso ao campo. A partir da discussão do texto pensei que eu havia sido aceito. Naquele dia parecia que eu havia merecido a confiança deles. Pude, enfim, saborear de sua hospitalidade: me foi oferecido café com leite, pão com manteiga e sardinhas fritas com farofa.

Se aproximava o momento que marcaria o desmascaramento de minha cultura devido ao fortalecimento do elo cultural que minhas visitas ao Serviluz possibilitavam.



Fonte: autoria própria, 2011

2.5 Momento de Virada

Faltavam duas semanas para que se completasse um ano desde a primeira visita ao Serviluz. Em uma manhã de domingo, dia de jogo do Bragantino, time que contava com a participação de membros da associação de que eu havia me aproximado, assistia ao jogo junto à torcida composta por algumas crianças, jogadores reservas e amigos dos jogadores. Estava ali orientado por um conselho que me havia sido dado em campo:

[...] Se você quiser conhecer a galera daqui, vá pro jogo. É bom que tu já fica logo conhecido também. Eles te veem andando com a gente e já sabe: ah, ele tá com aquela galera lá... é amigo de Sicrano e Fulano.

O futebol atua de forma marcante como agenciador de um microcosmo, ao mesmo tempo, segmentado pelos pertencimentos às diferentes equipes e unido pela disputa entre elas. Os participantes perseguem o prêmio máximo que é a conquista do campeonato, o que

permite à equipe campeã comemorar orgulhosa, “de boca cheia”, a soberania de seu time. Além disso o futebol agencia confraternizações conhecidas como “basquetadas”.

Nesse dia o Bragantino venceu o adversário por um placar de 6 a 1. O time estava comemorando com cerveja, música, comentários sobre a partida, piadas e provocações bem-humoradas aos jogadores de outros times que também faziam parte da confraternização rotineira em fins de semana. Muitas crianças brincavam nas ruas, jogavam cartas, dominó com os adultos, conversavam e corriam em pequenos grupos. A comida fora preparada em uma panela grande, contando com a colaboração de vizinhos, amigos e parentes dos jogadores. Observei que costumam cozinhar tudo junto: carne com osso, frango, peixe, feijão e muito arroz. Nesse dia havia também sardinhas assadas na brasa que enriqueciam os pratos. Assim era a “basquetada”: ao estilo do “baião de dois” – prato típico cearense que mistura originalmente apenas arroz e feijão na mesma panela – estava pronto um prato preparado e consumido coletivamente. Nestas ocasiões, serviam em pratos fartos primeiro os jogadores, possivelmente por estes estarem com mais fome depois de terem jogado sob o sol quente. Em seguida serviam as crianças, mas essa sequência é um tanto arbitrária, pois os pratos servidos não fugiam à regra de ser compartilhados entre os mais próximos.

Logo que cheguei fui chamado para me sentar à mesa. Serviram-me um copo de cerveja. Fiz algumas fotos ao som de músicas de pagode que eles cantavam e ditavam o ritmo batucando em panelas e em baldes plásticos, além de retirar outras sonoridades de um saco de colheres de plástico. Depois fui convidado a participar de um “racha” no campo de areia ao lado da associação. Participaram do jogo eu, umas três crianças entre 7 e 9 anos, duas mulheres jovens, entre 17 e 20, dois jogadores do time principal e dois do aspirante. Esse jogo vislumbrava apenas diversão compartilhada entre adultos e crianças. Havia um claro incentivo para que os mais jovens participassem. Quando um jogador chutava a bola com mais força era logo repreendido: “Tu joga assim quando for com os grandes, tu mete a bicuda num menino desse, quebra o dedo do menino”. Como eram apenas dois que faziam o jogo mais duro, um em cada time, quando eles disputavam a bola entre si, eu ouvia o comentário: “olha aí, deixa os brabo”. Para eles, os “brabos”, o jogo mais duro de um servia de justificativa para o endurecimento do jogo do outro. Percebi um equilíbrio entre um estilo de jogo levado na brincadeira, atendendo as demandas das crianças de entrar em campo, de desenvolver e mostrar as habilidades com a bola, e um estilo de jogo mais duro em que prevalecia o espírito competitivo próprio dos campeonatos. Nestes, quem “brincar” com a bola, quem “der mole” ou desperdiçar uma boa oportunidade de fazer o gol é severamente reprovado. O jogador que

“dá mole” não tem tempo nem de terminar a partida, a própria torcida se manifesta gritando para que ele jogue da maneira que se espera. E qual seria a maneira desejada? Espera-se que o jogador não perca a bola, faça com que esta se aproxime do gol do adversário e que a faça passar por suas traves. Com quanto mais beleza se fizer cada uma dessas etapas maior crédito terá o jogador, sendo que a que mais importa é a fase de conclusão: fazer o gol no time adversário.

A brincadeira no campo com as crianças foi interrompida quando o time do Bragantino entrou no campo, tomando a bola e driblando os que estavam jogando. Havia uma partida de jogo amistoso marcada para aquela hora. Dessa vez o time do Bragantino perdeu por 11 a 2.

Quem estava no primeiro jogo foi tirar a areia. Era utilizada uma bomba de água manual que enchia um balde dentro da associação. Em seguida, eles traziam o balde para fora e viravam-no sobre a cabeça uns dos outros. A brincadeira era agora de molhar. Um dos jogadores do time principal, que havia jogado no campeonato e acabara de jogar também com a “molecada”, pegou parte do gelo utilizado para resfriar a cerveja, colocou dentro do balde cheio de água e virou em sua própria cabeça para se refrescar. Tive a vontade de fazer o mesmo. Mas não me sentia com intimidade suficiente. Minha solução para aliviar o calor foi tomar um banho no mar. Foi meu primeiro banho nas águas do Serviluz. Na praia do Vizinho, (praia vizinha da praia do Titanzinho) tomei um de meus melhores banhos de mar em Fortaleza. O mar, com o paredão do Titanzinho fazendo barreira, é “menos mexido” do que na praia do Futuro e mantém suas ondas com uma melhor formação. Tomei o banho de mar sozinho. Havia alguns surfistas bem próximos a mim, mas com meus cinco graus de miopia, não conseguia ver suas fisionomias. Enquanto saía do mar, maravilhado com a qualidade do banho, vi a favela à minha frente. Então passou pela minha cabeça o seguinte pensamento: “Com um mar tão bom como esse, um lugar lindo... e essa favela. Que desperdício! Como Fortaleza cuida mal de seu potencial turístico”. Foi quando me dei conta de que o desperdício ao qual eu me referi é o lar de muita gente. E me perguntei: “Mas e todos que estavam jogando bola comigo agora há pouco, para onde deveriam ir? Para onde deveria ir aquele grupo de amigos que fritava sardinhas, batucava em panelas, jogava futebol?”

Não seria este um dos aspectos mais tirânicos do progresso: a remoção humana em prol da indústria do turismo? Não se trataria de um processo de “higienização social” orientada pela remoção de indivíduos indesejáveis, pobres estigmatizados, para valorização de uma área que passaria a atender às necessidades de outros? Para onde deveriam ir, então, os milhares de

moradores pobres que nasceram, cresceram e construíram todas as suas relações com o mundo a partir daquela área? Por quem deveriam ser substituídos e por qual motivo?

Tornou-se notório: minha participação física, minhas práticas corporais tinham me servido como meio de adquirir conhecimento. Apoiando-me na experiência de Favret-Saada, (2005, p. 157) quando, com relação à sua pesquisa, diz que “tudo se passou como se tivesse tentado fazer da ‘participação’ um instrumento de conhecimento”. Ora, minhas participações nesse dia foram decisivas para que eu fosse afetado, o que, como Favret-Saada (2005, p. 160) propõe, envolve “o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. O que é essencial para qualquer etnografia, posto que, caso isso não ocorra, não haverá diálogo entre as culturas e por consequência não será possível uma etnografia.

Assim, enquanto um de meus projetos de conhecimento – o que tratava do estigma – se desfazia, produzia-se pelo próprio efeito dessa desconstrução um novo projeto de saber radicado na tentativa de superação do choque cultural que eu havia experimentado.

Recorrendo a Wagner (2010, p. 34), pode-se afirmar que o sentimento de choque cultural em relação a um segmento cultural manifesta-se através da inadequação do antropólogo ao “pano de fundo de seu novo ambiente”. Esta inadequação resulta numa maior visibilidade do antropólogo (WAGNER, 2010). Dessa forma, ao participar das atividades de lazer, convencionadas pela comunidade para as tardes de domingo, fazia-se notória minha inadequação. Não só em minha maneira de falar, mas também meus movimentos soavam factícios. Ao bater, ao jogar bola, ao acompanhar a brincadeira de atirar baldes de água uns nos outros, meus movimentos eram, respectivamente, fora de ritmo, inábeis e contidos. Resultado disso era que eu acabava por chamar atenção. Eu era “filmado”, era observado com atenção por aqueles que me reconheciam como alguém de fora.

De toda forma, os processos de interação que tais ações promoviam me aproximariam de suas representações do mundo e acabariam se revelando – ainda que de maneira tácita – uma excelente forma de estabelecer um elo com os significados produzidos pelas relações sociais inerentes aos contextos do Serviluz.

Ora, até então eu me preocupava em evidenciar a dominação simbólica imposta ao Serviluz. Era a problemática do estigma que eu levantava com base em meus referenciais simbólicos, tomando aquelas pessoas quase como objetos, até que eu fosse afetado por suas singularidades. Somente a partir do choque cultural – quando me percebi, de alguma forma, inadequado – foi possível meu acesso às representações daquela comunidade, dando início ao

diálogo entre culturas. Abria-se, então, a possibilidade de saída de uma espécie de monólogo cultural.

O exercício de desmascaramento de minha cultura tornou-se parte de minha estratégia metodológica. Portanto, reconhecer a própria prática etnográfica como uma objetividade é uma invenção cultural (WAGNER, 2010). Isso, evidentemente, se estende a todos os fenômenos culturais que o pesquisador se dispõe a analisar. Nas palavras de Wagner (2010, p. 28): “O antropólogo usa sua própria cultura para estudar outra, e para estudar a cultura em geral”. Com base na informação de que sempre nos apoiamos em nossa própria cultura para apreender a cultura dos outros, o resultado de minha etnografia não poderia deixar de ser o relato de meu choque cultural e de seus desdobramentos objetivados na relação estabelecida com os colaboradores da pesquisa.

Mas até chegar a esse ponto, durante a pesquisa tive oportunidade de reconhecer que o meu projeto inicial de conhecimento voltado para o estigma generalizado dos pobres esteve perpassado por minha origem de classe média. Encontrava-me sob efeito das constantes advertências relativas aos perigos de minha pesquisa. Isso contribuiu para que eu levantasse inicialmente a problemática em torno dos processos estigmatizadores.

Contudo tanta atenção à problemática do estigma acabou por me pregar uma peça: afinal, assim como as incontáveis advertências quanto ao risco de ir àquela área, essa minha preocupação com o estigma estava ela mesma reproduzindo, até naturalizando, a força do estigma que eu me esforçava em denunciar. Quer dizer, seguindo pela maneira como, até então, eu lidava com o campo, minhas problematizações dariam respostas apenas aos problemas que elas próprias propunham sem qualquer abertura para os problemas postos pelo segmento cultural do Serviluz.

Meu esforço inicial não foi, entretanto, completamente sem propósito, pois encontrei indícios de que os estigmas que se vinculam à pobreza são interiorizados também pelos pobres. Tal observação prova apenas que não vivemos em mundos separados e que nossa proximidade no tempo e espaço não poderia deixar de se refletir em nossas visões de mundo considerando-se que os estigmas são compartilhados. Desse modo, em nossas representações do mundo há o compartilhamento de uma organização da ordem de valores. Atribui-se, por exemplo, maior *status* social no dizer “aquela pessoa é ‘importante’”, ao se referir aos que têm mais dinheiro. Seguindo em busca da base desta mesma escala de valores, encontraríamos aí os que, por terem menos dinheiro, seriam classificados como menos importantes? O estigma imposto à pobreza, em um exercício do poder simbólico, é

naturalizado, compõe a doxa de uma sociedade que a classifica em uma posição de inferioridade na hierarquia do espaço social. Desta forma, o estigma acaba por se difundir na classificação de aspectos dos mais variados tipos a ponto de comprometer as qualidades morais daqueles que o reconhecem, ou que têm de lidar com quem o reconheça, como determinante em seus pensamentos.

O que mais raramente se observa em nossa sociedade é o reconhecimento das barreiras que tal estigma produz e, por conta disso, acaba por se imputar aos estigmatizados a responsabilidade por sua situação de pobreza. Bauman (2006, p. 139-140), ao reproduzir uma classificação dos pobres e indigentes difundida no senso comum das sociedades modernas, deixa claro de que forma essas pessoas podem acabar sendo vistas como as próprias responsáveis por sua miséria. A classificação é a seguinte:

Movidos mais por impulsos obscuros que pela razão, gananciosos se bem que incapazes de aumentar seu bem-estar pela parcimônia e trabalho duro, facilmente desviados do dever por prazeres sensuais, improvidentes ainda que invejosos dos frutos da prudência de outras pessoas. Mulheres – dotadas e carregadas de maior mescla de animalidade, incapazes de seguir a forma consistente da voz da razão por se acharem sem cessar em perigo de serem distraídas e descaminhadas pelas emoções.

A descrição do estigma no qual o senso comum envolve a pobreza é reproduzida por Bauman (2006) com o intuito de denunciar a que ponto a sociedade do consumo pode desqualificar aqueles que por algum motivo não se adequaram a seu padrão de consumo.

Tomando por convencional um padrão de consumo localizado acima da linha de pobreza ou daqueles que não se confundem com ela, Wagner (2010, p. 88), nos propõe uma explicação para elucidar como se dá este processo de estigmatização.

Quando o contexto convencional é aquele que serve de controle, o foco do ator se dirige a uma articulação de coisas que se conforma a algum tipo de convenção cultural (e moral). Ele age em conformidade explícita com um ideal ou uma expectativa coletiva quanto ao modo como as coisas “devem ser feitas”, construindo seu contexto segundo linhas que correspondem a uma imagem compartilhada do moral e do social.

Na medida em que os moradores do Serviluz – seja devido à impossibilidade econômica, seja devido às práticas culturais que perpetuam da antiga vila de pescadores ou dos seus membros oriundos do êxodo rural – agem fora do que se determina como convencional pela sociedade dominante – a dos “grã-finos” –, eles se tornam estigmatizados pelos que se mantêm orientados exclusivamente pelas referências da invenção da realidade convencional. Conforme Wagner (2010, p. 84): “Além de dar ao mundo um centro, um

padrão e uma organização, a convenção separa suas próprias capacidades de ordenação das coisas ordenadas ou designadas, e nesse processo cria e distingue contextos”.

Seguindo agora com Bourdieu (2000), observe-se que a estigmatização é uma violência simbólica que participa da luta pelo poder de definir a realidade social. O problema é que tal definição, ao se relacionar com outras lógicas de organização de mundo, acaba por desqualificar aquelas lógicas que vão de encontro aos interesses da lógica dominante. É com tal dominação simbólica que se justificam, por exemplo, projetos de remoção em massa entendidos como “higienização social”, assim como fora entendida a remoção das prostitutas na década de 1940.

Ao levantar a discussão sobre o processo de estigmatização da pobreza, reconhecendo esse processo como um exercício de violência simbólica dirigida a membros de nossa sociedade, como um mecanismo de dominação, segregação e manutenção da ordem, tive oportunidade de comprovar as distorções, injustiças e inverdades nas quais esse estigma se apóia. Entretanto, até então, eu ainda não havia ultrapassado as fronteiras de minhas próprias representações. Por tudo isso, o estigma foi saindo do centro de minha atenção, só tornando a ser discutido no tópico dedicado aos “envolvidos” e “não envolvidos”, ou seja, já dentro do quadro conceitual do qual os sujeitos do Serviluz se servem.

Feitas essas considerações sobre a mudança de rumo da pesquisa, foi-me possível vislumbrar o caminho indicado pela antropologia simétrica proposta por Latour (2009). Nessa antropologia faz-se o exercício de por a própria cultura numa espécie de segundo plano epistêmico de forma que o diálogo entre culturas viabilize uma continuidade epistêmica entre os segmentos culturais implicados na relação. Os desdobramentos apontados por esta antropologia me permitiram perceber que o que eu julgava inicialmente possuir maior significância no contexto daquela comunidade dera lugar à forma como se estabelecem as relações entre diferentes segmentos da comunidade do Serviluz. Desde então, minha pesquisa não se tratava mais de reconhecer o estigma incorporado e reproduzido inclusive pelos estigmatizados, mas sim da percepção da trama tecida pelas formas da socialidade local.

Tal mudança resultou do sentimento de choque cultural que vivenciei. Foi no momento em que me dei conta da figura do “Outrem” – aquele que, segundo Castros (2002, p. 117), “antes de ser sujeito ou objeto é a expressão de um mundo possível” – que fiquei pronto para perceber as questões que lhes fossem mais significativas. Foi na busca de determinar que questões eram levantadas pela população do Serviluz que acabei por fazer da dinâmica de sua rede de socialidade a questão de fundo desta pesquisa.

Doravante a descrição etnográfica das redes de socialidade da comunidade do Serviluz passam a ser a reflexão de base desta pesquisa. Tendo passado a compreender melhor as representações de mundo daquela população, minhas visitas foram se tornando mais familiares, o que consolidou o elo entre nossos segmentos culturais. É nesse elo que procuro sustentar esta etnografia.

Foto 4 – Praia do Vizinho II, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

3 – NOVAS PERSPECTIVAS, OUTRAS HISTÓRIAS

Fotografia 5 – Praia do Titanzinho, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

Em consonância com a antropologia simétrica (Latour, 2009), na qual se pede que o antropólogo, à medida que se aproxime das representações simbólicas da cultura a ser estudada, saiba se distanciar de suas próprias representações enquanto princípio constitutivo da realidade social ou da própria natureza, dedico-me neste tópico às narrativas das experiências que me permitiram identificar os artificialismos de meu segmento cultural para perceber melhor as organizações das visões de mundo compartilhadas no Serviluz.

Latour (2009, p. 95) destaca a necessidade do antropólogo manter-se no ponto médio entre culturas, “de onde pode acompanhar, ao mesmo tempo, a atribuição de propriedades não humanas e de propriedades humanas”. Quer dizer que tanto a natureza quanto a sociedade precisam ser explicadas e a explicação deve ser buscada por meio dos quase-objetos. Mas, onde podemos localizar esses quase-objetos? Nos não lugares, nos dirá Latour (2009, p. 95)

O não-lugar impensável torna-se o ponto de irrupção, na constituição, do trabalho de mediação. Longe de estar vazio, é lá que os quase-objetos, quase-sujeitos proliferam. Longe

de ser impensável, torna-se o centro de todos os estudos empíricos realizados sobre as redes.

O não-lugar, de que nos fala a antropologia simétrica, seria um estar entre culturas, constituindo um ponto de mediação. É nesse ponto que o *a priori* de qualquer representação passa a ser pensado como um constructo cultural. O que daí for produzido o será *a posteriori* e num exame comum. Não há, contudo, na proposta dessa simetria a esperança de uma homogeneidade, de uma representação singular. O que há são efeitos negociados de rede (LATOURET, 2009).

Aqui minha atenção se deterá na descrição da composição da rede de socialidade do Serviluz buscando elucidar a sua forma e de que maneira interagem as representações constituídas em seu interior.

Opto pela noção de socialidade como propõe Strathern, por ter em vista que ela difere da noção de sociabilidade ao romper com a ideia de que existe uma empatia inerente às relações sociais. Strathern (1999, p. 169) esclarece: “Uma das razões por que eu gosto da palavra ‘socialidade’ é precisamente o fato de ela não ser a palavra ‘sociabilidade’. ‘Sociabilidade’, em inglês, significa uma experiência de comunidade, de empatia”. A noção de socialidade reconhece que as relações sociais se conectam, mas não necessariamente por meio de uma empatia, o que resultaria em uma “sentimentalização da noção de relacionalidade” (STRATHERN, 1999, p. 169). Como também explica Sá⁴, o significado ao qual a noção de socialidade se refere diz respeito a um reconhecimento de que as relações sociais, menos do que pressupor uma integração, presumem uma síntese disruptiva de relações.

Como se verá a seguir, são muitas as perspectivas que se cruzam na tessitura da rede de socialidade do segmento cultural no qual o Serviluz está envolto. Sua teia de significados (GEERTZ, 1989) é composta por conjuntos significativos compartilhados por homens do mar, esportistas, homens e mulheres das associações, prostitutas, catadores de lixo, religiosos, toxicômanos etc.

⁴ Comunicação oral proferida durante aula do Curso de Mestrado em Sociologia da UFC, no dia 25 de fevereiro de 2011.

3.1 Virar Nativo?

O historiador que estava bebendo com dois amigos em uma mesa ao lado do Paredão do Titanzinho, chamou-me para perguntar como estava minha pesquisa: “Tu deve tá gostando, vem pra cá de boa...”

O amigo do historiador, sentado à mesma mesa entrou na conversa: “Eu te vi no paredão, tava te filmando. Aquele dia que tu tava fotografando por lá. Tava te filmando, você tava com o homem do mar, né? Morador daqui... aí você era de casa!”

O historiador, piscando sem disfarçar um dos olhos para o amigo, disse em tom ao mesmo tempo irônico e amistoso: “Você tá quase um nativo”. Com o intuito de fazer com que ele falasse mais incentivei: “É mesmo?” Ao que ele acrescentou: “Você ainda tem uns três ritos de passagem para ser nativo”. “E quais são?”, perguntei.

Após alguma insistência minha em levar a sério o comentário, o historiador respondeu: “Você só vai saber na vida por aqui”.

Depois de alguns outros comentários me perguntou se eu já havia sido assaltado. Respondi que não e comentei: “Espero que esse não seja uns dos ritos de passagem!” Percebi que não adiantaria continuar insistindo nesse ponto.

Aproximou-se da mesa um rapaz. O historiador me disse que o recém-chegado e o homem de *dread*, sentado a seu lado, disputam para saber quem é o mais nativo. Quer dizer que, para eles, ser nativo ou não se restringe ao lugar de nascimento, estando mais relacionado a “consideração”, prestígio. De toda forma não me preocupava especialmente se eu seria ou não considerado um nativo. Afinal, com relação à ideia de “virar nativo”, Wagner comenta (2010, p. 37): “virar nativo” é tão inútil quanto permanecer no aeroporto ou no hotel fabricando histórias sobre os nativos [...]. É ingênuo sugerir que virar nativo é a única maneira de alguém “aprender” efetivamente outra cultura, pois isso exigiria abrir mão da sua própria cultura.

O tornar-se nativo não seria um objetivo do etnógrafo. Tal atitude não seria nem sequer desejável, uma vez que não produziria o choque cultural de onde se origina o saber etnográfico. Ou, pensando agora na proposta da antropologia simétrica de Latour (2009), o tornar-se nativo resultaria numa inversão da assimetria cultural. O antropólogo, nessa situação, não produziria o elo entre as culturas. Indispensável, esse elo é o que possibilita uma continuidade epistêmica entre distintas visões do mundo, matéria-prima do saber etnográfico.

3.2 Entre o Claro e o Escuro

Numa segunda-feira à noite eu estava na associação em uma roda que discutia futebol. O esportista estava no salão conversando com um amigo sobre o jogo realizado no domingo anterior, no qual seu time havia vencido. Segundo os interlocutores o “Bragantino era o time a ser batido do campeonato”. O meu pouco envolvimento com torcedores de futebol do Serviluz – ou com torcedores de outra área, bem como de qualquer outro esporte – fez com que eu esquecesse de levar em conta o ufanismo típico de torcedores que creem que seu time seja o melhor. Tempos depois, com o desenrolar do campeonato pude perceber o exagero de confiança que eles nutriam por seus times os quais, apesar de não corresponder ao favoritismo do campeonato, como propõem seus jogadores e torcedores, seguiam na luta pelas primeiras posições. Depois percebi também como o futebol pode ser fonte de muita tensão, quando por exemplo, os mais empenhados no campeonato acusam os menos comprometidos de ser os culpados pelo fracasso do time. Nesse campeonato quem entra em campo são os próprios moradores. São eles também os reservas e a torcida. A torcida, dessa forma, mantém uma relação bastante próxima com jogadores e técnicos e não são poucos os palpites antes, durante e depois das partidas. Tanta proximidade faz com que seja necessária uma burocratização do campeonato, sendo exigido para participar do torneio o uniforme completo e carteirinha com foto para identificar os jogadores do time. O árbitro é contratado, com o intuito de que as partidas sejam apitadas por alguém mais afastado da rede de amizade que envolve jogadores-torcedores. O futebol desponta como um nó de significados no qual se enlaçam relações de disputa e solidariedade entre os participantes.

Voltando à noite de segunda-feira, na associação: com o passar de alguns minutos as pessoas que lá estavam se despediram e fiquei sozinho com o esportista enquanto a mulher da associação recebia as crianças que iam assinar a lista de presença dos treinos que faziam parte da rotina da associação. Quando fiquei sozinho com o esportista, a conversa ganhou outras conotações, ele começou a falar “que não é fácil, a gente tem muito trabalho e tem gente que ainda fala mal da gente”. A iluminação do salão era feita por uma luz incandescente pendurada na parede e ligada por um fio em uma tomada. Essa luz improvisada devido a um problema no sistema elétrico deixava grandes áreas do salão às escuras. Justamente o jogo entre claro e escuro que se desenhava pelo salão foi usado como metáfora pelo esportista para explicar de que modo ele enxergava a sua comunidade.

Aqui tem muito lugar que é escuro e eu quero levar a luz para eles, mesmo que me digam que eu tô sozinho eu vou continuar lutando, [levando a mão ao peito] só vou parar quando Deus me disser que chegou a hora de parar. O que faz valer a pena é ver o sorriso de um menino desse.

Pedi-lhe que me explicasse: “Olha, algumas dessas criças que estão ali para assinar a lista eram antes aviãozinho”. A conversa é interrompida quando a mulher da associação chega ao salão perguntando se o esportista lembrava de um rapaz que tinha uma deficiência (paralisia cerebral).

Esportista: sim, claro, ele sempre se anima quando me vê [imitando os movimentos, com um braço esticado, sem coordenação].

Mulher da associação: ele morreu.

Esportista : Mas como?

Mulher da associação: Sabe o irmão dele que cuidava dele com o maior carinho. Era a única pessoa que cuidava bem dele. Foi fazer um assalto lá na tropigás e mataram ele. Aí ele não aguentou.

O esportista ficou visivelmente comovido. Admitiu que quando notícias assim chegavam ele desanimava muito. Tornou a lembrar como era sempre recebido com alegria pelo rapaz adoecido e comentou que estava com vontade de chorar.

Foi narrado que o bandido morto “metendo um assalto” com arma na mão era o único que tratava bem o irmão. Era quem mais tinha paciência, quem dava banho, vestia e alimentava o irmão deficiente com afetividade. Assim, a morte de um desencadeou a morte do outro.

A sequência desses acontecimentos me aproxima de perspectivas intersubjetivamente compartilhadas por aquela comunidade. Num curto espaço de tempo passou-se de uma conversa acalorada acerca de futebol – na qual se desenvolveu uma reflexão sobre a importância do campeonato nas relações sociais dedicadas ao lazer –, para a reflexão sobre o trágico destino dos dois irmãos.

Partindo de uma perspectiva que procura se ater ao cruzamento das linhas na tecitura dessas redes de socialidade, é possível observar na metáfora do jogo de luz empregada pelo esportista uma linha que perpassa suas tramas. Explico que, na fala do esportista, os pontos claros e escuros que se intercambiavam no salão da associação são tomados como pano de fundo para uma interpretação dualista do esportista na qual o lado claro, o lado da luz, é relacionado, entre outros elementos, à prática de esportes; enquanto o lado escuro, o lado sombrio, é associado, também entre outro elementos, ao uso de drogas ou de armas. Contudo, a aplicabilidade das determinações dualistas da metáfora perde sua precisão quando se leva

em consideração as diversas situações da vida. Ora, as sombras – que naquele campo de futebol são um tanto escassas para quem procura se abrigar do sol – são freqüentadas por jovens que, encostados ao muro que se estende por trás do campo, usam drogas como maconha e cocaína; e são frequentadas também por atletas. As trajetórias de vida dos agentes deslizam por meio de suas práticas numa oscilação entre claro e escuro, entre luz e sombra. Um exemplo disso é o caso de um jogador, que tendo cheirado cocaína antes de entrar em jogo e corrido sob o sol a pino passou mal e teve de abandonar a partida pouco tempo depois de ter feito um gol.

Tal oscilação na representação de agentes a serem definidos entre pertencentes ao lado iluminado ou ao lado sombrio parece-me tornar-se insuficiente também quando estendida à história dos irmãos mortos. Afinal, o bandido morto era também o único membro da família empenhado nos cuidados ao irmão deficiente. Como fixar uma fronteira, nesse caso, entre claro e escuro, luz e sombra, bem e mal? Até que ponto a condição de banditismo vivenciada pelo primeiro irmão morto poderia ser remetida a algo que se assemelha ao furto famélico, aquele praticado por indivíduo em virtude do estado de extrema miserabilidade? Ou de quem não possui perspectivas de obter renda de outra forma, senão desafiando as leis de uma sociedade que o trata como pária?

Mas tal dicotomização entre o lado da luz e o da sombra; o bem e o mal, não pode ser desprezada por não se mostrar um sistema de classificação apropriado, por não ser capaz de dar conta das ambivalências da vida. Parece-me que o uso desta metáfora, menos do que fornecer um sistema de classificação dos sujeitos, surge como um discurso no qual se realiza um exercício de micropoder (FOUCAULT, 1979), no qual o esportista reivindica um maior valor moral de suas ações na rede social que atua ao descrevê-las como pertencentes ao lado da luz.

3.3 “A Melhor Coisa da Vida É Ser Jovem”

As participações nas aulas de teatro me proporcionaram a oportunidade de ampliar minha rede de relacionamento com o Serviluz. O grupo de jovens ensaiava na casa do homem das artes. Em dia de ensaio o sofá era retirado da sala e posto na varanda para dar espaço aos instrumentos. Num desses dias eu havia deixado o caderno de anotações sobre o braço do sofá removido da sala para a varanda. Em dado momento, eu estava voltado para o exterior da casa, mas percebi que um dos jovens se aproximou do caderno e começou a folheá-lo. Resolvi

deixar o rapaz à vontade para matar a curiosidade sobre o conteúdo daquelas páginas. Contudo, o caderno, tendo sido comprado no dia anterior pela manhã, não tinha mais do que uma folha escrita com alguns lembretes de uma conversa que tivera com um senhor no paredão naquele mesmo dia. A atitude do rapaz também não passou despercebida pela mulher do teatro que, em tom repressivo, falou para todos ouvirem:

MULHER DO TEATRO: Ei, vai riscar o caderno dele?

Nesse momento me virei e sinalizei com as mãos que o rapaz podia fazer o que quisesse com o caderno. Ele passou algumas folhas e então começou a escrever, levantou a cabeça para pensar, escreveu mais um pouco, fechou o caderno e voltou ao ensaio. Deixou o seguinte escrito:

RAPAZ: Pobre, louco e sonhador é o que sou. E o que todos são. Esperando por uma melhora. Acordando dia a dia, lembrando ter feito uma oração.

O que isto quer dizer? O que é ser “pobre” ser “louco”? Quais os sonhos daquele rapaz? Qual a melhora que ele espera? Essas interrogações me acompanharam nas conversas seguintes que tive com ele. Para que eu entendesse a mensagem era necessário dialogar com ele na tentativa de apreender suas representações.

Quando o interroguei sobre seus sonhos o rapaz que escreveu no caderno fez a seguinte consideração:

Todos nós fomos criados vendo TV para acabar acreditando que um dia seríamos astros famosos ou estrelas do rock, mas nós não somos. E muito lentamente fomos aprendendo isto.

O rapaz definia-se como “louco” por ter idéias que outros não entendiam e comentavam: “este menino é louco!”. O rapaz por sua vez considera que “o pastor conta as histórias dele e ninguém diz nada”. O ser “louco” pelo qual ele se definia parecia se justificar pelo desejo de afirmação de uma liberdade de pensamento. As ideias que ele tinha, compartilhadas com seus amigos de banda, questionavam a legitimidade da fala do pastor. Além disso, o rapaz se mostrava desiludido quanto ao desejo de vir a ser famoso. Neste caso, ser “louco”, muito menos do que uma patologia, era ser o senhor do próprio destino, deter a autonomia das próprias ideias.

3.4 Depoimento do Ex-usuário de *Crack*

O ex-usuário de *crack* pediu-me que sua identidade fosse mantida em sigilo, o que faz com que, neste momento, as etapas empíricas de meu campo cedam espaço para uma apresentação da teoria da multiplicidade de Deleuze e Guattari (1995a). O objetivo aqui é reafirmar um posicionamento teórico no qual me apoiarei ao longo de todo o processo de escrita. Dessa forma, atendendo ao pedido de anonimato de meu colaborador, explico como se estabeleceu nosso contato seguindo uma abordagem teórica que muito se fez presente na maneira como compreendi e interagi com o campo.

As visitas semanais haviam ampliado significativamente minha teia de relacionamento. A convivência com a turma das aulas de teatro contribuiu para que minhas linhas entrassem em contato com uma maior multiplicidade de platôs, como nos explicam Deleuze e Guattari (1995.a, p. 33): “Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade de conectável com outras hastes subterrânea superficiais de maneira a formar e estender um rizoma”, sendo característica do rizoma, por sua vez, conectar

[...] um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo um regime de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos (...) Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n direções, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consciência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade que não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. O rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 32).

Ora, é justamente uma tentativa de compreensão das dinâmicas de linhas que conectam uma multiplicidade de platôs, que seguem tecendo o rizoma em sua contínua metamorfose, ao que se dedica esta pesquisa.

Tomo como temática mais específica neste momento elementos apontados por meu interlocutor que se mostraram relevantes em seu processo de territorialização e desterritorialização do devir-toxicômaco.

O viver “no mundo”, nas festas, foi apontado pelo ex-usuário de *crack* como a causa de sua iniciação no uso das drogas, o ex-usuário de *crack* passando a ideia de que em espaços reconhecidos por ele como “no mundo” o uso de tais substâncias não é tão recriminado. Seria

como um reconhecimento de que em determinados ambientes as práticas desviantes estão mais desimpedidas de ocorrer. Em consonância com Becker (2009, p. 27), quando se muda de contexto, muda-se também o que é considerado desvio: “Desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele”.

Gostaria de abrir um diálogo com o que nos indica Velho (apud LABETE, 2008, p. 137): “Os usos das drogas estão ligados a um processo de negociação da realidade” (p. 137). Tal negociação, seguindo com Velho, “tem a ver com contexto e com as situações, tem a ver com quem você interage”. Essa perspectiva parece encontrar embasamento empírico no relato que se segue:

Comecei porque vivia no mundo, vivia na noite, vivia nas festa, e, se você tá nessa, não tem jeito... você pode não beber... um dia você bebe, pode não fumar... um dia você fuma. Perdi tudo, perdi família, perdi casa, perdi trabalho. Sem contar com a saúde.... Se você analisar esse efeito não é só em mim, é em todos os que usam a pedra. Eu vivia num mundo fora de órbita, me escondia do tempo e do espaço. Eu não me achava o máximo. Usava por gosto, por prazer...

Como nos indica o relato do ex-usuário de *crack*, seu relacionamento com aqueles para quem o consumo de drogas é uma prática – e mais, uma prática incentivada – foi algo que favoreceu sua adicção. Em tal platô, retomando Deleuze e Guattari (1995a), localizaríamos um agenciamento mais destacado em favor de determinadas substâncias.

Valorizando-se a pragmática da agência social, Becker (2009, p. 51) indica que, “ao invés de os motivos desviantes levarem a comportamento desviante, ocorre o contrário; o comportamento desviante acaba por produzir a motivação desviante”.

Contudo, meu interlocutor, já bastante desterritorializado do devir-toxicômaco, segue com o relato.

Eu só comia por que tava vendo que era comida, não sentia gosto de nada. Virava zumbi, só queria saber da droga. Não gosto de relatar porque me sinto chateado por não ter tomado atitude de homem de caráter. Droga não leva a lugar nenhum. Quando você está no mundo das drogas é só consumir, só consumir.... Gasta tudo o que tem, fica na ansia. Ansia é o vício. Ai chega a hora que não tem mais como conseguir a droga ai começa a tirar as coisas de casa. Vendi celular, perfume, butijão de gás... até o butijão de gás eu troquei por droga. A partir da primeira dose vem o desejo que te consome. Para que a gente possa estudar o mundo das drogas é preciso vivenciar o dia. A adrenalina. No momento que queima a cinza é um momento neurótico, não sei nem o que significa neurótico, o que eu quero dizer é que a pessoa tá num estágio de desconhecimento. Só sabe que o fogo queima e ele se apaga. Esse, ele ai, é o fogo que se apaga, é a própria pessoa que acende o fogo, também se apaga. O fogo queima a retina. É um momento extraterreno, você tem alucinações. Capta

sensações e emoções que não existem. Sobrenaturais, momento neurótico. Há um momento de medo e euforia.

Pareceu-me interessante na fala de meu interlocutor quando ele comenta viver num mundo fora de órbita, escondido do tempo e do espaço. A partir de sua atual perspectiva “o mundo das drogas” foi-me apresentado, fazendo-se constantes indicações de um amplo juízo de valor negativo a seu respeito. Contudo a própria noção de valor deve ser problematizada. Parsons (apud BECKER, 2009, p. 137) define “valor” nos seguintes termos: “Um elemento de um sistema simbólico partilhado que serve como um critério ou padrão para a seleção entre alternativas de orientação intrinsecamente abertas numa situação pode ser chamado de valor”. Os valores, portanto, são elementos que entram em negociação na composição da realidade.

Hoje, procuro não lembrar do mundo passado. Não quero lembrar que me traz momento de angústia. Dá vontade de chorar, total angústia. Vontade de morrer... de se matar. Dizem que é depressão. Eu não tenho depressão porque procuro a ajuda de Deus. Independente de qual seja a Igreja, isso não define a Igreja, define Deus. Hoje eu vejo um outro horizonte. Quero algo novo porque eu perdi muito. Perdi crescimento pessoal. Tá na hora de eu abrir os olhos. E o que eu perdi não é nada que eu não possa recuperar porque eu conto com Deus. Os amigos que eu tinha, posso dizer que são ex-amigos que continuam nas drogas. Não conseguem sair por quê? Porque não tem perspectiva. Não buscam a libertação das drogas. Eu encontrei uma instituição: a igreja. Deus restitui o que a gente perde, o que a gente perdeu. A recuperação da gente passa por um período de conhecimento, de reconhecimento de minha família. O que eu perdi... era muito anos de luta. Eu queria ter perdido para Deus e não para as drogas. A minha família não tem culpa da vida que eu levava [o depoente pediu que eu frisasse que sua família não teve culpa]. Com 11 anos fumei o primeiro cigarro e no mesmo ano o primeiro cigarro de maconha. Era noite de festa, eu tinha muitos amigos. Ou era Natal ou era Ano Novo, não consigo lembrar direito. Tinha eu e muitos amigos. Até os 20 anos de idade eu conseguia esconder, depois o meu pai sabia... todo mundo sabia, mas o *crack* ninguém sabia. Quando foram saber é porque eu já tava tirando as coisas de casa. No começo não era sempre que eu fumava não, no último ano já era vício. Todo dia eu tinha que fumar. Hoje em dia eu não lembro mais. Não tenho prazer nem vontade. Hoje eu sou feliz em Deus. As famílias precisam ter atenção. Não é atenção de carinho e afeto. É atenção ao mundo! Os meus [filhos] eu quero que eles tenham cultura, conhecimento, dinheiro...

Gostaria de destacar o fato do ex-usuário de *crack* ter me pedido para ressaltar a ausência de culpa da família e, logo em seguida, encerrar a fala sobre o assunto afirmando que as famílias precisam ter atenção. Parece evidente que, ao frisar que a família não teve culpa, ele puxa para si a responsabilidade de seus atos, porém a fala seguinte deixa transparecer um outro ponto de vista. Neste, a família não é vista como totalmente isenta de responsabilidade, ela precisa estar atenta. Mais uma vez aqui, como na dicotomia entre o “claro” e o “escuro”, exposta anteriormente, seria possível estabelecer uma fronteira bem definida na atribuição de culpabilidades?

3.5 Envolvidos e Não Envolvidos

Apresentam-se a seguir diferentes pontos de vista que se desenvolvem correspondendo às expectativas geradas por movimentações da rede social, na qual se formulam e se reformulam categorias locais. As “pessoas de bem”, os “não envolvidos”, fazendo oposição às “pessoas do mal”, os “envolvidos” ou ainda “os do lado sombrio”. Neste grupo estão os traficantes, viciados, membros de gangues, assassinos e marginais, naquele os reconhecidos como trabalhadores honestos, os fiéis, os líderes comunitários, os chefes de família, isto é, pessoas que levam um estilo de vida condizente com valores morais reconhecidos como legítimos em contextos mais amplos da sociedade. Inspirando-me em Bourdieu, posso afirmar que tais valores seriam dados como legítimos, até mesmo naturais, pelas esferas dominantes de poderes simbólicos de nossa sociedade. Tais construções simbólicas, por serem mais poderosas do que às que a elas se contrapõem, dão um ar de estranheza ao que foge as suas regras.

O que viria a diferenciar uma “pessoa de bem” ou “não envolvida” de uma pessoa “do mal” ou “envolvida” seria o distanciamento do mundo das drogas, das gangues e da criminalidade. Contudo a delimitação de uma fronteira bem definida entre “envolvidos” e “não envolvidos” só é possível quando tais termos são tratados de forma conceitual, abstrata, assim como indicava Max Weber (2009) a respeito do conceito de tipo-ideal.

No Serviluz, as categorias “envolvidos” e “não envolvidos” objetivam um sistema de distinção, indicativo de pertença ou ruptura, que frequentemente promove o distanciamento entre os agentes sociais que compartilham tais códigos de socialidade. Fui percebendo, à medida que tais códigos se tornavam acessíveis a meu entendimento, o grande potencial estigmatizador desse sistema de distinção.

Ao longo da pesquisa, observei que o estigma, conforme Goffman, (1988) imposto à favela é resultado da generalização das ações dos “envolvidos” como pertencentes a toda a comunidade. Isto é, a “comunidade”, mesmo sendo quantitativamente superior, acaba ganhando ares de minoria (Deleuze; Guattari, 1995b) e, com frequência, se torna até mesmo invisível ou não existente enquanto envolta pela doxa do olhar estigmatizado.

Com relação aos efeitos do estigma Goffman (1988, p. 15) afirma:

Por definição, é claro, acreditando que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do

perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.

A seguir, reproduzo trecho do relato de um de meus interlocutores no qual se pode entrever de que forma a estigmatização pode se efetivar empiricamente:

O vizinho aqui, já tava tudo certo pra ele no FB [colégio particular Farias Brito], quando ele disse que morava no Serviluz o cara pediu pra ele voltar no outro dia. O cara que contratava tinha vindo aqui no bairro aí um vacilão assaltou ele fora de hora. Aí ele ficou com essa impressão ruim do bairro. Por causa de um todo mundo paga o pato. O bairro tem mais de vinte mil pessoas nem cinquenta delas são marcadas, de não poderem ir por onde querem.

O relato traz a tona uma das maneiras como se formulam as teorias estigmatizadoras, por meio da generalização de uma característica ruim a todos os membros de um grupo, nesse caso, o dos moradores do Serviluz. Por motivos como esse, há uma tendência dos “não envolvidos” de evitar maiores proximidades de relacionamento com os “envolvidos”. Cito conversas que tive com moradores.

Aqui, já o bairro do Serviluz é diferente, todos os traficantes, os marginais, eles conhecem o trabalho de quem trabalha verdadeiramente e eles não bolem. Eles não mexem, porque eles dizem assim oh: “Se ela não bolir comigo, eu não bulo com ela”. Porque por mais que eles procurem trabalho pra tirar aquele povo daquela vida, mais vai ter, outras pessoas vão entrar, outras pessoas que vão vender, outras pessoas que vão fazer um monte de coisas. Então, se eles não me entregar, eles não bulem comigo, não me denunciam... pra eles tá tudo bom. O importante é não se envolver, não denunciar, porque isso não é trabalho da comunidade em si, é o trabalho da justiça investigar. Que é que acontece? Tem justiça que sabe que alí vende e pega propina, é... eu não posso me meter, por que a justiça tá envolvida. É o que acontece em toda Fortaleza e em todo Brasil.

Em outra oportunidade, o homem do mar, pescador de 57 anos, contou-me que os jovens não podem passar de uma área para outra do bairro. Disse que quando vai trabalhar passa pela Estiva e vê os “envolvidos” armados. E continua:

[...] eu cumprimento, aceno com cabeça e passo, eles nunca mexeram comigo não, mas eu sempre rezo antes de passar por lá. A gente de bem num se mistura com eles não, quem é do mundo deles é que só vive com medo. Quando eles dizem que tem alguém que “está na mira” pode encomendar o caixão. Num dura quinze dias. Uma vez teve uma confusão no colégio e eu fui falar com a diretora. Quando eu voltei, um deles colocou o dedo na minha cara e falou que eu só não tava na mira porque eu já era coroa.

Recorri a esses relatos para enfatizar a busca pelo não estabelecimento de laços sociais, pelo distanciamento nas relações sociais por parte das “pessoas de bem” no trato com as “pessoas do mal”. No entanto, há algo mais que essa fala revela: ela deixa entrever a

comunhão de um *habitus*⁵ unindo as pessoas envolvidas nessas narrativas sobre a vida social que acabo de descrever sumariamente. O mesmo raciocínio aplicado ao olhar da cidade sobre a favela explica essa situação.

Identifiquei também mecanismos de segregação atuando como fonte de identidade, hierarquia, *status* social. Mas dessa vez, no lugar dos “envolvidos”, aqui, o estigma recobre os “pobres favelados”, homogeneizados pela força do estigma, da mesma forma como estes homogeneizam em discursos corriqueiros os “envolvidos” como “homens do mal”. Ou seja, fenômeno de quem ocupa uma posição mais elevada na hierarquia de capital simbólico que desnaturaliza e estigmatiza os que lhe parecem inadequados se repete. O que não se pode esquecer é de que o processo de estigmatização de determinado grupo não se faz sem a ação de um tipo específico de agentes sociais, aos quais Becker (2008) denominou “empreendedores morais”. Recorrendo a Bourdieu, um estigma é o que podemos chamar de uma dominação simbólica. O estigma e a dominação simbólica, portanto, antes de serem um processo natural ou aleatório, são elementos constituídos e constituintes das normas sociais tal como elas se estruturam.

Contudo tal dominação não é plena. Pude observar no percurso no interior daquela comunidade uma busca por reconhecimento. É notório o imenso carinho em suas falas com relação ao mar, às ruas em que cresceram. Há um sentimento de orgulho pelo local de morada, os talentos do Serviluz que se destacaram em diversas modalidades de esporte são apontados com orgulho, são a prova de que o povo do Serviluz é batalhador, de fibra. É um povo “guerreiro”.

Entretanto, quantas precauções tomadas em minhas visitas iniciais:

Na primeira, a atitude do homem que segurava a Bíblia – aquele senhor que encontrei no ônibus – de me acompanhar até me apresentar à mulher da associação que, por sua vez também me acompanhou pelas ruas do Serviluz até que eu subisse no ônibus de volta em segurança. Eles me diziam de maneira direta que não era aconselhável que eu andasse por ali sem ter conhecidos na área, o que pressupõe que eu não fui reconhecido por eles como um semelhante, faltava-me o pertencimento ao local.

Assim teve início meu lento progresso de imersão. Durante as primeiras visitas, eu descia do ônibus e caminhava até a associação em que passei aos poucos a ser reconhecido.

⁵ Bourdieu (1974, p. 201-202), “O *habitus*, sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma determinação, do futuro objeto e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas”.

No caminho de volta, era sempre acompanhado pela mulher da associação ou por alguém que atendia ao pedido dela de me levar à parada de ônibus. A espera de meu acompanhante até a chegada do ônibus, estava subentendida por eles. Nessas circunstâncias meninos de 14, 11 e 9 anos faziam a minha segurança. Ao me acompanharem faziam de mim alguém imerso no contexto do bairro. Mas, paradoxalmente, marcavam também a minha descontextualização.

Eu costumava perguntar à mulher da associação:

Tiago: Aqui é mesmo perigoso? Qual o problema se eu sair andando sozinho?

Mulher da associação: Você sai andando por aí sozinho num é bom não, mas andando comigo, com o esportista, o pessoal da associação eles num bolem não, eles respeitam. Quando você já tiver conhecido aí você pode andar que aí eles vão te ver e saber logo: ah, esse aí é lá da associação.

Um entendimento que me foi possível retirar desta experiência parte do pressuposto de que as notícias de assassinatos, diariamente noticiadas em programas policiais, tomam as periferias da cidade como fonte, aparentemente inesgotável, de casos de morte violenta. Esta forma de divulgação ampla e geralmente distorcidas pelo sensacionalismo, da violência me remete diretamente ao conceito desenvolvido por Bourgois (2001) de “cultura do terror”. O problema é que tal divulgação da “cultura do terror” acaba por permitir, como nos propõe o autor: “La société dominante utilise inconsciemment les image d’une culture de la terreur pour déshumaniser victimes et auteurs, et pour justifier sa mauvaise volonté à regarder en face la ségrégation, la marginalisation économique et la faillite du service public”(BOURGOIS, 2001, p. 67).⁶

Superando as limitações da influência imaginária da cultura do terror a que eu próprio estive submetido, pude enfim realizar um atravessamento que me permitiu sentar num banco de pracinha em meio à criançada que brincava e ouvir as narrativas de quatro jovens que têm suas histórias de vida marcadas pelo pertencimento ao universo das gangues do bairro.

3.6 Conversa no Banco da Pracinha

Quando em agosto de 2011 estabeleci residência em meu campo de pesquisa, o Serviluz, tive a oportunidade de colher depoimentos gravados de quatro jovens que têm as histórias de vida marcadas pelo pertencimento ao universo das gangues do bairro. Neste item

6

Tradução livre: A sociedade dominante utiliza inconscientemente as imagens da cultura de terror para desumanizar vítimas e agressores e justificar sua má vontade para enfrentar a segregação, a marginalização econômica e a debilidade do serviço público.

pretendo realizar uma discussão em torno desses depoimentos, cujo sucesso poderá ser medido pela contribuição para um melhor entendimento das lógicas culturais de membros de gangues.

Ouvi dos jovens entrevistados narrativas sobre o desejo de vingança, que pode se transfigurar em obrigação; sobre a emoção, a “adrenalina” de realizar missões; sobre conflitos com gangues rivais ou com a polícia; sobre o medo de morrer, que muitas vezes é negado por representar sinal de fraqueza ou covardia. Deparei, portanto, com conflitos humanos que antes de se expressarem de modo irracional, animalesco ou cruel, refletem práticas culturais, formas de lidar com o mundo, vivenciada desde o início das vidas de cada um daqueles jovens. Nessas vidas, a guerra entre gangues não é notícia distante de jornal, pelo contrário, é a vida cotidiana deles. Suas narrativas servem de meio, através do qual procuro me aproximar de suas representações do mundo.

Porém, como se sabe, as representações do mundo são formuladas em contextos específicos por noções de regime moral oriundas desses contextos. Assim sendo, procuro pôr em evidência os contrastes existentes entre o regime moral do contexto social desses jovens e o do regime moral do contexto social dominante.

Nesse percurso, realizo também uma busca por eventos críticos, ou seja, aqueles eventos que por se tornarem mais significativos, fazem com que seus significados extravasem sua especificidade, redefinindo as formas de compreensão e ação, nas demais esferas da vida (DAS, 1995).

Entrei em contato com três jovens, sendo que dois deles estavam passando por um complexo processo de ruptura com o pertencimento ao microcosmo de uma gangue do Serviluz, a Galera da Pracinha. Meu contato com eles se deu através da intermediação do esportista, antigo morador da Pracinha. A conversa/entrevista se passou em um banco de praça, ao lado da avenida Zezé Diogo, no período da noite. Dezenas de crianças brincavam pela praça e por vezes me preocupava o fato de eu poder estar gravando mais o barulho de suas brincadeiras do que as vozes de meus entrevistados.

Expliquei aos jovens que se dispunham a ter as vozes fixadas por meu gravador que o objetivo era conhecer suas narrativas, o lado dos ditos marginais, dos fora da lei de nossa sociedade e dos “envolvidos” do Serviluz.

Naquele momento a etnografia de Bourgois (2001, p. 371), sobre um grupo de vendedores de crack no bairro East-Harlem, em Nova York, me influenciava. Sobretudo, quando em sua conclusão ele nos indica:

[...]Mon but le plus immédiat dans ce livre est d'humaniser les ennemis américains sans chercher ni à les censurer ni à les rendre plus presentables. [...] Plus subtilement, je voudrais aussi placer les revendeurs de drogue et les petits criminels à leur juste place dans la société de ce pays. Ce ne sont pas des <<autres exotiques>> opérant dans un enfer irrationnel. Au contraire, ils sont *made in America*.⁷

Em quais condições foram criados? De que maneira conheceram o Estado, isto é, que tipo de participação as instituições estatais tiveram em suas vidas? Da infância ao momento da entrevista, de que forma suas trajetórias pessoais foram influenciadas por instituições de ordem mais abrangente? O que os levou à criminalidade? Quais os seus desejos para o futuro? Essas interrogações certamente não poderão ser respondidas de modo definitivo, mas possivelmente nos ajudarão a compreender como a opção pelo comércio de drogas ilícitas e pelo combate armado pôde tornar-se irresistível para esses jovens.

Esclareço que não caberia em minhas proposições nenhuma tentativa de explicação pelo princípio de causa e efeito. O que se tenta demonstrar, com o auxílio de perspectivas como a de Deleuze e Guattari (1995a), é o funcionamento de máquinas abstratas (Deleuze; Guattari, 1995a), com seus múltiplos e simultâneos agenciamentos compondo as engrenagens que põem em movimento uma infinidade de signos interagindo com símbolos na produção de significantes, estando em mútua dependência todos os elementos em sua cadeia de produção. Passando de sua matéria-prima, os signos, ao produto final, os significantes. Mas não se deve pensar em cadeias lineares, sendo a perspectiva mais apropriada a da interdependência e interação mútua entre cada elemento. Partindo daí, o que tento capturar é o traçado da dinâmica própria do pensamento humano que tal perspectiva nos propõe, buscando compreender o traçado de diferentes planos de representações. O que se tenta responder é: como se dá o agenciamento maquínico na produção das subjetividades desses jovens, inexoravelmente imersos em seus contextos específicos? Quais os planos de ação? Ora, os dois autores nos deixam a pista de que as máquinas abstratas traçam planos “ou ‘diagramatizam’ o que se passa (linhas de fuga ou desterritorializações absolutas)” (Deleuze; Guattari, p. 89). Quais seriam as linhas de fuga destes jovens? A que territorializações e desterritoriarizações eles apontam em seus devires?

As entrevistas visam deparar com situações em que as linhas de fuga e os processos, seja de desterritorialização ou de territorialização, expressam-se com maior clareza no

⁷ Tradução livre: Meu objetivo, mais imediato neste livro é humanizar os inimigos dos americanos sem tentar censura-los ou torná-los mais apresentáveis. [...] Mais sutilmente, eu também gostaria de colocar os traficantes de droga e os pequenos criminosos em seu legítimo lugar na sociedade deste país. Eles não são os <<outros exóticos>> operando em um inferno irracional. Ao contrário, eles são *made in America*.

cotidiano dos jovens. Sendo a descrição desses processos o que realmente nos importa, viso possibilitar um passeio por suas histórias de vida. Sigamos, então, pela infinidade de linhas de fuga, criadoras de devires que se expressam em processos de desterritorialização/territorialização, sendo, por conta disto, conseqüentemente, um espaço de invenção, da criatividade. Passo às palavras de meus colaboradores: o rapaz sentado no banco, o rapaz em pé e o rapaz de bicicleta.

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Tenho 23 anos, já trafiquei, já atirei nos outros, já deixei aleijado, sou marcado quase em todo o canto do meu bairro...

TIAGO: Marcado como? O que é marcado?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É, conflito entre gangue. Tenho uma família que mora aí em baixo eu não posso visitar porque eu sou marcado lá, aí eu não posso. Eu entrei nisso porque mataram um primo meu. Aí eu peguei, morava lá, também né, nas áreas que os caras mataram meu primo. Ali no Titanzinho. Aí andava lá e eles botavam queixo comigo. Eu trabalhava, era trabalhador, cidadão, né, aí de repente comprei logo um revólver, aí fui atrás logo do que não presta, aí de lá pra cá, quando eu ia lá, era só pra querer matar os outros. Atirei num bocado de gente, fiz vários inimigos, aí pronto. Aí viajei um tempo, viajei...

O rapaz em pé tomou a palavra, fazendo com que a sua entrevista se cruzasse com a do rapaz sentado no banco. Resolvi mantê-las assim, afinal, em suas trajetórias de vida quantas vezes seus caminhos não teriam se cruzado?

RAPAZ EM PÉ: Tem quando o cara, quando o cara começa, quando o cara é muito novo o cara começa por aventura...

TIAGO: Foi assim que tu começou?

RAPAZ EM PÉ: Porque o cara acha tudo aquilo massa, não é por nada, o cara não tá precisando de nada, mas quer fazer aquilo pra se sentir, adrenalina. Mas ele acha que aquilo ali... lá na frente é que o cara vai ser nada. Mas só que ele se engana, é uma coisa que está se aprofundando, igual uma coisa entrando numa areia movediça assim. E quando ele menos perceber ele já tá aqui... O mundo oferece muita coisa fácil. O cara entra tão de um jeito assim, que ele nem percebe que já... tá entendendo? Pra voltar vai ser difícil, por isso que eu digo que a juventude não cresce mais nem até mais trinta anos. Eu tenho vinte e cinco. Eu passei três anos, agora tá com quinze dias que eu saí, eu tava lá no IPPS.

TIAGO: Porque tu foi preso?

RAPAZ EM PÉ: 57 aí na praia.

TIAGO: 57 é?

RAPAZ EM PÉ: Assalto.

TIAGO: Assalto. E a polícia pegou em flagrante?

RAPAZ EM PÉ: Com certeza.

Gostaria de pontuar este trecho na fala do rapaz em pé, quando ele nos diz: “não é por nada, o cara não tá precisando de nada. [...] lá na frente é que o cara vai ser nada”. Pareceu-me intrigante como se fez marcante a presença do “nada” em seu discurso. É evidente que esse nada não seria um vazio. Pelo contrário, o lugar que ocupa o “nada” em seu discurso parece possuir uma importância central. Busquei compreender atento às entrelinhas quais valores, expectativas e motivações estariam por trás da superfície de sua primeira fala. Não

desprezei a importância da busca por adrenalina. Tal busca o faz “se sentir”, trata-se de um tipo de realização pessoal que me remeteu à lógica do guerreiro selvagem (CLASTRES, 2004). Essa lógica explica como a busca por prestígio pode levar o sujeito a realizar feitos cada vez maiores com o intuito de manter o seu reconhecimento por parte dos pares. Seguindo então por essa via que faz o “bichão” ser reconhecido, quanto maiores forem os feitos de suas missões, maior será o prestígio dentro de seu grupo. Em contrapartida, justamente por isso, o desejo de seus inimigos em lhe ver morto torna-se mais destacado. Arriscaria dizer que existe uma correlação entre prestígio e ódio por parte dos inimigos. Dessa forma, o membro mais poderoso de uma gangue é também o mais cobiçado pelos inimigos. Temos, portanto, uma mescla de sentimentos antagônicos compondo o fenômeno de reconhecimento social intrínseco aos jovens armados do Serviluz. É por isso que a busca por “adrenalina”, não pode ser entendida aqui como uma mera busca pelo aumento da produção desse hormônio a ser lançado no sangue. Não, a busca por adrenalina o faz “se sentir”! Se sentir reconhecido, considerado.

Passo a palavra ao rapaz em pé:

RAPAZ EM PÉ: O sistema é desse jeito. Essa via só dá dois caminhos: morte ou cadeia. Quem entra é sabendo, só morte ou cadeia. Tudo ele vai ganhar, mas tudo ele vai perder. Desde os 15 anos o máximo que eu passo, assim, que eu passei até agora foi um ano.

TIAGO: Um ano dentro de casa?

RAPAZ EM PÉ: Como assim? Sai, passa um mês, dois mês, três mês... É o sistema, que aí o cara sai e começa a drogar de novo, se o cara aguentar. Desde os 15 anos, tá entendendo... O máximo que eu passei foi um ano na liberdade direto, nunca passei disso. Agora eu vou passar, se Deus quiser.

TIAGO: E o que te fez testar essa adrenalina aí que tu disse?

RAPAZ EM PÉ: É o convívio, é as amizade, tem muita coisa cara, eles incentivam, o cara começa a pichar aqui, o cara quer pichar naquele prédio mais alto lá, só pro cara ver o nome dele, mais ele nem se intera que se ele escorregar ele vai pro fundo.

TIAGO: Pela consideração dos outros?

RAPAZ EM PÉ: Podes crer... ninguém nem precisa não, a mãe do cara dá tudo, dá tudo...

O que a mãe do cara não pode dar é a consideração da galera, esta, assim como o prestígio do guerreiro selvagem, não se herda.

Dando continuidade aos distintos processos de imersão, pude ver que – diferentemente da busca de vingança do rapaz sentado no banco e da “busca de adrenalina” do rapaz em pé, o rapaz de bicicleta nos narra a seguir como se envolveu na teia armada das disputas de gangues:

TIAGO: Como teu irmão entrou nisso?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, não sei dizer.

TIAGO: Ele é mais velho?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, ele é mais novo. Eu tenho 21, e ele tem 19. Ele começou primeiro que eu, muito antes, aí depois eu vi que os caras tavam querendo matar ele, aí eu... Num sei o que é que deu em mim, me envolvi.

TIAGO: Pra proteger...

RAPAZ DE BICICLETA: Proteger o meu irmão. Eu comecei nessa vida por causa do meu irmão, porque os caras... Os inimigos do meu irmão queriam matar o meu irmão, e pra não ver o meu irmão morrer, aí eu entrei nessa mesma vida. Mas se eu fosse olhar agora, eu, o que eu queria agora pra mim mesmo era a vida que eu estou levando agora. Porque entrei na igreja, tô trabalhando, tô conseguindo agora as minhas coisas, como eu não consegui na vida do crime, por quê? Porque tudo que eu passei, passava preso, levei tiro, já passei muitos dias no hospital...

As histórias de vida desses três jovens estão marcadas não apenas por conflitos entre gangues, ou seja, fora da família, mas também por conflitos dentro do núcleo familiar. O julgamento moral de suas atitudes não pode ignorar as suas condições de vida. E mais: àqueles que argumentem que a violência é por si mesma uma ação contra a moral, recorro ao campo da filosofia para lembrar com Nietzsche (2009, p. 83) que

[...] a submissão a uma norma fixa, de uma população que até então carecia de norma e de freio, tendo começado por um ato de violência, só podia ser levada a cabo por outros atos de violência: e que, por conseguinte, o “Estado” primitivo entrou em cena com todo o caráter de uma espantosa tirania, de uma máquina sangrenta e desapiedada, e teve que continuar assim, até que, por fim, uma tal matéria brutal de animalidade foi abrandada e tornada manejável, e finalmente modelada. (...) Tal é a origem do “Estado”.

Ora, mesmo que se ignore essa interpretação da origem do Estado e se insista na idéia de que o hoje independe do passado, na atualidade, o chamado “homem de bem” é caracterizado majoritariamente na sociedade por sua subordinação às leis estatais. Continuando a percorrer trechos das histórias de vida dos personagens, é possível observar claramente como essa distinção pode tornar-se obscura.

TIAGO: O que é que tu achava do teu pai vender droga?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pra mim... Eu era avião dele. Eu ia deixar quilos e quilos de maconha daqui, daqui do Serviluz lá pra Messejana. Eu tinha o quê? Acho que uns 11 anos, 12 anos. Com a mochila nas costas... roupa da escola, botava uma calça, um sapato, uma blusa, uma blusa da escola, uma mochila, ia, cansei de ir. Ganhava nada. Só porque era meu pai, só porque ele mandava.

Nesse caso, o rapaz sentado no banco, aos 11, 12 anos era “aviãozinho”, transportava maconha na mochila escolar pela cidade, em obediência ao pai. O que lhe aconteceria caso se negasse a transportar as drogas? Sofreria punições bem mais severas do que as prescritas no Código Penal? Ora, este Código provavelmente era tão desconhecido e distante de sua realidade quanto o auxílio que ele poderia obter através do Estatuto da Criança e do Adolescente, constituído na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. É preciso pensar através de

sua realidade na qual as punições do pai certamente se apresentavam mais factíveis que as do Código Penal.

Na busca de uma maior compreensão dos percursos traçados por estes jovens, retomo a noção de carreiras morais elaborada por Becker (2008) que tem o mérito de desvelar os regimes morais como fenômenos moldados pela contingência histórica e social. Os regimes morais são influenciados tanto por aspectos relacionados aos planos de análise de uma macrossociologia quanto pela microanálise. Através da perspectiva macrossociológica, por exemplo, o contexto econômico em suas repercussões se estende e marca diversos outros planos de nossa sociedade. Partindo da perspectiva de uma microsociologia, é possível perceber as condições e possibilidades que foram postas ao longo das vidas dos entrevistados, sendo esta a perspectiva a que me dediquei com mais ênfase.

A proposta é apresentar alguns pontos de interseções dessas perspectivas nos quais os fenômenos da vida cotidianas destes jovens entram em contato com imperativos coletivos deontológicos, imperativos estes que perpassam os diversos segmentos da vida social, a fim de, como propõe Florence Weber (2004, p. 42), “mettent en évidence les violences matérielles et symboliques subies au quotidien par les classes sociales les plus dominées.”⁸. Aparece notória aqui, a idéia de Bourdieu acerca de seu conceito de dominação simbólica.

Deve estar claro que não tomo macro e micro como oposição, mas por complementaridade, assim como nos propõem Guattari e Rolnik (1996) a cerca dos conceitos “molar” e “molecular”⁹.

Jovens marcados como agentes de carreiras morais desviantes (BECKER, 2008), marginalizados no plano social, narram experiências de vida na infância, no momento da tomada de decisão de se identificar com membros de gangues. Além disso, dois dos três entrevistados narram também o que os motivou a dar início a um complexo processo de desligamento de relações sociais que compõem as gangues do Serviluz.

Seguindo o relato da trajetória familiar do rapaz sentado no banco:

⁸ Tradução livre: Pôr em evidência as violências físicas e simbólica sofridas diariamente pelas classes sociais mais dominadas.

⁹ Um estudo da história geral dessas comunidades se faz indispensável como contextualização, como plano de fundo das micropolíticas realizadas no Serviluz. A micropolítica, de acordo com o que nos falam Guattari e Rolnik (1996), diz respeito a uma análise das formações do desejo no campo social, e: “ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais ampla (que chamei de “molar”), com aquele que chamei de “molecular”. Entre estes dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, *as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares...*” (p. 127. Grifos do autor).

RAPAZ SENTADO NO BANCO: A minha família, né, não tinha onde eu morar não, minha mãe foi embora pra casa dela por causa que meu pai, meu pai vendia droga, ficou devendo traficante. O traficante disse que se minha mãe não pagasse ia matar eu e meus irmãos, aí meu pai pegou, vendeu a casa dele pra pagar a dívida, entendeu? Vendeu a casa dela. Eu não tava nem sabendo... de trás da casa dela tinha o meu quarto, ela vendeu foi meu quarto e a casa dela junto... eu nem sabia. Quando eu me acordei de manhã, o dono, o cara que tinha comprado a casa já tava lá, né, mandando nós sair. Eu saí, né, que ela já tinha ido embora, saí da casa que minha mãe tinha vendido pra ele. Aí nós foi embora. Por isso que eu não falava com o meu pai, tá entendendo? Dava vontade de matar ele. Tinha muita vontade de matar ele, agora não, agora já passou, já falo com ele, pouco tempo que eu falo com ele...

Após o episódio o rapaz sentado no banco passou a viver só. Viria a encontrar nas amizades uma segunda família. Tornou-se membro de gangue. A gangue compunha uma família na qual desde cedo seus membros aprendem a se proteger e atacar os inimigos para demonstrar coragem, bravura, vingar os mortos. Nos trajetos cotidianos, precisam estar atentos às demarcações territoriais que se enquadram nos espaços de pertença de grupos armados. Ruas, avenidas, prédios de maior porte, pontos específicos do relevo servem como fronteiras dos territórios das gangues.

No novo grupo no qual o rapaz sentado no banco foi acolhido, as demonstrações de valentia fazem parte da rotina da luta pela sobrevivência em um cenário repleto de adversidades.

TIAGO: Tinha alguém te perseguindo, te ameaçando?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Não, eu já era marcado assim mesmo, como eu sou hoje né... Mas pra mim num tava dizendo nada não, pra mim era mesmo que nada... pra mim, eu pensava assim “que nada, eu não compartilho desse bicho não”. Eu pensava assim “que nada...” no meu pensamento né. Quando eu tava no mundo era assim: “que nada esse menino num tem coragem de ir me matar não, se vier também, eu mato”. O pensamento do cara é esse. O cara não tem medo não, até antes de... a gente pode andar ali até o Marzim. Eu ia até a rua do Bagulho. Só pra andar, sem nada, desarmado, só pra ir arengar com os caras mesmo.

TIAGO: Tu era marcado por lá?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Era. Eu ia atrás do cara lá, tacava bala no cara, era, querendo mandar no cara, e era assim [Pausa]. Aí eu só me afundando, só me afundando, aí pronto fiquei sozinho no mundo. Quando a minha mãe foi embora, foi a parte que eu me senti mais só assim, a minha família foi só as amizades, as amizades que eu tinha.

TIAGO: E o que foram as tuas amizades?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Eles que foram o quê? Foram a minha família, né. [Outra pausa]. No dia onze de agosto de 2009 eu me envenenei mah. Sabia?

TIAGO: Tentou se matar?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Tentei. Veneno, chumbinho, tomei. Mas eu não morri não.

TIAGO: Levaram pro hospital?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Levaram.

TIAGO: Quem foi que te levou?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Quem levou foi o meu cunhado, me levou lá, aí quando chegou lá, cheguei cinco horas da tarde lá, quando foi seis horas da manhã do outro dia, eu saí, bonzinho.

TIAGO: E por que tu fez isso?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Vai sair no jornal minha historia... Eu fiz isso por que eu acordei num dia meio atribulado assim pensando só na minha mãe, com saudade, todo dia quando eu me acordava, eu tinha minha mãe perto de mim, eu tinha tudo, né, minha mãe,

quando eu me acordava, minha mãe já tinha feito meu café, tinha roupa lavada, e eu sozinho eu num tinha não.

TIAGO: Com saudade da tua mãe, né?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É. Era falta dela mesmo, aí eu peguei e tomei.

De um lado, o destemido, corajoso a ponto de andar desarmado nas áreas do inimigo só para “arengar”, aquele que for atrás de matá-lo, ele mata. Do outro, a solidão, a saudade dos cuidados da mãe, de seu afeto, levando-o a uma tentativa de suicídio. Há, portanto, casos em que agressões físicas e psicológicas sofridas na família, na escola, nas mãos da polícia ou dos grupos rivais, ou seja, em diversos segmentos da rede de socialidade, podem levar o indivíduo ao suicídio.

Outro efeito das agressões é o de provocar uma familiaridade, uma adaptação à rotina do “mundão”. Sá (2010, p. 261-262) nos contextualiza:

O que é o mundão? Mundão é o que se diz de boca cheia, “eu vim do mundão”, “eu fui do mundão”, “me criei no mundão”, “aprendi com o mundão”. palavra cheia que representa simbolicamente tudo o que se sofreu e o que se tem para sofrer, mas também representa a dor e o sofrimento individual, que, no Serviluz é parecida com a de todos. O mundão é o lugar da irmandade no crime. Mas também da irmandade na sobrevivência, o que implica principalmente receber afeto, carinho e atenção de alguém. Os jovens do sexo masculino, por exemplo, ao mesmo tempo em que são guerreiros, são muito carinhosos entre si, inclusive com contatos corporais, abraços e acolhimentos, como se fossem de uma carência afetiva sem fim ou então afeitos a dar afeto para quem é considerado um irmão.

Por tudo isso o mundão não poderia jamais ser entendido como um espaço físico mais ou menos delimitado onde se passam determinados tipos de eventos. O mundão não corresponde apenas ao local onde seus personagens são criados, ele também diz respeito a uma determinada maneira de integrar-se ao mundo, sob condições bastante desfavoráveis.

Pensando-se com o auxílio de Bourdieu (1974), diria que os indivíduos que compartilhavam o *habitus* interiorizado no “mundão”, encontram-se despotencializados de capital simbólico que lhes garanta boas oportunidades para além de seus campos. Seguindo o raciocínio de Bourgois (2001, p. 60) seria como se eles estivessem “dépourvu du <<capital culturel>> nécessaire pour réussir dans l’univers de la classe moyenne, ou même de la classe ouvrière.”¹⁰.

São sujeitos que reagem aos poderes dominantes que os oprimem social e culturalmente. Opressão esta que dificulta ainda mais a obtenção do capital cultural que lhes possibilitaria maiores chances de sucesso em contextos que fogem das representações

¹⁰ Tradução livre: desprovidas do << capital cultural >> necessário para ter sucesso no universo da classe média, ou mesmo da classe operária.

coletivas do mundão. Dessa forma, ficam sujeitos a uma série de dificuldade em situações que exigem todo um *savoir faire*, que com frequência lhes é negado. Consequência disso é o aumento da dificuldade para obtenção de capital cultural, e a dominação simbólica tende a tornar-se cada vez mais opressora.

O mundão lhes é uma escola de vida, algumas vezes, a única à qual tiveram acesso. As lições aprendidas no mundão são levadas aonde quer que seus sujeitos estejam. Isto não significa que eles não possam aprender lições diferentes e adotem novas maneiras de lidar com o mundo, modos mais pacíficos e ordenados, no sentido formal do termo, o que é um desejo expresso de muitos. Observe-se, contudo, que o pacifismo não é exatamente o que está melhor estabelecido no mundão, tampouco as regras formais nas quais se apoiam diversos setores da sociedade dominante. Isso não lhes foi oferecido ou ensinado. No mundão a fome é uma ameaça real que deve ser vencida a cada dia. Mãe, pai, filhos, filhas, avôs, netos, primos, tios dividem o mesmo teto, quando não acontece o pior que é o abandono da casa, a fragmentação da família, marcada por problemáticas como a do crack, do alcoolismo, das prisões, dos assassinatos etc. Observe-se o que o rapaz de bicicleta relata.

RAPAZ DE BICICLETA: Meu pai mora no Rio Grande do Norte. E até pra lá eu fui também, tentar mudar de vida, mas não consegui. A minha coisa era mais pra cá, pra fazer maldade, fazer mal pra outras pessoas, e até isso, quando eu fui pro Rio Grande do Norte, eu voltei mais por causa de que tinham baleado meu irmão, eu já tava muito revoltado... atiraram nas costas do meu irmão, nas costas dele, e até por isso eu vim pra cá, pra mim querer ir atrás dos caras. E aí, quando tava com uma semana aqui, aí fui eu, meu irmão e outras pessoas, fomos atrás desses caras que atiraram no meu irmão. Encontramos eles, mas não conseguimos matar, nós erramos os tiros. Era eu e mais cinco dentro dum carro.

TIAGO: Vocês atiraram de dentro do carro?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, nós saímos de dentro do carro, corremos atrás deles, mas nós num conseguimos pegar eles. Até hoje nós temos marcas de bala do passado.

Estas marcas de balas do passado, traçadas no corpo do rapaz de bicicleta, irromperam o que Das (1995) chamaria de eventos críticos. O que viria a ocorrer quando o próprio corpo é alvejado? O rapaz de bicicleta pode responder:

RAPAZ DE BICICLETA: Atiraram em mim.

TIAGO: Levou o tiro aonde?

RAPAZ DE BICICLETA: Um faz quatro anos. Foi perto do coração, faltou um centímetro pra pegar no meu coração e os outros foi no ano passado quando eu ia saindo da igreja... tava saindo da vida... tava saindo da igreja, eu e minha namorada, em frente à casa da minha namorada, chegaram quatro caras em duas motos, olharam pra mim, aí gritaram logo o meu nome, “Oh ‘rapaz de bicicleta’!”, aí atiraram em mim, aí deram seis tiros, aí pegou dois. Pegou um no meu braço, e pegou outro nas minhas costelas que ficou alojada no meu peito. E a que faz quatro anos atrás também está alojada no meu peito.

TIAGO: Tem duas balas aí contigo?

RAPAZ DE BICICLETA: Tem. Uma de oitão [revólver calibre 38mm] e outra de três dois [revólver calibre 32mm]. E agora, depois que eu saí daquela vida, que eu... como eu digo, né, apanhei muito, quebrei a cara, pra mim ver verdadeiramente o caminho certo; é servir a

Deus e construir uma família, como eu tô tentando fazer agora, eu já tô conseguindo as minha coisas, já tô trabalhando, graças a Deus, Deus abriu uma porta de emprego, e tô caminhando a vida. É como diz né, é empurrando com a barriga. E agora eu penso mais em só construir uma família mesmo e não voltar mais pra aquela vida, por quê? Como eu já fui preso, já sei como é que é lá...

TIAGO: Você trabalha?

RAPAZ DE BICICLETA: Agora eu trabalho.

TIAGO: Em quê?

RAPAZ DE BICICLETA: Trabalho como ajudante de garçom, auxiliar. Ganho super-bem agora. Era quando eu era do mundo, quando eu era do tráfico, eu ganhava bem, mas era aquele dinheiro que era sujo, vinha fácil, ia fácil, e agora não, agora eu sei valorizar o meu ganho, né, o meu suor. Que eu vejo, antigamente, eu pegava meu dinheiro, usava droga, outra hora eu comprava uma roupa, gastava só com besteiras, agora não. Quero fazer agora uma casa pra mim e quero mudar de vida, cada dia mais.

A partir da irrupção de eventos críticos, dois dos entrevistados foram lançados no “mundão”. No caso do rapaz sentado no banco, a morte de um primo o fez pegar em armas para sair “atrás de matar os outros” – não podemos desprezar aqui o contexto familiar e social no qual se passa sua história. Lembro que seu bairro vivia um contexto marcado por acaloradas disputas de gangues; que o pai era traficante e usuário de drogas, que vendeu a casa sem aviso para evitar que suas dívidas fossem pagas com o sangue da família.

A realidade desses jovens não é marcada por notícias distantes de uma violência abstrata. Pelo contrário, o contato com a violência se faz por meio de balas que lhes marcam o corpo ou tiram suas vidas. Quando não as suas, de amigos, parentes, inimigos ou de um pedestre que ia passando pela rua no momento errado e recebeu no corpo uma das balas que não alcançaram o alvo: o rapaz de bicicleta. Ele conta o episódio.

RAPAZ DE BICICLETA: Muitas vezes teve polícia mesmo atirando em mim. Eu tinha roubado e a polícia correu atrás de mim e começou a atirar. E naquele momento ali eu e meu irmão, ele olhou pra polícia e me disse: “Ei mah, se abaixa que é melhor pra tu...” Por que eu tava mais perto da polícia, que a polícia tinha me pegado e eu me joguei no chão, pegaram meu irmão lá na frente, deram uma pisa na gente, mas num quiseram levar nós porque nós era de menor. Como diz na lei, né... que de menor não responde nada, a coisa pequenas, então os policiais só quiseram bater na gente mesmo, bateram na gente e depois soltaram. Mas teve muitas vezes que, como eu falei, depois desses tiros também, aconteceram muitas coisas, ficaram correndo atrás de mim. Até mesmo aqui nessa pracinha, eu sentado naquele banco ali, chegaram uns caras lá daquela esquina ali, correram, chegaram naquela esquina e eu bem ali, eu corri, pra cá, cheguei aqui na frente e os caras começaram a atirar e assim, não pegou nenhum tiro em mim, mas o cara que ia passando de bicicleta, pegou um tiro, ele não tinha nada a ver na história... aí eu, aquele mesmo cara que ia passando na bicicleta, ele caiu no chão, eu ainda pulei em cima dele, por que o tiro pegou, era pra pegar em mim, mas pegou num inocente.

TIAGO: Ele morreu?

O RAPAZ DE BICICLETA: Não, graças a Deus não, pegou de raspão na espinha dele, aí ele perdeu o movimento das pernas na hora que ele ia passando de bicicleta. Até aqui mesmo aqui, nas praias mesmo, também, nas praias mesmo aconteceu isso já comigo, os caras correrem atrás de mim e eu correndo e os caras atirando em mim...

TIAGO: Isso foi que horas?

O RAPAZ DE BICICLETA: Era... aqui na pracinha, foi de noite, esse horariozinho já, de oito e meia para nove horas. Ali na praia foi de dia já, era umas dez horas pra onze horas. Os caras vieram e me viram no meio do caminho e começaram a atirar em mim.

3.7 Lidando com a Polícia

Na rede de socialidade das gangues do Serviluz, a força policial, aquela que possui o monopólio da legitimidade da violência, atua como uma força repressora. Contudo, sua atuação não se faz fora do contexto do mundão, de tal modo que menos comum do que se observar policiais seguindo as regras oficiais do código de conduta policial, que visa impedir atos como os de abuso de poder, corrupção e tortura, a polícia, tanto quanto os “envolvidos”, os “marcados”, atua segundo as regras do mundão.

Notar-se-á, por conta disso que a instituição policial, submetida duplamente aos agenciamentos da sociedade dominante e às regras do mundão, não mantém a legitimidade intacta perante os jovens “envolvidos” do mundão. Observa-se nas redes tecidas na esfera local do mundão a polícia realizando atuações em um nível não-especializado. Ainda assim, as ações policiais estão inseridas em processos políticos cuja manifestação se enquadra no tipo trans-institucional.

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Primeira vez que você paga “pedágio” pros canas [policiais], toda vida eles quer, toda vida, onde vê o cara. Se pegar o cara com droga aí o cara paga pedágio pra ele, né, paga um dinheirinho pra ele, onde ele vê o cara ele quer o mesmo dinheiro, fica cobrando direto.

TIAGO: Aí é melhor não pagar?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É, melhor dizer que não tem. Porque ou o cara paga ou o cara vai pra cadeia, aí tem uns que paga, né? Pra não ir pra cadeia, paga. Uns tem medo de ser preso... Aí num quer ser preso não, paga mesmo, aí onde ele vê o cara...

TIAGO: Você já pagou alguma vez?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Nunca fui pego assim vendendo droga não. Fui pego só querendo matar os outros, armado...

TIAGO: E se for pego vendendo droga é pior? É, por que aí tem o dinheiro no meio, né? Que aí o cara tá comercializando, né? Pra matar o outro o cara num tá com o dinheiro, né?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É. Pra matar um eles querem só a arma. Se vão só pra limpeza, leva só a arma e dispensa o cara, mas tem uns que leva pra casa deles, é porque as vezes você num dá valor pro cara, assim, assim também, pegar o cara, bota o cara na cadeia por besteira, qualquer coisa quer botar na cadeia, mas tem policial, tem uns policial que paga moto pro cara mah, aí só porque conhece o cara, sabe o que o cara já fez na vida, aí num pode ver o cara não...

Chama a atenção nessa fala perceber que a ação policial pode ser bastante maleável diante de uma situação de tentativa de homicídio, enquanto que, numa situação de tráfico, a ação policial pode se estabelecer numa configuração econômica marcada pelo ilegalismo. Retornando à fala do rapaz sentado no banco sobre sua relação com a polícia:

TIAGO: Tem algum assim contigo?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Não. Graças a Deus. Porque quando eu via a policial assim, eu não ficava muito não. Eu num gosto muito de se amostrar pra policia não, eu me escondia, eu me saía...

TIAGO: E tem gente quem goste?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É, os cara vê a polícia, ai fica lá parado, pra levar geral, num gosto de levar geral não.

TIAGO: E por que tem gente que gosta disso? Que vai pra...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Sei não, pra ficar conhecido, sei não, se acha, pra ganhar fama, o pai dele é bandido...

TIAGO: Pra ganhar fama de bandido?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É, é, pra ganhar fama de bandido.

TIAGO: E isso é bom?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pra eles, eles pensam que lucram muito, mas num lucra nada não. É só ilusão da mente dele, só ilusão.

TIAGO: Ganha consideração da galera?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pronto.

TIAGO: Mulher?

RAPAZ SETADO NO BANCO: Pronto. As mulher cai em cima viu. Se o cara for vagabundo, for um cidadão num arruma nem namorada, mas se for vagabundo... Porque se o cara for vagabundo, se o cara roubar, ou gangueiro, o cara tem duas ou três mulher, mah, essa é sagrado. Ou o cara vender droga, ou o cara ser gangueiro, ou o cara rouba, o cara tem duas ou três mulher.

TIAGO : Por que tu acha que as mulheres gostam disso?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Ah... Porque elas são mais vagabundas ainda. São, são mais vagabunda ainda.

TIAGO: É que o cara é valente, né?

RAPAZ SENTADO NO BANCO : É, pra dizer assim: “Ai, eu fico é com um bichão ali que já matou um” Ai se acha, pra elas também é um lucrão sabe. Mas pensa ela que vai ser muita coisa, vai dar muito é peia também, é.

Gostaria de acrescentar que não percebi nas narrativas que venho reproduzindo a sensação de impunidade, tantas vezes apontada como a causa dos altos índices de criminalidade pelos discursos mais conservadores. Nota-se que mesmo a punição não sendo aplicada de acordo com o que as leis do código penal orientam, muitas vezes ela assume formas mais duras, até cruéis, podendo inclusive resultar na morte por espancamento, mortes anunciadas em conversas de rua.

Ciclope¹¹ matou outro. Só tinha golpe no rosto, no resto do corpo não tinha nada. Só as mãos furadas, o Ciclope sempre anda com uma faca. O médico disse que todos os ossos da face estavam quebrados. Quando ele tentava respirar chega fazia bolhas de sangue pelo nariz e pela boca. Parece que viram que foi ele, quando baixar a poeira o povo começa a falar, que agora o povo tem medo.

Sete dias depois encontro com pessoas com a foto da vítima estampada em uma camisa que lhe faz homenagem. Entre elas, um de meus colaboradores. É ele quem nos conta o que teria acontecido:

Ele não gostava de polícia e não aceitou passar pelo “baculejo” [revista]. Começou a discutir com a polícia, trocaram empurrões e ele foi levado pela viatura. Apareceu cinco horas da manhã com o rosto muito inchado, mas sem hematomas. Ele não andava armado, era trabalhador. Católico e família protestante, foi rezada uma missa pra ele ontem e hoje um culto. A família e os amigos esperam o laudo do IML para entrar com um processo. Seus órgãos foram doados conforme a sua vontade. Só as córneas não puderam ser aproveitadas por causa do espancamento.

¹¹ Ciclope é o apelido usado pelos moradores do Servuiluz para se referir a um policial do batalhão de choque a quem se atribui supostamente a autoria de uma série de assassinatos.

Não é de estranhar que crimes desta natureza vitimando morador de favela não cause maior repercussão social? Ou tal estranhamento já estaria banalizado pelos efeitos do estigma da pobreza anteriormente citado? Como nos propõe Foucault (1997, p. 242),

Diante da disciplina com aspecto de lei, temos a ilegalidade que se impõe como um direito. A ruptura se dá mais pela indisciplina do que pela infração. Indisciplina de linguagem: a incorreção gramatical e o dom das respostas, indicam uma cisão violenta entre o acusado e a sociedade.

Essa cisão acaba sendo preenchida por confrontos entre diferentes visões do mundo. O resultado são conflitos entre razões sociais antagônicas, nas quais se opõe, de um lado, a liberdade de ação aprendida na realidade do mundão, do outro lado, a disciplina respaldada pela sociedade dominante.

RAPAZ DE BICICLETA: Aí rola bala, rola bala, se tiver de cima [portando arma ou droga], se não quiser ir preso, vai e troca bala com a polícia. E muitas vezes também... os policiais também já invadiram lá em casa, levaram até já minha mãe presa...

TIAGO: Por quê?

RAPAZ DE BICICLETA: Pra minha mãe entregar eu e meu irmão, mas a minha mãe não quis entregar nós dois, por que meu irmão tinha....

TIAGO: E ia entregar como? Falar por onde é que vocês estavam... Falar que vocês tavam fugindo...

RAPAZ DE BICICLETA: Era. Que nós, eu e meu irmão, eu, meu irmão e mais dois, tinham ido lá na área dos nosso inimigos e tinha atirado lá, e os pessoal lá reconheceram a gente, e os policiais vieram e pegaram minha mãe dentro de casa, tinha acabado de chegar do trabalho, quando os policiais invadiram a casa, a minha mãe na hora que bota a bolsa em cima da cama, quando os policiais chegam chutando a porta, e pegam ela. E lá dentro de casa pegaram...

TIAGO: Mas bateram nela?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, não. Só pegaram as... Tinha drogas, tinha umas balas, levaram umas roupas da gente, e levaram uns cordão da gente, meu e do meu irmão. E aí ele pediu... Aí na mesma hora chegou minha cunhada, levaram minha cunhada também presa, pra minha cunhada entregar o meu irmão, mas nenhuma das duas entregaram e ficaram até duas horas [da madrugada], com ela lá pra ela entregar nós.

TIAGO: E ela não entregou...

RAPAZ DE BICICLETA: Depois soltaram elas...

TIAGO: E que horas elas foram pra lá?

RAPAZ DE BICICLETA: - Foram na faixa de nove e meia.

TIAGO: Da manhã ou da noite?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, da noite.

TIAGO: Nove e meia da noite até duas horas?

RAPAZ DE BICICLETA: Ficaram lá com ela. Pra ela entregar a gente. Por causa de nós, de mim e do meu irmão, nós não queria mudar de vida. Porque a gente só queria saber de droga, mulher, armas.

Tal descrição nos aproxima da representação que o mundão faz das atuações policiais. A forma agressiva de participação da polícia no mundão é praticamente naturalizada por aqueles que estão imersos nesse contexto marcado pelo comércio ilegal de drogas e de armas, por ameaças, mortes e torturas. Por tudo isso, uma vez tendo o pertencimento atrelado a este

contexto, faz-se necessário aprender não só a se defender de gangues rivais, mas aprender a ter trato com a polícia. Lidando com a polícia, o rapaz sentado no banco relata:

RAPAZ SENTADO NO BANCO: A vida é essa mesmo, muitos meninos aí, novinho aí ó, tá, vê o mundo aí ó, vê muito camarada do cara morrendo e cara novinho vê os amigos morrendo assim, os cara num quer se sair não, os cara quer entrar mais mah, que nada eu vou entrar também, eu vou é ficar nessa também e entram, mah. Aí ó, essa aula num dura não mah, num dura não. Eu tenho o quê? Eu tenho 23 anos, mah, eu, tenho 23 anos mah, e eu acho que eu tenho uns dez nessa vida aí roubando, querendo matar os outros, os outros querendo me matar, já levei papoco, mas, graças a Deus, nunca pegou em mim, já fui preso, por quê? Porque quis matar os outros, aí a vida é essa aí mah.

TIAGO: E a polícia, como é a relação com ela? Tem algum já conhecido?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Tem, quando os caras “veve” ver os cara assim, os cara quer bater, vem com o...

TIAGO: Arranca dinheiro?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Só dos que vende drogas assim, levei um chute aqui na minha cara ó, eu levei um chute na cara, eu desmaiei, mah, desmaiei duas vezes, eu levei foi saco d’água... Da polícia. Levei foi saco d’água! Nunca tinha levado na minha vida...

TIAGO: Saco d’água, como é isso?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Bota o saco aqui ó [no pescoço], e acocha aqui ó e o cara fica sem ar. Eu fiquei foi se batendo lá e eu ia... Pensei que ele ia matar, me leva num canto distante, que não tem ninguém...

TIAGO: Que local era, tu conhecia?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Eles me levaram lá pra Cidade Fortal...

TIAGO: Cidade Fortal onde tem a micareta?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pronto. Lá tem a famosa Bica. Bica é o quando que eles espancam os caras. Lá é, a tortura é lá. Aí é peia. O policial me pegou, né, queria tirar minha roupa pra enfiar o cassetete na minha bunda pra mim entregar o revólver, que eu tinha atirado no cara, pegaram sem nada, tiraram foi minha roupa, fiquei só de cueca. Pra dizer “Não, tem revólver não, cidadão” “Tem não?” “Não, tem não” e viraram, queriam botar na minha bunda, num botou por que o que mandava mais naquela criatura não deixou. Se não, tinha botado, pra mim entregar.

TIAGO: E tava aonde o revólver?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Tava, já tava guardado.

TIAGO: Guardado, tu num ia dizer nem a pau né?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pode dizer não, né? Porque o cara se torna cabuete. Cabuete não é bem visto na favela não. Aí os camarada vai ficar logo: “ixi...” já não tem confiança no cara. Aí qualquer coisa: “Olha o cabuete, olha o cabuete” Qualquer coisa vai chamar de cabuete.

TIAGO: E pro cabuete virar alvo...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É. Apagar cabuete é bem rasim.

Gostaria de aproveitar este trecho da narrativa do rapaz sentado no banco para refletir sobre um argumento bastante disseminado no senso comum da sociedade brasileira. Pelo que nos permite inferir a sua narrativa, o seu cotidiano não é especialmente marcado por um sentimento de impunidade por seus atos. Pelo contrário, há uma série de precauções a serem tomadas com relação ao trato com a polícia e com relação às regras do mundão. E pelo que nos é relatado, a punição pode vir dos dois lados.

TIAGO: E você acha que não tem como sair não? Você já tentou sair?

RAPAZ EM PÉ: Assim, o cara acalma, deixa a poeira baixar, o cara num pode ser afoito de uma vez não que malandro demais vira bicho.

TIAGO: Malandro demais vira bicho?

RAPAZ EM PÉ: É. A gente num pode só querer ser não, que lá na frente tem um que é mais que o cara, mah. Até poder botar a cabeça assim e dormir na limpeza... saber que não tem ninguém querendo tirar onda, ou ficar atrás. Aí só os fortes sobrevive.

TIAGO: Aí só os fortes sobrevivem...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É mesmo viu, mah. Nós vê muito aí, muito amigos nossos aí...

RAPAZ EM PÉ: Uma hora tá com a corda no pescoço...

TIAGO: Você conhece alguém que já fez isso?

RAPAZ EM PÉ: Com certeza. Faz parte, isso dentro da cadeia.

TIAGO: E porque ele fez isso?

RAPAZ EM PÉ: Depressão, a mulher deixou e tal, muitos anos sozinho e tal, muitos anos de cadeia pra puxar, ele achou melhor antecipar, mah. É o currículo mais paia que ele fez. Muito paia, né, bastante. Lá eu vi dois se matar, né. Um foi no Ano-Novo, o outro foi...

TIAGO: Na cadeia também?

RAPAZ EM PÉ: Sim, na cadeia.

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É Babilônia, outro mundo, dia de defunto. Tá assim na mão do inimigo assim, ele que sustenta...

TIAGO: Lá dentro?

RAPAZ EM PÉ: É.

TIAGO: Tem uma hierarquia entre os presos?

RAPAZ EM PÉ: Não, tô dizendo assim, na mão do inimigo, tá entendendo?

TIAGO: Ahh, da polícia...

RAPAZ EM PÉ: É. É perverso, é perverso... só quem passa assim, uns diazinhos, que sente mesmo como é que é, criar calos nos pés dormindo no chão.

A impunidade também não está presente na fala do rapaz de bicicleta. Em sua narrativa despontam algumas considerações sobre o irmão preso:

RAPAZ DE BICICLETA: Meu irmão agora tá no presídio. Porque ele roubou e matou uma pessoa, na mesma hora. Aí os homens pegaram ele lá em frente de casa. Foi lá na praia do Futuro e ele correu aqui pro Serviluz. Eu, graças a Deus, tô aqui, né, tentando construir uma família, e meu irmão tá lá né, preso, doido pra sair, mas não consegue por quê? Porque o caso dele é muito pesado.

TIAGO: Tem quantos anos que ele tá lá?

RAPAZ DE BICICLETA: Vai entrar em dois anos já. É assim mesmo, a filha dele vai lá, visitar ele, ele tem uma filha, vai fazer um ano e meio já. Ela vai visitar ele lá, mas é um desgosto né? A filha visitar o pai, que a menina inocente, num sabe o que está acontecendo, né, lá. Doido querendo que o pai dela passeie com ela, mas ele disse pra ela que não pode. Ela chama ele pra ir andar: “Bó pai, andar!” “Não, minha filha, posso não”.

TIAGO: Ela vai toda semana lá?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, quase toda semana ela vai com a minha mãe.

TIAGO: E quanto tempo mais ele tem que ficar lá?

RAPAZ DE BICICLETA: Porque ele foi preso, como eu falei, com roubo e tráfico, foi, roubou e matou uma pessoa, o latro, e lá mesmo, o policial aqui da área mesmo, como tinha muita raiva do meu irmão, foi lá e abriu um outro processo em cima dele, de um roubo que ele fez também, duas semanas antes ele roubou umas bolsas duns gringo, aí os policial soube que tinha sido ele, e foi lá e abriu outro processo em cima dele. Só nesse processo, nesse primeiro processo, ele pegou cinco anos, cinco anos fechado e fora esse que ele foi preso mesmo.

TIAGO: Esse que ainda tá rolando aí?

RAPAZ DE BICICLETA: Que ainda tá rolando, enquanto isso, eu acho que vai puxar um bocado de tempo, por que o processo... Até mesmo o advogado falou: “Olha o teu irmão vai puxar muito tempo viu”.

TIAGO: E tu confia no advogado, acha que ele é bom ou faz corpo mole?

RAPAZ DE BICICLETA: Rapaz, dizem que ele é bom.

TIAGO: Dizem que é bom né?

RAPAZ DE BICICLETA: É.

TIAGO: Mas e vocês que pagam ou é do...

RAPAZ DE BICICLETA: Não, é do governo mesmo, público...

TIAGO: Mas ele atende legal? Quando vocês querem alguma coisa ele...

RAPAZ DE BICICLETA: Atende. Ele mesmo transferiu o meu irmão pra outro lugar melhor ainda, melhor assim, entre aspas né, porque lá onde ele tava era mais ruim, comiam pouco, e lá, onde ele tá agora, come melhor, tem mais, tem visita mais, que é uma vez na semana e uma no final de semana, é melhor, né.

Pareceu-me especialmente interessante a participação do policial em sua narrativa: “o policial [...] tinha muita raiva do meu irmão”. Por meio dessa organização dos fatos a raiva que o policial tinha do irmão do rapaz de bicicleta é apontada como elemento decisivo. Trata-se de uma explicação na qual o traço de personalidade sobressai ao da formalidade.

3.8 A Saída

O processo de desterritorialização do mundão é acompanhado, inexoravelmente, por um processo de territorialização. Passa-se a dar prioridade a um novo plano de imanência em suas vidas. Os agenciamentos se transformam, podendo levar seus sujeitos a seguir, por exemplo, linhas de fuga que se territorializam em uma vocação religiosa ou no estreitamento dos laços com pessoas de outros campos de intensidade. Os laços de amizade, nesse processo de desterritorialização, mais do que em quaisquer outros, estão ameaçados.

Para se deixar as teias de socialidade do mundão é necessário passar por um complexo processo de desligamento das linhas que as constituem. É mister estar atento para que rupturas bruscas de convívio não sejam mal interpretadas pelos amigos ou sirvam de oportunidade para a vingança do inimigo. Portanto, não é um processo que se complete do dia para noite. É necessário que alguma mudança na visão de mundo de quem quer se desligar do mundão tenha ocorrido, mudança tal como as geradas por eventos críticos (Das, 1995).

TIAGO: Mas o que é que tu acha que mudou quando tu levou o tiro?

RAPAZ DE BICICLETA: Foi. Assim, depois desses tiros, eu comecei a andar nesses outros cantos que eu não andava, os caras viram que eu não fui atrás, que eu não fui atrás de confusão, nem nada.

TIAGO: Tu começou a valorizar outra coisa? Tu sabe dizer o que foi?

RAPAZ DE BICICLETA: Foi. Não, não sei o que foi que aconteceu. Eu não sei dizer [pausa] Veio uma coisa dentro de mim mesmo. Porque, primeiro de tudo, eu me afastei daquelas pessoas que queriam só o meu mal, que queria só me levar cada vez mais pro mal... isolei aqueles que diziam que eram meus amigos, mas quando a gente tá na pior, quando a gente tá preso, quando a gente tá precisando de um, num chega pra ajudar. Mais a minha família que sempre tava pra ajudar, minha família é só minha mãe. Minha família é só eu, minha mãe, meu irmão. Morava só nós três. Até hoje nós temos marcas de bala do passado.

TIAGO: E tu acha que um dia essa marcação sai? Algum dia vai poder andar tranquilo em todo canto?

RAPAZ DE BICICLETA: É, já andei, nas áreas que eu não andava, que eu fiz mal pros caras lá eu tô andando.

TIAGO: Mas tu encontrou algum ou...

RAPAZ DE BICICLETA: Encontrei. Até armado um tava. Mas ele olhou para mim e disse “É, [rapaz de bicicleta], enquanto você tiver na igreja, nós num faz nada contigo, mas se tu sair...” E ele armado. Com o revólver na cintura e eu vendo o revólver na minha frente e o cara que eu atirei.

TIAGO: Tu já tinha atirado nele?

RAPAZ DE BICICLETA: Atirei nele, eu e meu irmão.

TIAGO: Ai te respeitou porque tu tá na igreja?

RAPAZ DE BICICLETA: Respeitou porque eu tava na igreja e tava vendo que eu tô mudando de vida, num era aquele velho [rapaz de bicicleta], e assim mesmo, porque quando eu levei esses tiros, muitos perguntaram se eu ia voltar pro mundo, voltar pra aquela vida, mas eu disse para mim mesmo que eu não ia voltar. Muitos me chamaram de medroso, enquanto eu tava em cima da cama, disseram assim “Ei mah, tu num vai cobrar não? Olha aí como tu tá mudado” Por quê? Porque eu quis uma melhora pra mim, se eles fizeram isso comigo, não é desejando mal, mas lá na frente eles vão colher os deles também, como eu colhi, eu plantei o mal e colhi o mal. Agora eu tô tentando ajeitar, já tô colhendo coisa boa.

Algumas formas de sair são bem aceitas e respeitadas pelos membros das gangues, como a conversão ao evangelho. Contudo, caso a conversão não seja convincente, poderá ser mal vista por aqueles que compartilham da solidariedade do mundão. Nesse caso, o pseudoconvertido poderá ser visto pelos parceiros como “laranja”, covarde, traidor, egoísta etc. Quanto a seus inimigos, não haverá o reconhecimento de uma mudança a ser respeitada. Deste modo, quem do mundão se declara “mudado”, tocado pelo Senhor, passa por uma espécie de quarentena, um período de observação, suspeita, estranhamento de sua nova atitude. Durante este período, caso seja visto, por exemplo, em bares bebendo, consumindo drogas ou com armas na mão estará pondo a perder sua tentativa de redefinição social. Em casos assim, a morte do membro desertor pode ser uma solução adotada por quem desconfie ou não reconheça como legítimas as suas ações. Trata-se de um perigo real o de ser mal interpretado quer pelos amigos, quer pelos inimigos. Quem se desarma torna-se alvo fácil para os inimigos. É preciso, então, para aqueles que querem sair do mundão, que algo, agora, além das armas lhe ofereça alguma segurança. O rapaz de bicicleta está passando pelo processo de saída da gangue. É possível que na busca do “algo mais que lhe dê segurança” ele tenha passado a frequentar uma igreja o que lhe deu força para se declarar decidido a sair. Mas tem de sair aos poucos.

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Eu já frequentava lá, já gostava de ir pra igreja já, aí foi quando eu pensei em me sair mesmo [do mundão] eu entrei mesmo [na igreja]. Aí daí eu tô me saindo devagarzinho, dá pra sair de uma vez não porque já pensa em sair e ver um inimigo seu quer... Vai querer pisar em cima de você...

TIAGO: Se aproveitar, né, que você tá saindo...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É. Pensa que o cara vai deixar, né, aí tem se enganado, né.

TIAGO: E como é que sai devagarzinho?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Só se sair das amizades...

TIAGO: Vai deixando a amizade de lado?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É porque a pessoa, se ficar junto ali, se afunda mais, tem que se sair devagarzinho, não deixar de falar, mas sair devagarzinho.

TIAGO: Se o cara deixar de falar ...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Vão chamar o cara de otário, de laranja, você me vê e chama de laranja...

TIAGO: Aí te chamaram?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Já, um bocado de vez, mah.

TIAGO: Aí tem que falar com o cara e...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É, mas eu não ligo não, entra aqui e sai aqui ó...

TIAGO: E por que laranja?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Porque o cara quer se sair, porque o cara tem medo, pensa que o cara tem medo...

TIAGO: Aham, pensa que o cara tá se acovardando, né?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Pronto, exatamente, pensa que o cara tá com medo, ele fala “Ser laranja cara, deixa eles pegar tu, eles te mata, tu pensa o quê?”

TIAGO: Mas sem medo, é só aquela coisa que viu que ali num tem futuro...

RAPAZ SENTADO NO BANCO: É. Num tem futuro não.

TIAGO: Procurando paz?

RAPAZ SENTADO NO BANCO: Tem que procurar a paz, porque, Graças a Deus, aqui tá muito calmo, já foi muito violento, aqui era demais, uma hora dessa num tava assim não a pracinha...

Não basta, portanto, simplesmente declarar-se convertido e frequentar os cultos. A conversão é posta à prova. Há uma quarentena, quem se serve da igreja apenas para se proteger do grupo rival terá de incorporar as práticas instituídas pela igreja. Caso seja flagrado em uma atividade que indique que sua identidade permanece atrelada ao mundão e que a conversão não passa de uma fachada, as dívidas deixadas serão cobradas. Caso a conversão tenha sido sincera é possível o perdão das dívidas pelos membros do mundão, mantendo-se com isso uma linha de fuga da guerra que se trava no mundão.

Quem decide sair tem de tomar cuidado para não ser confundido com traidor, o que pode ser bastante preocupante, considerando-se que os membros do grupo conhecem detalhadamente os percursos, as táticas e as estratégias do grupo ao qual se vinculam. Acredito que seja esse o motivo que faz com que, em casos de traição, a execução seja a melhor resposta. Quem está saindo está dando as costas para um grupo que conhece intimamente, a rotina de seus membros, seus esconderijos, por tudo isso a saída tem de ser gradual. Trata-se de um empreendimento delicado, uma vez que quem sai de uma gangue torna-se um risco potencial para ela, caso resolva “abrir o bico”. Provavelmente por isso, a igreja seja importante para quem esteja saindo, não se trata simplesmente de uma questão de fé. Trata-se do envolvimento com um outro poder que de alguma maneira lhe dá legitimidade, proteção e autoestima moral. Há um complexo código a se seguir, constatado no encontro do rapaz de bicicleta com um membro armado de uma gangue rival, em quem o próprio rapaz de bicicleta havia atirado, e, em vez de bala ele recebeu um aviso, repito o trecho: “É, enquanto você tiver na igreja, nós não faz nada contigo, mas se tu sair...” A igreja lhe salvou a vida nesse encontro.

3.9 “Hoje em Dia Tá Mais Tranquilo”

Quando sua entrevista se aproximava do fim, o rapaz de bicicleta me falou sobre uma tranquilidade.

RAPAZ DE BICICLETA: Hoje em dia eu tô vendo que tá mais tranquilo assim do que era antes. Tá mais tranquilo. Acabou as mortes, muitos tão... aqueles que queria viver nessa vida, muitos estão presos, outros são pai, estão mudando de vida, hoje tão trabalhando e assim... E outros estão muitos mortos.

TIAGO: O quê que tu acha que fez essa mudança aí?

RAPAZ DE BICICLETA: Eu não sei, só Deus mesmo sabe. Só Deus sabe o que foi que ele fez nesse Serviluz. Nem a polícia dava jeito, mas só sei disso.

TIAGO: Foi o trabalho da polícia que fez mudar?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, porque não adiantava, eles batiam na gente, mas nós ia fazer mais pior.

TIAGO: E num tinha quem fosse atrás da policia não?

RAPAZ DE BICICLETA: Oi?

TIAGO: Não tinha quem fosse atrás de pegar um policial não?

RAPAZ DE BICICLETA: Não, já aconteceu de, não eu, mas uns colegas meus, no meio do caminho, quando eles invadiam as áreas dos nosso inimigos, se bater com a polícia no meio do caminho e trocar bala com a policia...

TIAGO: Na áreas do inimigo?

RAPAZ DE BICICLETA: Nas áreas do inimigos, o policial lá, os policiais lá mesmo fazendo a ronda lá e os meus amigos daqui mesmo foram lá e trocaram...

Teria o mundão realmente se transformado ou seu próprio afastamento estaria lhe passando essa impressão?

Fica a pergunta. Afinal, o mundão enquanto segmento da rede de socialidade do Serviluz só mostra realmente sua força àqueles que têm seu pertencimento atrelado a ele, àqueles que o vivenciam cotidianamente.

3.10 Do Desamparo ao Mundão

Generalizar o conflito entre gangues a todos os moradores do Serviluz seria de um reducionismo tal que qualquer reflexão crítica que procure superar os preconceitos de classe será suficiente para demonstrar a inviabilidade dessa generalização. Contudo é preciso estar atento, pois, como Castro (2011, p. 315-316) explica, “concepções imaginárias (mas todas o são) produzem efeitos reais (e todos o são)”.

O conflito entre gangues não ocorre por iniciativa única dos membros de gangues. Uma série de fatores, tais como o convívio dentro e fora de casa com armas e drogas, permite que estes dois produtos, menos do que símbolos de crueldade e decadência moral, tornem-se um meio de sobrevivência. Trata-se de uma maneira de lidar com o mundo, dialogando e relacionando-se com situações específicas.

Nesses contextos há casos em que tanto a dissolução do núcleo familiar, quanto a ruptura de linhas trançadas na rede das relações familiares encaminham o sujeito ao “mundão”, consolidando seu sentimento de pertença a ele. Um exemplo disso é o caso do rapaz sentado no banco, que teve como evento crítico a venda da casa por seu pai.

Já no caso do rapaz de bicicleta, foi justamente a consolidação do núcleo familiar, a demonstração da força coercitiva de suas linhas na trama da rede que acabaram por encaminhá-lo para o mundão, pois o que levou o rapaz de bicicleta, irmão mais velho, a ingressar como sujeito actante na rede de socialidade das gangues do Serviluz foi a necessidade de proteger o irmão caçula, jurado de morte.

Assim, múltiplos fatores fazem com que diferentes sujeitos ingressem na guerra do mundão: se o pai vende a casa para pagar dívida de droga e a mãe deixa o filho para trás, resta, no desamparo, recorrer à solidariedade do mundão. Se o irmão corre risco de morte, a polícia é vista como inimiga e os policiais como torturadores, algo precisa ser feito para além do que está prescrito pelas leis para a proteção dos membros das próprias famílias.

Demonstrações de violência, invasões do território inimigo não podem ser reduzidas apenas a perturbações mentais provocadas pelo efeito de drogas ou atos de rebeldia sem causa. Trata-se, antes disto, de demonstrações de poder por parte daqueles que são despotencializados de poder simbólico no contexto da cidade. Suas práticas não são vazias de conteúdo, para quem as escute. Passam o recado de quem vive desafiando a morte: “quem mexer comigo ou com a minha galera a gente vai e mata”.

Fotografia 6 – Rua Ponta Mar, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Aatoria própria, 2011

4 – MORAR

Fotografia 7 – Desenhos de Gleison, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

A narrativa do que vivenciei no mês em que morei no Serviluz pretende repassar os ensinamentos que pude objetivar daquela comunidade. Uma multiplicidade de representações simbólicas me foi apresentada nas diversas maneiras como seus habitantes lidam com as atividades cotidianas e como conversam sobre as mais variadas esferas da vida. Meu esforço aqui constitui em captar e transmitir suas visões de mundo, suas lógicas, procurando elucidá-las na medida em que me for possível.

O que mudou durante o período de um mês em que morei no Serviluz? Dei-me conta de algo bastante trivial para alguém que não se deixe levar por estereótipos homogeneizadores das singularidades individuais, qual seja: no Serviluz, os dramas sociais, familiares ou individuais são, sobretudo, dramas humanos. Não são apenas problemas de “favelado”, medo

dos traficantes e/ou da polícia. Encontrei histórias de amor, ciúme e traição. Ouvi narrativas de paixões pelo mar que lhes oferta “o peixe mais fresco do planeta!” Ouvi jovens falando uns para os outros de suas primeiras experiências no mercado de trabalho e que ao cair da noite, geralmente, disputavam suas primeiras namoradas.

Entretanto os significados convencionais daquela coletividade ainda me pareciam um tanto obscuros e suas organizações um tanto mal arranjadas para as convenções da realidade social que eu tinha até então. Eu não conhecia as dores e alegrias daquela população. Seus gestos, adaptados ao contexto da favela, pareciam-me mecânicos. Mas era em seus pequenos gestos onde se ditava o contexto da favela. Gestos aprendidos no interior da comunidade e nos contatos com o contexto da cidade da qual faz parte. Esforcei-me para aprender suas emoções em diálogo com valores reconhecidos e compartilhados que inventam continuamente seus contextos.

O que descobri no Serviluz foram dilemas humanos. Tensões amorosas, financeiras, preocupações com o futuro, de acordo com o presente, que seus passados lhes trouxeram dentro, evidentemente, de suas possibilidades.

Um traço mais específico do Serviluz é o profundo contato com o mar, por onde entra o vento que forma as ondas do Titanzinho e corre por suas ruas, seca as roupas e alivia o calor. As roupas das pessoas ali expostas, que antes me levaram a pensar na pouca preocupação com a privacidade, pois deixavam à mostra vestimentas como cuecas, calcinhas e sutiãs, acabaram por se mostrar como sendo a organização mais conveniente do espaço doméstico. A organização que eu mesmo algumas vezes escolhi dar a meu próprio espaço doméstico ao estender minhas roupas dentro de casa – um espaço físico sem ou com pouca luz solar em um cômodo que no decorrer do dia ficava cada vez mais abafado – fazia com que fosse necessário esperar por horas até que as roupas secassem. Melhor estendê-las bem abertas à luz do sol, ao vento que corre pelas ruas onde secam em trinta, quarenta minutos.

As roupas estendidas pelas ruas espalhavam um colorido sempre diferente e serviram-me de inspiração para pensar o grande palco móvel que o Serviluz passou a representar para mim. Aquelas roupas estendidas em varais que cruzavam as ruas eram como na música “Vida” de Chico Buarque “infinitas cortinas com palcos atrás”, formando uma longa série de cortinas e palcos, nos quais “arranca, vida / estufa, veia / e pulsa, pulsa, pulsa/ pulsa, pulsa mais”. Dessa forma – todos interligados, alguns de maneira notória, outros de maneira bastante residual – era como se os principais agentes de um cenário não passassem de meros figurantes em outros.

Abrindo diálogo com o que propõe Certeau (2011, p.159) a cerca da vida cotidiana, seria como se esses entrecruzamentos compusessem “[...] uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alteração de espaços: com relação às representações, ela permanece quotidianamente, indefinidamente, outra”.

Fotografia 8 – Rua São José, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

4.1 História do Andarilho

Em meu primeiro dia morando no Serviluz aceitei, por motivos óbvios, o convite do Andarilho para ir nadar na praia do Titanzinho. Uma série de alongamentos antes de cair na água indicavam a preocupação dele com o corpo, o mesmo se repetindo com a alimentação daquele que repetia de boca cheia, “esse aqui é o peixe mais fresco do planeta!”.

A casa que aluguei no Serviluz acabara de ser reformada. Com quatro cômodos e um banheiro, me parecia bastante ampla. Para alugá-la contei com a ajuda do Andarilho,

personagem conhecido no Serviluz por suas habilidades pesqueiras e por seus saltos de capoeira. Foi ele que me acompanhou, indicando onde havia casas que poderiam ser alugadas e fazendo a intermediação com os proprietários. Enquanto caminhávamos ele me preveniu: “É bom dizer que tu já é conhecido aqui das área. Fica mais fácil conseguir, que alugar a casa assim sem saber nem pra quem é... fica mais difícil”. Quase por um milagre encontrei na companhia do Andarilho a casa que viria a alugar logo no primeiro dia de busca.

Nos dias seguintes eu iria deparar com faces do Serviluz até então desconhecidas para mim. A começar, descobri a intensa e extensa rede de parentesco daquela comunidade. A rua em que fiquei me foi descrita como tranquila, “lá só tem família, o pessoal lá é gente boa, não tem confusão por lá”. Quando explicava às pessoas que fui conhecendo ao longo de minha estada no Serviluz onde eu morava, era frequente ouvir comentários do tipo: “Ah, tenho um primo/tia/irmão/cunhada/namorada que mora lá”.

Foi um período de trabalho intenso. Lembro-me de quando o semestre começou e passei a ter aulas, quando estas terminavam, eu pensava: “Está na hora de voltar ao trabalho: vou para casa”. Dentro de casa, meu celular, usado em gestos banais como o de olhar as horas, não funcionava. Minha casa de concreto, quatro cômodos e uma janela ao lado da porta, alinhada e acomodada entre outras três casas (vizinhos dos dois lados e em cima a casa da proprietária), cortava o sinal do aparelho logo quando eu passava pela porta. Às vezes, eu conseguia apenas saber se alguém estava me telefonando. A conversa tinha que ser na calçada. O diário de campo feito a mão marcava a falta do computador dentro de casa. Assim como me faltava também televisão e aparelho de som que tocasse as músicas de minha preferência. Foi quando descobri que assim como durante o trabalho, em que minha atenção nos vários momentos do dia concentrava-se na tentativa de absorver o máximo de informações, também durante minhas distrações, os momentos de descanso estavam fadados a entrelaçar-se ao campo. Houve momentos em que me senti tão cansado, e o próprio cansaço, paradoxalmente, me ajudava a trabalhar, o que me fez lembrar ter lido que em campo até as meras distrações eram informações demais para serem apreendidas. Roy Wagner (2010) é o autor.

Em momentos assim, agradecia e agradeço ainda à companhia de autores, como Otto Maria Carpeaux (2005), que muito ajudaram a me distrair. Contudo, a leitura de seus textos, também muito me lançava de volta ao campo, como quando, ao citar um trecho de Cervantes (apud Carpeaux 2005, p. 84, 502) me fez pensar na dominação simbólica sobre a pobreza durante o século XVI: “Nunca el consejo del pobre, por bueno que sea, fué admitido, ni el

pobre humilde ha de tener la pressunción de aconsejar a los grandes y a los que piensan que se lo saben todo”¹².

Apesar do cansaço, tratou-se de uma pesquisa prazerosa. Minha rotina ditava as pessoas que eu ia conhecendo. Conheci também as ruas que se esvaziavam ao longo da noite no ritmo em que seus ocupantes se recolhiam às suas casas. Conheci como essas mesmas ruas tornavam a ganhar movimentação antes mesmo que a grande sombra que é a noite se desfizesse cedendo lugar aos primeiros raios do sol. Este movimento era realizado pelas pessoas dedicadas a hábitos noturnos.

O sol chega trazendo luz e calor. Abrem-se portas e janelas. As ruas ganham passos de quem conhece bem sua rotina. Crianças fardadas, com sono, acompanhadas por algum parente, ou sozinhas, correndo, despertas. De quantos extremos são capazes as crianças? Sobe o cheiro do pão – o pão bengala é o que tem maior saída, com cerca de quarenta centímetros pode ser facilmente dividido entre os membros da família –. Formam-se as primeiras filas em busca do pão quentinho. As paradas de ônibus, onde também param as “topiques”, se enchem. O transporte parece funcionar melhor dentro do bairro, alguns motoristas e trocadores são bastante populares. Com tanto movimento pelas ruas os pescadores, que desde às três da “matina” haviam se levantado para as vendas no mercado de Peixe do Mucuripe, vêm voltando, ainda vendendo peixes pelo caminho de volta repleto de desvios para contemplar a freguesia conquistada no correr dos anos de muita negociação.

Depois a movimentação pela rua vai perdendo o ritmo. Às dez horas da manhã há poucas pessoas transitando. Muitos trabalham fora do Serviluz, outros se mantêm dentro de casa ocupados com trabalhos domésticos, tais como limpar a casa, lavar a louça, fazer almoço, pôr o lixo fora nos dias de coleta, cuidar de crianças pequenas.

Nesse horário, quem mais eu via era minha vizinha. Tinha uma filha de 14 anos e esta, por sua vez, uma filha de oito meses. O namorado de 18 anos foi descrito como ciumento e não a deixava estudar. A mãe, que inicialmente proibira o namoro, acabou por acolher o genro sob seu teto quando se anunciou a gravidez da filha, que já entrava no segundo mês. Não tive oportunidade de saber de que forma a notícia da gravidez daquela jovem de apenas 14 anos foi recebida pelos principais envolvidos. O que pude perceber como uma das soluções aos obstáculos que tal gestação impunha foi a de aceitação do genro, até então rejeitado. Outra situação com a qual deparei foi ouvir de outros moradores do Serviluz, a poucos metros de

¹² Tradução livre: Nunca o conselho do pobre, por melhor que seja, foi admitido, nem o pobre humilde há de ter a presunção de aconselhar aos grandes e aos que pensam que sabem tudo.

onde se via a jovem com o bebê nos braços, comentários sobre gravidez na adolescência. Eu acompanhava a conversa com uma atenção silenciosa.

Minha filha sabe desde cedo como se prevenir. Quando ela tinha 13 anos, já sabia das coisas. A tua já tem 14, é melhor tu falar logo com ela, antes que seja tarde. Daqui a pouco ela aparece de bucho. A minha só teve menino quando quis. Ela toma aqueles comprimidos.

As ruas só voltam a ganhar movimentação mais intensa por volta das dezessete horas. Muitas pessoas chegando a casa depois de mais um dia de trabalho caminham pelas ruas, cumprimentam-se uma às outras. Uma parada na lanchonete ou na padaria para garantir o jantar. Bicicletas passam de um lado a outro, algumas motos e poucos carros. Muitas crianças jogam bola pelas ruas estreitas, dançam em pequenos grupos, acompanham os pais. Os jovens formam rodas de conversa. Outros adultos, jovens e crianças pegam ondas na praia do Titanzinho ou na do Vizinho até o cair do sol.

Assim, ao entardecer, sendo o Paredão um local privilegiado para se observar a rapaziada surfando nas ondas do Vizinho, chamaram-me a atenção, numa de minhas caminhadas por ali, dois rapazes com suas pranchas e um terceiro que estava sentado no chão retirando a cabeça e as vísceras de uns peixes recém pescados. Aquela cena punha à mostra o forte vínculo existente entre surfistas e pescadores, não sendo raro encontrar, incorporados em uma mesma pessoa, surfistas e pescadores. Mas as duas atividades não se faziam no mesmo lugar. Seguindo pelo paredão, já depois da faixa de arrebentação das ondas, área dominada pelos surfistas, ficam os pescadores locais. Os maiores conhecedores daquelas águas. Conhecer como a maré se comporta é vital para o seu metiê. Além da maré é necessário estar atento à rotina dos peixes. Tal espécie de peixe “bate” o ano inteiro ou só em alguns meses? A que hora o cardume passa da água rasa para a funda? Qual a melhor linha, anzol, isca para cada tipo de pescaria? Como fazer o nó que prende tudo isso? Onde lançar a linha? A qual profundidade? Se a pescaria é com rede, outra série de perguntas que só os ensinamentos de toda uma vida podem responder.

TIAGO: O que vem na tua cabeça quando tu tá pescando? Que história é essa que tu vê como o peixe se movimenta debaixo d’água?

ANDARILHO: Rapaz, só vem coisa de peixe, né, vem coisa boa, não vem imaginação ruim não, graças a Deus. Só vem, pegar um peixe legal aqui e tal... Só imaginação de coisa boa, né, mah. Tem que ver a profundidade que ele tá batendo também, né, o peixe... Se ele tá batendo em cinco braços, ou em quatro [cinco ou quatro braços indica a profundidade na qual os peixes passam, e por isso, o comprimento de linha que deve ser utilizado]. Ele muda. Tem que testar... ai eu marco. Eu marco na perna. Eu deixo amarrado na perna.

No Paredão, no desembarque dos peixes observei com surpresa uma senhora comprar por apenas um real uma sacola dessas de supermercado cheia de sardinha.

Minha rotina determinava as pessoas que eu ia conhecendo. Eu passava o dia no Serviluz enquanto muitos trabalhadores estavam em seus empregos espalhados pela cidade. Os pescadores, contudo, trabalhavam logo ali no Paredão. O homem do mar a que já nos referimos, conta 58 anos e é tratado por alguns pescadores mais jovens por “mestre”. Pescador veterano, conhece bem os segredos do mar.

TIAGO: Como é que o senhor vinha falando que era o mar?

HOMEM DO MAR: Era as quatro fases da lua. As quatro fases da lua, quer dizer, lua nova, quarto crescente, lua cheia, aí passa a ser minguante, é de cheia para minguante, e a lua minguante, pra chegar à lua nova novamente. O período da lua nova, as marés aumenta, são três dias antes ou três dias depois, aí ela branda. Aí quando ela chega na quarto crescente, ela faz, é o novo lançamento, com diria o pescador, são três dias antes e três dias depois de maré alta, e lua cheia também tem esse mesmo processo. De cheia para quarto minguante, ela diminui a maré, a correnteza d'água, e tem a quarta fase que é a lua minguante, aí a maré diminui, a altura da maré diminui e diminui as carreras d'água que o pescador chama de maré choca. Também é um período não bom de peixe, não é bom de peixe. E os meses, que a gente vê aqui de agosto a setembro, são dos meses que mais venta durante o ano. Aí do mês de novembro em diante começa a brandar o vento, que é a chegada do inverno em janeiro, num é, aí as águas abranda também, mas nesse período da lua continua o mesmo processo, o lançamento né, lua nova, quarto crescente, cheia, e de cheia pra minguante .

TIAGO: E quando é melhor para a pesca?

HOMEM DO MAR: O melhor pra pesca é quando termina o lançamento, né, que passa o lançamento aí fica bom de pesca. Tanto a lua nova, lua de quarto crescente, lua cheia, de cheia pra minguante. A minguante é considerado não boa pescaria, mas nesse período de lua nova, quarto crescente e cheia é os três dias depois que ela dá o lançamento aí é bom de peixe. É coisa fácil que todo pescador sabe, as quatro fases da lua. Se não souber, ele se ferra, ele pega uma maré meu amigo... ele não sabe nem aonde a rede dele vai esbarrar.

TIAGO: É mesmo, é perigoso mesmo?

HOMEM DO MAR: A carreira d'água arrasta é tudo, tem esse negócio não, se é maneiro, se não enganchar direito leva é tudo, acha é longe, e se achar, quebra corda, quebra amarra, pescador tem que ser experiente, se não for experiente, não entra no mar não. Olha se o pescador de água doce entra no mar, não tem conhecimento, num entra no mar não, pescador de água doce não sabe. Pescador de açude, de lagoa, ele não sabe manejar no mar não, é totalmente diferente, já começa ele não se apoia nem na onda, né, fica logo amarisado [risos]. Eu não, eu nunca fiquei amarisado não.

TIAGO: O senhor já viu muito pescador de água doce passar mal?

O HOMEM DO MAR: Não, nem precisa ser pescador não, a pessoa que se mete a querer entrar no mar sem conhecer fica amarisado, já basta ir praqueles bote ali da ponta, num precisa nem ir pescar não, se ele passar meia hora ele já sai amarisado, se num tiver uma pessoa pra ajudar ele a subir ali, ele num sobe não embriagado, e provocando.

O HOMEM DO MAR: Pescador anda em cima de uma jangada daquela, a pessoa pensa que é fácil, vai pra ver.

TIAGO: É. Eu subi e levei uma queda.

HOMEM DO MAR: É aí viu, pois é, se apruma não.

TIAGO: Eu levei uma queda, me pegou de surpresa, assim [inaudível] pensei que tava era surfando.

HOMEM DO MAR: Pois é, num tem experiência, a pessoa tem que se equilibrar.

TIAGO: Tem que se concentrar e não cair, né.

HOMEM DO MAR: Se não cai, acompanhar o balanço.

Essa é uma fala de um daqueles homens com um profundo conhecimento da natureza que puxam redes carregadas de peixe. O homem do mar, o Andarilho são pescadores. Trazem fartura à pobreza da favela.

4.2 Sobre o Paredão

Fotografia 9 – Paredão do Titanzinho, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

Escrevo Paredão com “P” maiúsculo porque chamá-lo assim é reconhecer a forma pessoal, carinhosa como aquele dique é chamado, especialmente pela população de uma das áreas do Serviluz, o Titanzinho. Acredito que essa forma de chamar o Paredão reflete um sentimento de pertença, de identificação com ele. Acredito também que essa identificação

possa se repetir no que diz respeito à pracinha da igreja, a praça que dá nome ao território da Pracinha.

Pedras de duas, três toneladas foram postas ali pelo guindaste Titã, elas se amontoavam alinhadas até a sua extremidade onde há um pequeno farol, caminho esse que até ter sido aplanado em junho de 2011 era bastante tortuoso. Em uma de minhas idas ao Paredão, na companhia do esportista, ouvia seus comentários: “Se esse Paredão falasse... aqui já aconteceu de tudo. Já nasceu gente, quantos meninos num já foram feitos aqui?! Quantos chifres?!”.

Havia pelo caminho muitas escamas e restos de peixes. O esportista me apontou umas pedras usadas para se dar saltos no mar. Alguns barcos pequenos de pescadores ficavam ancorados ao longo do Paredão e as pessoas que tomavam banho por ali, subiam neles para descansar, passar um tempo, namorar... Quando estávamos perto do final do paredão Maurinho me falou que aquela área era usada também por marginais para treino de pontaria. Eles trazem latas e garrafas para servirem como alvo. Do Paredão pode-se ver todo o território do Serviluz, o esportista apontava algumas referências que indicavam suas fronteiras. De um lado a praia do Titanzinho, do outro um armazém de teto e paredes brancas, por trás, uma fábrica de manteiga.

A escuridão da noite, que em dias de lua cheia era amenizada pelo luar e seu reflexo a balançar nas águas do mar, proporciona privacidade aos que não querem ser vistos. A entrada de uma faixa de terra pelo mar, que quando a maré está mais agitada, lança, com a ajuda do vento, respingos de água das ondas de um a lado a outro do Paredão, é um lugar que aumenta a sensação de contato com a natureza, muito utilizado para se pensar sobre a vida. O movimento da maré que por vezes também com suavidade banha o Paredão, junto com o zumbido do vento nos ouvidos, favorece um distanciamento do ritmo agitado da cidade. Favorece a introspecção dos que vão ali para se acalmar. Como no dia em que conheci o Lagosta-da-pedra.

Contudo, antes do relato de como ele se acalmava no Paredão, descrevo como foi o encontro. Essa descrição se faz importante por mostrar, ainda que de forma caricatural, quais problemas o afligiam. Passando por aspectos de seu cotidiano, de suas práticas desviantes, por suas divagações até que me deparasse com estratégias que compõem a dinâmica social das redes de relacionamento do Serviluz, por intermédio do Andarilho.

Domingo à noite, enquanto eu caminhava pelas ruas do Serviluz, fui surpreendido pelo Lagosta-da-pedra, que até então não conhecia. Ele estava muito ansioso e me parecia um tanto

confuso, embora obstinado para que eu lhe desse cinco reais. Ele me disse ter brigado com a mulher e que ela havia saído de casa. Segundo seu relato da briga, a mulher gostava de beber e começou a “esculhambar” toda a família dele com quem eles dividiam a casa, incluindo pai, mãe e avô. Ele havia batido nela e comentava: “Passei o dia com medo da polícia chegar aqui, ainda bem que ela não me denunciou”. Ele voltou a insistir que lhe desse cinco reais. Prometia me pagar com peixes ou lagostas no outro dia. Embora eu me sentisse um tanto ameaçado por sua abordagem, seu rosto magro com olhos e bochechas fundas – era evidente que ele queria o dinheiro para comprar *crack* –, reconheci que havia sido ele quem outro dia me chamara para entrar no barraco em que se consumia *crack* e descobri que ele havia sido repreendido por Andarilho, seu primo. Eles moravam na mesma casa, e o Andarilho o repreendeu dizendo que ele não devia ter me levado porque eu não era “disso”. Lagosta-da-pedra insistia que eu desse o dinheiro e me perguntava:

Se eu voltar pra casa vou fazer o quê? Ficar chorando? Quando eu voltar vou queimar as roupas dela tudim. E eu vou ficar me lembrando dela? Tudo lá me lembra ela, ela tem dinheiro, a mulher se garante demais. O pai dela mora lá no Papicu. Tá comigo porque gosta de transar comigo. A mulher se garante demais na cama oh. Tinha vez que eu fumava, chegava noiado em casa aí ela fazia massagem em mim aí eu a relaxava. Era bom de mais oh mah. Me dá cinco conto cara, pra gente tomar um vinho.

Através de seu relato, uma porção de informações sobre o cotidiano daquele jovem que com 25 anos trabalhava carregando sacas de cimento e com o seu salário tentava sustentar o vício. Percebi que ele ia ficando mais tranquilo ao longo da conversa, mas não desistia dos cinco reais. Além disso, como o contato se alongava, começou a me pedir que comprasse um vinho que beberíamos conversando. Nessa noite achei melhor lhe dar os cinco reais e o acompanhei em sua “missão”.

No caminho para a “rua do Bagulho”, Lagosta-da-pedra comprou um vinho. O que desinteirou o dinheiro para a pedra de *crack*. Eu o convenci de que não tinha mais dinheiro, o que o fez mudar de estratégia para conseguir comprar a pedra. Lagosta-da-pedra passou então a procurar alguém que quisesse “fazer uma intera”, quer dizer, na falta de dinheiro para comprar sozinho, chama-se alguém para pagar o que resta. Dessa vez a “intera” seria de um real.

Outro rapaz que estava pelos arredores da “Rua do Bagulho” também procurava alguém para fazer a sua “intera”. Nós três então seguimos até um barraco na “rua do Bagulho”.

A “rua do Bagulho” conhecida em sua localização tanto pelos “envolvidos” quanto pelos “não envolvidos”, exigia algumas etiquetas que visavam à discricção principalmente no

momento da compra da droga. Lagosta-da-pedra seguia na frente do grupo. Parou na porta de um casebre e o outro rapaz, ao ver que eu também iria parar, me mandou seguir, caminhamos mais alguns metros enquanto ele me explicava: “Fica ali não que faz enxame... um dia eu tava comprando aí parou o carro do Ronda não ali?!” Ele continuou a me explicar que em frente à boca de fumo não pode haver aglomeração como medida de precaução para não chamar a atenção da polícia.

Após a compra da pedra, Lagosta-da-pedra pediu em uma casa uma folha de papel, falando que queria anotar “o recado da menina ali...” Recebeu uma folha de caderno da qual rasgou uma tira e colocou a pedra quebrada em pedaços misturada com o fumo de um cigarro. Fumaram encostados em um barco que estava na areia da praia para manutenção. Lagosta-da-pedra se portava como o dono do baseado, enquanto o outro rapaz reivindicava o direito de fumar, já que havia feito a “intera”, Lagosta-da-pedra, por sua vez, retrucava dizendo: “Tu dá um real e quer fumar o mesmo tanto é?!”

O rapaz da rua do Bagulho, de 20 anos, disse que fumava maconha desde os 6 anos de idade, e mesclado (maconha misturada com *crack*) desde os 15. Quer dizer que ao longo de toda a sua vida o consumo de drogas se fez presente. Sua mãe consumia, seus amigos consumiam. Seja associando-se a outros consumidores para consumi-la, para trocar experiências, compartilhando espaços sociais com quem não difere muito padrão de consumo, seja sendo estigmatizado e excluído de outros espaços que o veem como um pária desprovido de valor moral, pois se o tivesse não se deixaria definhando pela droga, praticamente toda a sua rede de socialidade se modela em torno da droga.

Depois deles terem fumado, o rapaz ficou com um pouco do vinho em um copo descartável e voltei ao Paredão com Lagosta-da-pedra, onde conversamos:

LAGOSTA-DA-PEDRA: Tudo aqui me lembra a minha mulher. Eu transava com ela naquelas pedras ali. Tu num sabe um jeito pra esquecer das coisas não?

TIAGO: O que é que tu acha de religião?

LAGOSTA-DA-PEDRA: Religião né... religião é bom, mas é que tem vez que dá uma coisa... tem dois dias que eu não tomo banho, só de mar, água salgada.

Deitado nas pedras do Paredão olhando para as estrelas:

LAGOSTA-DA-PEDRA: Tem explicação? Essas estrelas têm explicação? Essa lua, tem explicação? Tem explicação, tem Tiago? É bonito demais! Eu queria viver assim trabalhando e depois vindo pegar uns peixes no mar. Com a minha mulher.

Enquanto Lagosta-da-pedra contemplava as estrelas chegou o Andarilho. Disse estar indo acompanhar o desembarque dos peixes. Mas ficou nos fazendo companhia. Mais tarde ficaria claro que o Andarilho estava ali para que não acontecesse nada de errado.

Caminhamos pelo Paredão e Lagosta-da-pedra me falou que foi ele quem roubou a bateria do farol, havia portão no farol que a galera arrombou. “Uma bateria dessa deve valer uns mil reais num é não?”. E voltou a falar de sua mulher: “Quando eu for dormir quero apagar logo, quero ficar pensando em nada antes não que eu só vou pensar nela. Quero tomar vinho, fumar...”.

Esse giro pelo Serviluz que dei com Lagosta-da-pedra me rendeu uma série de advertências. Andarilho, na primeira oportunidade que teve, alertou-me:

Esse cara é muito vacilão. Outra vez vendeu um carro de mão novinho do pai. Ontem trocou o botijão de gás por droga. Fui nem pro Mucuripe com o pai porque fui atrás de recuperar o botijão. Olha ele ali, vai dormir é porra que ele vai dormir. Bora lá pra Combate que lá ele não impregna.

Evidenciava-se uma fronteira da qual pude me servir em outros momentos. Pensando nas redes de relacionamento daquela área, alguns indivíduos tinham seu acesso negado, exemplo disso é o fato de Lagosta-da-pedra não se aproximar da Associação. No início da conversa com o Lagosta-da-pedra eu procurava a companhia do esportista, da mulher da associação e seus amigos e ele claramente buscava evitar a minha aproximação destes. Por outro lado, mais tarde ouvi do esportista:

Uma vez um primo dele [do Lagosta-da-pedra] quase mata ele após ele ter roubado todas as suas roupas. Atualmente o seu primo está preso por conta de um assalto. Outra vez ele consumiu droga sem ter como pagar, no outro dia, quando o traficante foi cobrar, ele bateu no traficante até sair sangue. Três dias depois o traficante voltou acompanhado de seu irmão e efetuou três disparos contra o Lagosta-da-pedra perto do Paredão. Ele correu e pulou na água, suas tripas caíram pelo buraco de bala. Ele passou um tempo andando com uma bolsa do lado, quando ele tirou, deu uma surra no pai dele. É uma pessoa traiçoeira. Se você tá conversando com ele, pagando bebida pra ele e fala uma coisa que ele não gosta, ele pode se levantar, dar um passos pra atrás de você e te acertar. O Andarilho é gente boa pra você andar, faz as coisas só na dele.

São conversas dessa natureza que modulam as redes e estabelecem fronteiras entre quem é bem-vindo no convívio social e quem não o é. Isso se faz ao se avaliar as trajetórias das pessoas, considerando que suas atuações nas redes de socialidade, suas atitudes ao longo da vida serve de base para se elaborar um julgamento acerca da moral da pessoa. As fronteiras que geralmente se expressam de forma bastante sutil, podem ser manifestar de modo explícito e direto, como quando me falaram: “O Andarilho tudo bem, mas o Lagosta-da-pedra eu não

quero ver andando por aqui, ele não é de confiança”. Assim se objetivavam de maneira bastante direta um dos mecanismos de controle daquelas redes de relacionamento.

No Serviluz, para transitar de um ponto da rede a outro geralmente “pega-se uma carona”, isto é, acompanha-se alguém em sua linha de sociabilidade. Pensando a partir do que nos propõem Deleuze e Guattari (1995a), essa carona não é necessariamente uma pessoa. Ela atuaria como conectível entre platôs. Em alguns casos, contudo, regiões contínuas de intensidade se opõem, era pela repulsa que se relacionavam o pertencimento da mulher da associação e o de Lagosta-da-pedra. Andarilho conhecia bem a repulsa entre eles, por isso, a fim de me tirar da companhia de alguém que não considerava de confiança, convidou-me a cruzar uma fronteira que essa pessoa não poderia atravessar.

Dessa forma, a multiplicidade de colaboradores com os quais eu procurava manter contatos acabou gerando algumas tensões. Foi o catador de lixo quem mais deixou isso claro para mim. Depois de me ver próximo ao cabaré de Dona Zélia, na área do Serviluz conhecida como Farol, ele veio falar comigo:

CATADOR DE LIXO: Você não pode andar ali no Farol não, ali é tudo bandido, matam o cara por causa de 25 centavos, por causa de um palito de fósforo. São tudo bandido”.

TIAGO: Mas eu não tava sozinho por lá não, tava com o Mudo...

CATADOR DE LIXO: O Mudo não é nada não, ele entra é na porrada também.

Por tudo isso, o Andarilho tornou-se por si só um ponto de intensidade desta pesquisa. Um sujeito tencionado, de um lado por, um *ethos* guerreiro de pescador, do outro lado, pelo “remedinho” contra o qual travava uma luta para não se deixar dominar. Andarilho acabou por se tornar uma figura central justamente por habitar em suas falas e em suas atitudes esses dois devires. O devir-guerreiro¹³ e o devir-toxicômano. Dois devires que observados isoladamente se opõem. Nas definições desses devires, a descrição de um ilustra o oposto do outro. São dois devires opostos que se unem por uma negação mútua. Essa negação compõe as relações sociais entre os “envolvidos” e os “não envolvidos”, e estes dois, agora unidos, tencionam uma mesma pessoa.

Entretanto não é de surpreender o fato de uma pessoa possuir devires contraditórios. O oposto disso é que poderia provocar espanto. Tampouco é o indivíduo fragmentado em si que nos interessa, mas a maneira como ele se relaciona com outros indivíduos também implicados na negociação de seus próprios devires. Esse indivíduo fragmentado possibilita acesso a uma porção de linhas de fuga. Tive oportunidade de reconhecer a territorialização em seu devir-

¹³ Guerreiro tal como entendido no interior da comunidade, seu significado nativo da expressão.

guerreiro, assim como pude reconhecer algumas de suas linhas de fuga que se territorializavam em um devir-toxicômano.

O devir-toxicômano também se territorializa, a seu modo. Ganha vitalidade em espaços específicos, reservados a seus pares, seja em uma barraca entrando em um beco escuro, com latas cortadas e um prato com o fundo queimado; seja na escuridão da noite na beira do mar, necessariamente encostado a algo que barre o vento, um barco, um barraco; seja ainda em uma espécie de caverna de boa iluminação durante o dia, mas que proporciona total anonimato, entre as pedras do Paredão. Só quem conhece o Paredão com mais familiaridade é capaz de localizá-la. E uma vez ali agachado ninguém o verá.

Consequência disso é que andarilho é simultaneamente reconhecido e desdenhado tanto pelos que atuam como lideranças comunitárias quanto pelos que atuam na venda e no consumo de *crack*. A rede de socialidade na qual Andarilho circula, composta por linhas tão diversas, me oferecia acesso a diversas feições do Serviluz.

Em suas representações do mundo, encontra-se a figura simbólica do “cara ruim”. O “cara ruim”, apreendido em minhas representações, apresenta-se como um agenciamento de práticas desviantes. Observe-se como “o cara ruim” se objetiva em seu relato:

ANDARILHO: E o cara ruim usa logo as mulheres pro cara, mah... Usa as mulheres, né, cara, pra destruir os relacionamento da pessoa, usa as outras mulher, mah.

TIAGO: O cara ruim usa as outras mulheres?

ANDARILHO: É... E isso pode não dar certo.

TIAGO: Pra destruir o relacionamento de quem? Explica aí, eu não entendi não.

ANDARILHO: O cara ruim, mah, é o maldito.

TIAGO: É quem?

ANDARILHO: É o Satã, mah. O maldito.

TIAGO: Ahh, o cara ruim é o diabo, né?

ANDARILHO: É. Usa a mulher, mah.

TIAGO: Ahan hã, chama outra que é pra distrair o cara, né?

ANDARILHO: É. Ele usa a mulher de qualquer jeito.

TIAGO: O cara ruim usa outras coisas também?

ANDARILHO: Usa, usa, usa, usa a pessoa de toda forma. Ele usa de todo jeito, mah, ele usa o cara na bebida, usa o cara em tudo. Às vezes a pessoa tá fazendo mal, matando as pessoas, às vezes...

TIAGO: Na droga também?

ANDARILHO: Ora mais, aí é que ele usa mesmo. [...] A carne da pessoa é fraca, meu velho. Qualquer um, qualquer um, ele usa mah, qualquer um. Qualquer uma pessoa, não tem isso não. No momento de raiva, ele usa a pessoa. Na hora que você sente qualquer raivazinha ele age.

TIAGO: E tu faz alguma coisa pra se proteger?

ANDARILHO: A pessoa tem que ficar, né, tentar ficar o máximo tranquilo, né, porque vem na mente, vem na mente um bocado de coisa ruim, aí o cara tem que tentar imaginar uma coisa pra se livrar dessas imaginação ruim. Ou fazer alguma coisa assim... Vou tomar um banho na praia, ou então vou pescar, vou fazer alguma coisa. Vou pescar...

TIAGO: Tu fica feliz no mar? Pescando?

ANDARILHO: Fico sim, é claro, mah.

Ressalta-se que tanto o Andarilho reconhece ser influenciado pelo “cara ruim” como ele procura linhas de fuga que lhe desviem das agências do “cara ruim”. Entre essas linhas de fuga o banho de mar e a pesca.

De noite um grupo de amigos comentava o roubo do botijão de gás praticado pelo Lagosta-de-pedra. Incentivavam o Andarilho a tomar uma atitude mais agressiva: “Fosse tu, eu dava era uma pisa nele, tem que defender seus velho, teu pai, tua mãe...” Andarilho contesta dizendo: “É em respeito a ele que não vou bater nele. Vou trazer briga pra dentro de casa?”. Não demorou para que eu pudesse conversar com ele. Saímos caminhando:

TIAGO: Como está o Lagosta-da-pedra?

ANDARILHO: Aquele ali? Tá do mesmo jeito.

TIAGO: Faz tempo que ele tá assim?

ANDARILHO: Uia, mah, faz é anos. Eu ponho o meu respeito... eu não posso é sair batendo nele.

E sobre roubos dentro de casa, também tive a oportunidade de ouvir do pai do Andarilho: “Tenho um sobrinho dentro de casa que rouba, rouba prato... o que der pra vender ele rouba”. Não era a primeira vez que o vício do crack causava problema em casa e o pai do Andarilho não fazia cerimônia para anunciar: “Quem se mete com droga só tem dois caminhos: ou é morte ou é prisão”. Com tais perspectivas anunciadas, perguntei ao Andarilho:

TIAGO: E como tu faz pra não se deixar dominar pelo *crack*?

ANDARILHO: Fumo bagulho. Tem uns vinte anos que fumo bagulho, comecei a fumar com 13. A pedra tem menos tempo. É que tem gente que começa a fumar e só quer fumar aquilo, eu não, eu fumo bagulho. Tem uns dez anos, graças a Deus, que eu não viro noite. Quando eu comecei virava direto. É que o cara começa a virar, aí o organismo se acostuma. Passa o dia dormindo e a noite, né? Sabe pro que convida...

Inferi em seu relato que não apenas por não fumar exclusivamente o *crack*, fazendo o uso de outras substâncias, tal como a maconha, mas também por ter deixado de acompanhar a rotina de virar as noites, rotina à qual adere parte significativa dos usuários de *crack*, ele tem conseguido manter o consumo dessa substância de uma maneira mais controlada e harmoniosa do que o do Lagosta-da-pedra. Ao sair da rotina de passar as noites consumindo o *crack*, ele abre espaço para outros devires, o que tem conseguido impedir uma territorialização mais marcante de seu devir toxicômano.



Fonte: Aatoria Própria, 2011.

4.3 Redes Que Atravessam a Associação

Retomando a discussão acerca dos “envolvidos” e “não envolvidos” abro agora um diálogo com Zaluar (2000), considerando seus comentários sobre a categoria de “trabalhador” que faz oposição mais recorrente à categoria de “bandido”. A autora, considerando o uso de tais categorias no contexto de sua pesquisa sobre a favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro indica que a categoria trabalhador “é usada para indicar o valor moral superior da pessoa assim referida” (ZALUAR, 2000 p. 88). Pareceu-me indiscutível a semelhança entre essa oposição e a oposição “envolvidos” e “não envolvidos” que existe no contexto do Serviluz.

As narrativas do esportista sobre os bandidos famosos do Serviluz deixam clara, pela forma como ele os apresenta, uma constante repulsa às suas ações.

Tem o “finado Peroba”. Para entrar na sua galera era preciso passar por alguns testes. Um deles foi jogar pelo telhado da casa de um velho, por quem Peroba nutria inimizade, dez bombas do tipo “rasga lata” com o velho dentro. Ele tava no banheiro e saiu todo queimado.

Briga entre o esportista e Peroba: “Uma vez o Peroba mandou afogar um menino de 11 anos que ficou chorando depois de terem tirado o saco que ele tava usando pra pegar peixes nas piscinas naturais da beira do mar”.

O esportista se manifestou contra o que deu início a uma briga de dois momentos: no primeiro, o esportista levou Peroba no chute por uns vinte metros, da areia da praia até as águas do mar. No segundo momento, o grupo de Peroba deu uma surra no esportista.

Depois eu peguei um por um, chegava por trás de um deles, batia no ombro, e perguntava: “Lembra aquele dia lá na praia? Vai querer bater em mim de novo?” Aí eu metia a surra neles. Depois eles num vinham cobrar não, também eu tenho parente que é da polícia, eles não mexem não. Peroba, entre os seus, pegou o Mata Gato, ejaculou em sua boca, depois mijou e perguntou se alguém queria defecar sobre ele. Ele amarrô um dos seus em uma madeira na beira-mar e deixou pra morrer afogado. Eu ia passando e tirei ele de lá. Ele era doido, tinha juízo não ele. Depois da morte de Peroba, eletrocutado enquanto pichava, seu grupo se desfez e todos são trabalhadores, com exceção de dois; um tá se acabando na bebida, o outro anda medido com droga. Na época do Camarão, o Serviluz não era dividido. Subia pelas casas, fazia túneis. Uma vez veio andando pela praia, se meteu no meio do jogo e foi acertar contas. Falou: “Eu só quero você”. Ele tentava se misturar no meio dos outros e o Camarão mandava todo mundo sair de perto: “Sai de perto! sai de perto!” O primeiro tiro foi na mão que ele pedia para não atirar, “Faz isso comigo não, faz isso comigo não!” Quando ele tentou correr, o Camarão atirou na perna dele. Depois descarregou a arma só nas pernas e nos braços, só o último tiro que foi pra matar. Quando o pessoal sabia que o Camarão tava solto, a rua ficava um deserto, num tinha um bandido que andasse por aqui. O Zorro era do mesmo jeito do Camarão, também sabia andar sem ser visto, de repente ele aparecia. Por isso os dois se respeitavam, eles era cabrera um com o outro.

Tamanha clareza em se definir se uma pessoa é boa ou má com a qual o esportista nos apresenta suas narrativas parecem mais confusas quando observamos mais de perto a vida cotidiana.

4.3.2 Entorno da Associação

O mecânico de bicicleta, de 14 anos aprendeu seu ofício sozinho. Tira boas notas em matemática e notas baixas em português. Por certo sua dislexia contribui para isso.

Durante as tardes, muitos jovens jogam bola no campo de areia ao lado da Associação. Entre os jovens que frequentam o campo há um que anda armado, ele é identificado como membro de uma gangue. Quando chega sua vez de entrar em campo, é preciso que alguém segure a arma. De noite são muitos os comentários:

O mecânico de bicicleta tava segurando a arma do rapaz da facção central. Tão chamando ele de capacho. Ele soltou porque a gente ficou falando que a polícia ia meter a peia nele, outra vez pegaram o cara ali na praia com bagulho quebraram o cara todim, imagina se fosse com arma...

O que teria motivado o mecânico de bicicleta a segurar a arma? Ele queria evitar inimizades ao negar o pedido daquele jovem que lhe pedira para segurar a arma enrolada na camisa? Ou ter a arma na mão exercesse algum fascínio naquele jovem? É possível que os dois fatores se cruzem? São especulações que tentam apenas tocar as motivações do ato, permanecendo, portanto, abertas.

Naquela mesma noite, um menino de 15 anos tornou-se o assunto mais comentado entre uma multidão que se formou após a polícia ter apreendido seu comparsa, que também não tinha mais do que 15 anos. A polícia o colocou dentro de um micro-ônibus com as cortinas fechadas que estava estacionado em frente à delegacia. Entre os comentários que ouvi nessa noite:

Ele vai receber uma massagem hoje... Quando a polícia pegou ele tinha mô galera na rua, aí eles atiraram pro alto pra ninguém tocar neles. O [menino de 15 anos] tá querendo morrer. Esse tiro aí é só um espanto, [pra marcar território] atira de longe... agora se pegarem ele num vai ser só espanto não. Ele é laranja, quer mostrar valentia.

O que atirou foi buscar refúgio na escuridão da praia. Viram-no passar “voador” correndo para a praia. Ele atirou em direção da Favela de uma esquina da rua principal: “De bem perto de onde fica a delegacia de polícia”, disseram-me. Em conversas posteriores fui informado de que o pai do garoto estava no presídio, fora preso junto com o seu tio após uma tentativa de realizar um sequestro relâmpago. Perseguidos pela polícia desde o Caça e Pesca, acabaram batendo o carro em um poste no Titanzinho e foram presos.

4.3.3 As rodas de conversa em frente à associação entravam pela noite.

Apesar de haver um núcleo bem definido de pessoas que se reuniam em frente à Associação Atlética Esportiva Combate, era frequente a presença de membros ocasionais no grupo de conversas sobre os assuntos mais diversos. Em uma noite não mais significativa do que qualquer outra, aconteceu um evento bastante relevante de meu ponto de vista: estando eu centrado na forma como interage a rede de socialidade daquele microcosmo, chamou-me a atenção quando um homem magro, sem camisa, trazendo consigo dois litros de cachaça, caminhou aos tropeços até se encostar em uma parede de contenção da areia na beira do campo. Enquanto isso, o ex-usuário de *crack* fazia o caminho de volta do culto para casa e, nessa noite, resolveu parar na roda de conversa. Ele contava histórias da Bíblia que trazia debaixo do braço. Queria evangelizar os que o ouviam. Ao avistar o homem cambaleando,

não se conteve, bateu na Bíblia e gritou: “Levanta daí, levanta!” Os seguintes comentários do ex-usuário de *crack* possibilitam entender melhor o porquê do incômodo:

Eu só queria entrar no subconsciente dele pra saber o que ele tá pensando. É a droga que coloca os pensamentos dele. Ela cria essas ilusões que não são verdadeiras. Ele pensa que tá sozinho aí, que ninguém tá vendo. Quando eu tava nessa vida eu ia lá pra cima. Você sabe, a gente não pode ir pra cima, nem pra Estiva. Pois eu ia, eu ia lá pra cima, eu ia pra Estiva. Passava a noite andando sem rumo por tudo que é beco feito zumbi. Diz se hoje eu faço isso? Não passa nem pela minha cabeça, nem em pensamento.

O incômodo pareceu-me ser mais devido as lembranças que aquele homem, visivelmente sob efeito de drogas lhe trazia do que por outra coisa. Ninguém mais daquele grupo demonstrava incômodo com a presença do homem que mal se sustentava de pé. Seus comentários consolidavam o caráter disruptivo com sua antiga rede de relacionamentos. Nessa noite a convite do ex-usuário de *crack* acompanhei-o até o Paredão, local onde ele iria orar. O ex-usuário de *crack* havia feito a promessa de orar toda noite de lua cheia. No caminho de volta ele me dizia:

Vale a pena a gente ter dinheiro se num sabe como gastar? Vale a pena a gente ter família se num sabe valorizar? Eu perdi a minha, mas agora eu tou mudado. Eu tenho fé em Deus que ainda vou recuperar a minha família.

O engajamento religioso do ex-usuário de *crack* fazia transparecer toda uma reorganização de sua rede de relacionamentos. Pensando com Deleuze e Guattari (1995a), seria como se ele tivesse se desterritorializado do platô toxicômano, como se tivesse rompido com as linhas de fugas que o ligavam aos conectáveis desse platô. Sua territorialização na igreja, ao que me pareceu, visava servir-lhe de base para romper com a antiga rotina e quiçá retomar uma relação de maior afetividade com os filhos e ex-esposa, negligenciados durante o período em que ele vagava pelas ruas.

4.4 História do catador de lixo

Dando seguimento à perspectiva antropológica orientada por Castro (2002, p. 117) ao reconhecer que a “arte da antropologia” é a “de determinar os problemas postos por cada cultura, não é a de achar soluções para os problemas postos pela nossa”, passo agora a palavra ao catador de lixo na intenção de dar a perceber suas formas de lidar com o mundo. Meu

interesse em suas falas é estabelecer um diálogo com suas representações simbólicas do mundo.

TIAGO: E aí catador de lixo, me conta tua história...

CATADOR DE LIXO: Oh, irmão... Eu vivo nessa vida, eu vivo nessa vida, entendeu? Eu trabalho correndo atrás de lixo, certo? Moro aqui no Titanzinho, ok? Sou local aqui do Titanzinho, sou surfista... Me criei aqui, certo? Nós moramos aqui na favela aqui, aí consegui arranjar um trabalho e tudo. Nós saímos da praia Mansa, que não tinha nada... Ali era só morro e sal, era a casa da minha mãe e dos trabalhador, certo...

Note-se que sua perspectiva da rotina do Serviluz, o relato de suas memórias, permite ampliar os mundos que influenciam o processo de ressignificação daquela, pois, como já foi assinalado, o Serviluz passou de vila de pescadores pequena e isolada a uma favela densamente povoada em menos de trinta anos. Rocha e Eckert (2005, p. 92), referindo-se à rápida transformação da vida urbana brasileira, nos propõem que,

Nesse contexto aparentemente caótico e desordenado, o estudo da memória individual e coletiva é a chave para se elucidarem indivíduos e grupos que geram, produzem e transmitem conjuntos de significados sobre os territórios urbanos em que habitam, mediando projetos sociais e culturais como referência de sentido para sua ação no contexto das complexidades dos processos de trocas e interações sociais.

Quando criança dormia, em um barraco na praia Mansa na companhia de sua mãe:

CATADOR DE LIXO: A gente morava na praia lá... Lá na praia Mansa, lá na praia de baixo lá. O barraco era de taipa, lá era na beira do mar, quando a maré enchia, levava a chinela que minha mãe deixava em baixo da rede embora, de manhã eu ia corria atrás [...].

O catador de lixo estava sempre pelas ruas. Sua trajetória se conecta a diversos platôs que compõem o “rizoma Serviluz”. Ele nos oferece uma perspectiva de quem, a seu modo, vivenciou diversos planos que marcam a história do Serviluz. O catador de lixo interage com diversos grupos nos diversos momentos de sua vida. Além disto, conhece a história de acidentes que marcam aquela área. Sua própria história está atrelada à história do bairro.

CATADOR DE LIXO: E aqui o bar do surfe, né, aconteceu aqui, o trabalhador lá morrendo. Lá no Paredão, a caçamba que levava as pedra rolou uma pra cima da cabine, aí mata o motorista lá, aí caiu aqui, no bar do surfe aqui... O cara veio todo esmagaiado viu, e eu tô por aqui, certo...

A história dessa morte já me havia sido contada por outros interlocutores que, assim como o catador de lixo, levam sua vidas em torno do Paredão. Ao que me parece, a recorrência da lembrança dessa morte trágica faz dela um símbolo dos sacrifícios que foram necessários para a construção daquele titã de pedras. Esse titã, como se verá também na

entrevista seguinte, precisa ser respeitado, pois o Paredão pode ser bastante traiçoeiro nos pequenos movimentos de suas pedras pelas ondas do mar.

Retornando à ideia de que as memórias são construídas e compartilhadas com a intermediação dos membros da rede de socialidade na qual se está imerso e que isso influencia os processos de ressignificação da comunidade, considero que a memória de meus interlocutores constitui mais uma via de acesso às representações de mundo compartilhadas inerentes àquela comunidade. São histórias de vida entranhadas na história do Serviluz e que, ao serem narradas por seus participantes, reproduzem representações valiosas para a compreensão da forma como se dão, como se organizam, como se mantêm ou se rompem as relações sociais no interior desta comunidade ao longo de suas vidas.

Considerando-se isso e na tentativa de localizar os problemas que permeiam a vida social da comunidade do Serviluz, a história de vida do catador de lixo se mostra bastante ilustrativa, pois está marcada por aqueles com quem ele se relaciona cotidianamente ou por aqueles que vieram de fora e depois partiram sem perspectiva de regresso, mas que nem por isso deixam de influenciar significativamente as suas representações do mundo.

CATADOR DE LIXO: Assim, meu pai foi embora pros Estados Unidos... Ele é americano, mora nos Estados Unidos, e eu tô aqui. Eu tenho até que entrar em contato com ele, que eu não... Certo... Sou brasileiro, meu pai é, mora lá nos Estados Unidos lá, meu pai meu aqui pelo porto aqui, com o navio dele aqui, eu tava com 7 anos de idade, entrei em contato com ele, com doze anos de idade...

TIAGO: Tu conheceu ele com 7 anos de idade?

CATADOR DE LIXO: Foi. E com 12 anos...

TIAGO: Ele tava trabalhando?

O CATADOR DE LIXO: Era. Ele veio quando eu tinha 7 anos e depois novamente quando eu tinha 12 anos, aí acabou... Ele começou a tomar uma cerveja, uma cachaça aí, no farol aí quebrou a boate da mulher todinha lá... aí mandaram me chamar. Se eu chegar lá, se eu chegar junto, pagar o dinheiro todinho pra poder pagar a despesa, né... eu não tinha... aí mandei dar um tranco nele aí na delegacia que não tinha quem parasse ele não, ele não tinha ferimento, aí o que aconteceu foi isso. Aí mandei ele ficar detido logo lá, tá entendendo? Detido. Detido, só pra aguentar... a bronca dele, é que ele tava muito bêbado. Mas, aí depois que o comandante do navio dele mandou buscar, aí ele foi liberado. Veio de carro, aí mandou pegar ele e ir embora. Aí, de lá pra cá, foi embora, tchau.

TIAGO: Ele passou quanto tempo aqui?

CATADOR DE LIXO: Pouco tempo, passou uns quinze dias. Quinze dias e pronto.

TIAGO: Ele perguntou se tu queria ir, não foi?

CATADOR DE LIXO: Foi. Mas eu não quis ir porque, pra não... eu tava na continuidade da minha mãe, eu não vou. Eu não vou deixar minha mãe morrer por causa dele. Ela tava doente, tinha asma. E quem cuidava dela era eu. E aí eu tô pera aqui, né. Seja como Deus quiser, e meus amigos me ajudar. O Cação, o Fera, essa galera aí, o Pena, o do comércio...

Uma série de conhecidos do catador de lixo, antigos colegas do surfe, marcou a mudança em sua narrativa. Ele fora um surfista de destaque que chegou a ser patrocinado. Superando uma série de dificuldades, casou-se, teve filhos e uma casa para morar.

CATADOR DE LIXO: Comecei a pegar onda com 6 anos de idade, certo, meu esporte é surfar, eu nasci e me criei aqui dentro do Titanzinho certo, trabalho, sou um cara trabalhador, não sou um cara errado, certo, dou valor a quem trabalha comigo, dou uma força, certo, e pratico aquele esporte de tábua, na praia...

TIAGO: Surfe?

CATADOR DE LIXO: Eu sou profissional. Ninguém, ninguém faz como eu faço, várias manobras, certo, eu “assubo” em cima daquelas pedras com a tábua lá. Pulo em cima de quatro pessoas, sai fora, faço grandes manobras, todo mundo vê. Pulo em cima de uma mesa, pulo por cima das pessoas lá, eu sou um profissional, certo, e aqui não tem ninguém que faça como eu faço essa manobra. Eu sou surfista há muito tempo, desde 6 anos de idade que eu pego onda... E eu tô pera aqui no meu Titanzinho aqui, daqui eu não saio. Enquanto eu não morrer, eu tô aqui... O Primo, [a mulher da associação], a Marta, o Marlon, o Junior aqui, meu coração aqui, e a galera ai, tá entendendo? Luciano ali... Eu tô pera aqui. E eu tô juntando lixo aqui, e tudo, tô carregando aqui, chupando dedo. Aqui que é meu *brother* aqui... Bodim, que é meu amigo velho aqui, que pesca mesmo aqui pra caralho, tem um barquinho ali, pra eu fazer meu mafuá, tem um barquinho acolá no mar, tem a galera, o Nego da barraca também, tá entendendo? Meus camarada do bote também... Aqui eu conheço todo mundo. Ai tem o do Caixão, o Chila acolá, e tem um bocado de cara por acolá, e eu tô pera aqui, Jordan também, meus amigos, meu biriteiro, o Tudé, da galera aí...

O catador de lixo fala com orgulho de suas habilidades no surfe. As antigas manobras nas ondas da praia onde nasceu lhe possibilitaram a profissão de surfista profissional. Este passado é bastante lembrado por aqueles que o conhecem. Sua história, contudo, nem sempre é narrada com orgulho. Entre as diversas pessoas que ele cita – numa demonstração de considerável conhecimento dos membros que compartilham de sua rede de socialidade – ouvi relatos de membros que mantêm uma relação disruptiva com o catador de lixo para os quais a sua história de vida é ressignificada. A narrativa de seu passado como surfista talentoso, ao invés de enaltecê-lo, é usada como exemplo da decadência de uma pessoa talentosa que perdeu patrocínio, casa e família por conta de seu envolvimento com as drogas. Suas relações mais amigáveis, como se verá, se dá entre aqueles que não fazem do uso de drogas um tabu.

CATADOR DE LIXO: Era. Eu tinha... Dois filho, uma mulher e um homem, tá entendendo, aí passei vinte anos com uma mulher e...

TIAGO: Eles estão onde agora?

CATADOR DE LIXO: Tão no interior, né.

TIAGO : Com ela? Com a mãe?

CATADOR DE LIXO: Com a mãe. E eu, tô pera aqui, né. Mas tamos mais afastados, né, passamos vinte anos juntos, e o que eu tenho pra falar é isso, né.

TIAGO: E você birita muito?

CATADOR DE LIXO: Eu tomo muita cachaça. Tomo três litros todo dia. Eu tomo a minha cachaça... Igual o pai. Eu vivo nessa vida aqui porque meus amigos me dá uma força, tá entendendo... e... o que eu tenho pra falar é isso, né.

TIAGO: Tu tem algum sonho assim pro futuro?

CATADOR DE LIXO: Rapaz, espero só assim trabalhar, né, correr atrás de alguma coisa, mas não quero mais a situação, né, como ela é, não. Eu quero ter mais a oportunidade pra mim correr atrás de alguma coisa, né, como eu tenho muita força, né. E aí, todo mundo gosta de mim aqui, né, é meus amigos tudinho aqui... A galera aqui, a da ponta aí. E é isso aí cara, a vida é assim mesmo.

TIAGO: Você é feliz?

CATADOR DE LIXO: Graças a Deus. Nós, todo mundo é feliz. Nós, todo mundo somos feliz, graças a Deus. Se eu não for feliz não resolve porra nenhuma, tá entendendo. E aí a gente vai vivendo com a graça de Deus, né. A gente pede a oportunidade a Deus, certo, pra dar uma ajuda, né...

TIAGO: Você é religioso?

CATADOR DE LIXO: Sou. Passei dez anos dentro da igreja... A igreja do irmão Bill, ali... Do pastor Reinaldo ali, certo... E aconteceu caso que eu fiquei... Eu vi o pastor bebendo, nas cartas lá e tal...

TIAGO: Aí não gostou não?

CATADOR DE LIXO: Não gostei não, aí foi feio, aí aconteceu umas duas mortes lá na igreja que eu tava construindo, né, socorri, socorri...

TIAGO: Morte de quê? Doença ou...?

CATADOR DE LIXO: Não, caiu a estrutura...

TIAGO: Ahn, a igreja desabou?

CATADOR DE LIXO: Foi. Caiu. Aí corri... eu tava lá, ia pegar onda, aí eu vi a bicha caindo, brum, brum... eu vi a bicha arriando lá. Aí eu soltei a prancha no chão lá, aí puxei os cara debaixo das vigas lá, e fiz tudo, aí rasgou o cara todinho, aí tirei um pro lado, tirei outro pro outro, aí os outros dois já tavam morto, aí o que mais que aparece... E lá, quem tava construindo lá, era uns negócio de uns cheira cola, negócio de a galera, tá, dá lá, tudo uma onda... E só isso que eu tenho pra falar.

As narrativas do catador de lixo não se compõem apenas da memória de sua história ou de acidentes que marcaram a história do Serviluz. A narrativa seguinte corria o bairro no período em que lá morei. Uma vez, quando pedi para ouvi-la em outro grupo de intensidade da rede de socialidade, pediram-me para mudar de assunto, pois a história assustava.

CATADOR DE LIXO: Ahn tu quer saber do negócio do lobisomem?

TIAGO: Eu me lembro que tu falou que ele apareceu ali, não foi? Na beira do mar...

CATADOR DE LIXO: Foi.

TIAGO : Tinha as garras... Tu viu as pegadas dele depois?

CATADOR DE LIXO: É, tem que ir... Vim de lá... Eu vim de lá, em cima daquele piso lá, aí sentaram aqui, em cima do banco aqui, ele ficou ali, parado ali, em cima daquele cajueiro ali, aqui...

TIAGO: Tranquilo...

CATADOR DE LIXO: Aí fiquei parado, ele desceu...

TIAGO: Três horas da madrugada era?

CATADOR DE LIXO: Era duas e quinze da madrugada.

TIAGO: Aí ele correu pra lá? Aí não tinha bala que pegasse né...

CATADOR DE LIXO: Tinha uns sentado aí... Mas eu sei que ele desceu, deixou rastro na praia lá...

TIAGO: E como é que ele era? A aparência dele?

CATADOR DE LIXO: Ele era cabeludo, ele era cabeludo pra caralho... Ele era cabeludo, rápido, bem grossão, quatro perna... Quando ele desceu, aí eu saí correndo aqui, fui pra minha galera ali, nós arruizamos, aí fiquei lá naquele coisa lá, eu lá naquele ponto lá, daqui pra lá veio o rastro, aí eu chamei o coroa, o Dica, aí ele foi até ali ó, aí voltou e ficou com medo. Aí eu continuei, porque lá, aquela areia ali, molha ali, aí ninguém via mais os passos. Aí, de lá pra lá, sumiu.

TIAGO: E não apareceu mais?

CATADOR DE LIXO: Não.

Terminando a entrevista, o catador de lixo me agradece e, me tomando por repórter, finaliza reivindicando as melhorias que julga necessárias à comunidade. Mais uma vez, muitos nomes de seus companheiros da rede de socialidade que compartilham são destacados, como uma forma de explicitar, de reivindicar o reconhecimento de seu pertencimento no emaranhado das linhas que se cruzam na composição desta rede.

CATADOR DE LIXO: E eu agradeço, como você tá fazendo a reportagem aqui, certo... E o problema desse esgoto aqui, essa merda, tem que tirar esse caralho daqui, isolar pro outro lado, certo, que a reportagem já veio e não resolveu porra nenhuma, tá entendendo? Não resolveu porra nenhuma, só vem fazer filmagem e comer o dinheiro, certo, essa praia todinha aqui que tá... Começou eu, o Junior aqui, dono da casa, a gente e a Mariazinha, o Có, o Luciano, o pessoal aí, todinho, certo, deu uma limpeza ali, tá entendendo...

Foto 11 – Praia do Titanzinho II, Serviluz, Fortaleza



Fonte: Autoria própria, 2011.

4.5 História do Homem do Mar

Percebi em muitas outras conversas que as ideias de meus interlocutores estabeleciam uma orientação diplomática. Apesar de algumas vezes suas falas se contradizerem, o que deveria ser levado em conta não era nenhuma das versões isoladamente. Cada versão, apoiando-se em linhas de fugas diferentes, refletia variados devires em disputa de territorialização.

As contradições, frequentes no nosso cotidiano, são indício de uma multiplicidade de platôs em disputa a cada momento (DELEUZE e GUATTARI, 1995a). Daí os conflitos da razão, da fé, da sexualidade, da vida e da morte, todos passíveis de territorializarem platôs

conectados a alguma tradição religiosa ou a algum desejo profano que não se deixa apagar. Quais desses segmentos governam majoritariamente a vida de meus interlocutores? Não posso dizer com certeza. Eles próprios poderiam?

Vale ressaltar que nenhuma territorialização que venha a ocorrer garante um domínio absoluto, já que na realidade elas não se dispõem isoladamente. Cada territorialização está impregnada de outras, está atravessada por linhas de fuga que criam devires, os quais são da ordem da invenção.

O relato da história de vida do homem do mar se relaciona com a vida cotidiana de muitos moradores do Serviluz, parte de sua história, como se poderá observar, já está descrita, no primeiro tópico quando faço a apresentação do campo de pesquisa. Suas histórias, quando não se enquadram diretamente naquelas descrições, ainda assim não lhes escapam, pois descrevem a sua vizinhança, e as demais situações com que ele tem de lidar na extensão de sua rede de socialidade.

O objetivo da entrevista é ainda dar um maior espaço à visão de mundo de meu interlocutor. Aproveitei a espontaneidade com que se deu a entrevista para ouvir temas que ele próprio levantava. Eu e o homem do mar, sentados na calçada a poucos metros da casa deste conversávamos sobre a infância, a família, o trabalho, as possibilidades de estudo ao longo dos anos, sobre suas convicções morais e religiosas. Durante a conversa minhas intromissões tinham basicamente dois propósitos. Um, promover uma contextualização mais abrangente dos acontecimentos narrados. Segundo, obter maiores explicações do que significavam para ele próprio algumas das representações que ele compartilhava comigo.

O homem do mar, assim como muitos outros que habitam as casas do Serviluz, veio trazido pela falta de melhores perspectivas no interior do estado, participando do grupo daqueles que compunham o processo de êxodo rural

TIAGO: Por que o senhor veio pra cá?

HOMEM DO MAR: É emprego rapaz, lá não tem emprego não, lá é só agricultura na época não tinha nada lá, é só agricultura mesmo. Eu desde menino que eu trabalho desde os 9 anos comecei na roça, aí dá roça eu vim pra cá. Aqui de Pacatuba. Aí de lá pra cá, eu queria aprender uma profissão, o estudo era pouco, eu estudava e trabalhava. Professor disse ou você só estuda ou trabalha, e na época não tinha essa facilidade que tem hoje, que a oportunidade é pra todo mundo estudar, que na época não tinha, tudo era comprado, também as condição não dava para comprar tudo.

O percurso de sua história está marcado pela perspectiva compartilhada entre aqueles que migravam do campo para a cidade em busca de melhores oportunidades de vida. Contudo a pouca qualificação de sua formação seria um obstáculo a mais para a realização do desejo,

compartilhado por tantos, de viver em melhores condições na cidade do que no campo. O homem do mar, ao comentar as facilidades que o Ministério da Educação lhe possibilita hoje, traz à tona as faltas do passado para aqueles que, segundo sua fala, não tinham “condições”.

TIAGO: Que facilidade é essa que o senhor diz?

HOMEM DO MAR: De hoje o Ministério da Educação que dá seu livro, hoje tem EJA [Educação de Jovens e Adultos] que dá pra estudar de noite, na época não tinha não, tinha escola particulares, e escola estadual, a do município só era uma e uma estadual, só estudava quem tinha condição, porque tudo era comprado, da farda ao lápis, até a borracha, e a gente que trabalhava na lavoura não ganhava suficiente que desse para cobrir tudo a despesa do colégio, aí eu fui até a quarta série na época, né, aí parei de estudar e fui trabalhar, aí tive essa facilidade de emprego, aí eu comecei a trabalhar depois da roça que nem auxiliar de operador de trator de externo, aí depois passei a trabalhar em trator, aí recebi a primeira classificação, aí pronto continuei, aí agora como as empresas estão esperando, tão querendo a qualificação do trabalhador, ou estuda, ou não trabalha mais, o menino não acha mais emprego. É por isso que eu estou fazendo o esforço de terminar o fundamental dois, porque aí já é mais ou menos, já pode se considerar que eu não sou mais analfabeto né, só pode, pois é, aí pronto fica mais fácil, mas se na época eu tivesse esse estudo, eu tinha era emprego federal, se eu tivesse pelo menos o fundamental dois na época, e o curso de datilógrafo, que na época não tinha computação, né, eu tinha um emprego federal hoje, mas eu não tive essas condições aí.

TIAGO: O senhor já conseguiu esse emprego e não pôde ficar porque não tinha...

HOMEM DO MAR: Eu não tinha o fundamental dois, e nem o curso de datilógrafo e era na Refesa na época, aí eu entrava como auxiliar de maquinista, e talvez hoje eu já fosse maquinista, e aposentado, né, federal, né, logo federal.

HOMEM DO MAR: Lá no interior eu tirei a documentação, e depois que eu tirei a documentação aí comecei a me destacar, né, aí me destaquei pra cá, e daqui não fiquei só no estado do Ceará não, eu conheço Bahia, Salvador, Pernambuco, Recife, Maranhão, São Luís, né aí depois que eu passei o profissional operando máquina, tirei minha habilitação, e passei também a trabalhar de motorista, né, transportando carro, tanto trabalhei pra empilhadeira, como máquinas pesadas, e caminhoneiro também, né.

Durante a infância, o trabalho na roça, aliado a um ensino público inacessível aumentavam as dificuldades. Ainda mais quando, com a separação dos pais, ele teve de lidar com o desamparo.

HOMEM DO MAR: Eu tinha 9 anos quando meus pais separaram. Foi ruim pra nós [risos], nós comemos o pão que o diabo amassou.

TIAGO: Por que, o que foi que mudou?

HOMEM DO MAR: Mudou porque nós não tivemos mais um lar, nós não tivemos, nós passamos a não saber o que é o amor de uma mãe, nem de um pai. A minha família era uma família desestruturada, porque o meu pai e minha mãe quando me deixou na época eu e mais quatro, eu tinha 9 anos na época, aí tinha que trabalhar, ou trabalhava ou não passava bem, né, não era como nos dias de hoje que tem uma facilidade de ajuda do governo, na época não tinha não, e tinha que trabalhar, aí com 9 anos, eu comecei o meu primeiro serviço na agricultura era pastorear passarinho, pros passarim não arrancar a plantação e nem a semente que era o arroz na época, o milho, né... que as graúnas perseguiam muito, os passarinho do arroz, quatro hora da manhã eu já tava dentro do roçado, a gente só saía quando escurecia, né, aí no fim de semana tinha aquele salariozinho. Aí eu ia me mantendo, né, dava pra manter, comprava uma roupa, uma alimentação e, quando passava aquele período, aí ia capinar, né, capinava durante a semana e no fim de semana ia pescar, fazer armadilha pra pegar um tipo de animal, era assim.

TIAGO: O senhor então não ficou nem com o pai nem com a mãe?

HOMEM DO MAR: Não, a minha mãe se mandou-se, arrumou logo outro, o meu pai arranhou logo outra, o único que nos deu apoio quando ainda tava vivo foi meu finado avô, da parte de pai. Ele nos apoiou, uns mais nesse tipo de apoio, aí deixou sempre na casa dos outros trabalhando né, pra pode ganhar o pão de cada dia, como eu falei pra você, uns na

roça, uns nas casas, uns vendia umas coisas, uma coisa assim, sempre trabalhando e foi quando eu completei 18 anos, tirei meus documentos, e passei a trabalhar em empresa, né, aí já melhorou um pouco, né. Aí eu me sentia só, desamorado assim no sentido, que não tinha amor nem de pai e nem de mãe, aí conheci a [esposa], nós casamos, né, aí pronto, depois formei uma família realmente, não tinha do que me queixar não.

A sua concepção de família, contudo, permaneceu patriarcal. A falta do amor de seus pais, como ele coloca, foi amenizada quando ele próprio veio a estruturar ao lado da esposa sua própria família. Sobrevivendo às adversidades, o homem do mar se territorializou no Serviluz.

TIAGO: O senhor, quando veio pra cá, não tinha familiar por aqui?

HOMEM DO MAR: Não, ninguém vim só, aí comecei a trabalhar, eu conheci a [esposa] lá na praia Mansa, que eu fui fazer lá um desmanche de embarcação, com trator de esteira quebrar e planear, e a empresa da Bahia ia fazer a tubulação de esgoto, né, aqui em Fortaleza, aí eu conheci a [esposa] nós nos casamos, aí pronto, eu num fui mais pro interior não, porque no interior não tem vantagem nenhuma. Na época eu dormia na empresa, né, aí depois que eu casei comecei a viajar. A [esposa] ficava com a família dela enquanto eu chegava, aí foi o tempo que saíram da praia Mansa, aí vieram pra cá, a [esposa] ganhou uma casa, mas quando eu cheguei a [esposa] já tinha vendido uma casa, aí eu viajei pra Sobral para trabalhar em uma companhia lá, uma companhia de cimento, aí trabalhei cinco anos na companhia, aí peguei e pedi pra sair, porque não tava me dando bem, aí vim pra cá e comprei essa casinha aqui, aí tinha uma moto inteirei, vendi e completei o valor, aí até hoje.

TIAGO: Tem muita gente morando com o senhor?

HOMEM DO MAR: Tem, só neto é seis.

TIAGO: Tudo aí?

HOMEM DO MAR: Tudo, e duas filhas solteiras que tenho, cada uma tem três, tudo é sobre meu teto. São quatro mulher e dois homens. A mais velha tem 11 e o menorzinho agora tá com dois meses. Tudo é daqui do suor do meu rosto.

TIAGO: Tem uma que vende churrasco né.

HOMEM DO MAR: Não, ela só faz assar, ela ajuda a mãe dela, né, mas despesa da casa tudo é comigo, a despesa, água e luz, a feira, que é a alimentação, agora a [esposa], a outra parte dela ela compra uma roupa, um calçado pras crianças, arruma pra ajudar na merenda também, né, o bolsa família também ajuda, né, pois é dessa maneira, a casa é estreitinha, mas cabe todo mundo.

TIAGO: E cadê o marido delas?

HOMEM DO MAR: Elas não têm marido não, são mães solteiras, só faz e joga pra cima do pai né, porque, outra coisa que a gente não aceita dar [a criança], porque num é nem algum tipo de animal, a gente apoia, né, de qualquer maneira, as pessoas hoje não tem mais responsabilidade, né, aí tem que assumir responsabilidade pra eles, tem que segurar.

TIAGO: Alguém pensou em dar?

HOMEM DO MAR: Pensaram, mas eu não aceitei não, porque não vale a pena não, porque o sangue da gente a gente mesmo é que deve cuidar, porque as vezes a outra pessoas não tem nem cuidado com o que é deles, quanto mais com o que é dos outros, num tem responsabilidade, o amor, o carinho que a gente tem, o afeto mesmo, ao afeto amoroso, hoje em dia eu sou muito amoroso para com os meus. Porque eu já passei por certas situações difícil, né, com idade de 9 anos, meus pais me deixou, eu mais quatro irmão, mas na época, eu cresci também numa época boa, a gente não era só doutrinado, mas também disciplinado, a gente soube respeitar realmente desde a infância as coisas que é lícita e se sair da definição ilícita, né, para poder viver melhor, e eu sou dessa maneira, até hoje eu não entro, é nesse mesmo ritmo.

Pareceu-me relevante a atitude do homem do mar de manter sob seu teto as suas filhas e netos, fazendo oposição ao que ele próprio viveu durante a infância, quando os pais se separaram e o abandonaram. Evento que deu início a um período em sua vida no qual, como

ele próprio colocou: comeu “o pão que o diabo amassou”. Mas tal abandono não significou que ele também abandonasse antigas lições de seu pai. Certamente essas lições foram se resignificando ao longo de sua vida. Seu pai é ainda hoje quem aparece como alguém que soube doutriná-lo. Vale então interrogar: em que consiste a doutrina deixada pelo pai? Seria como uma herança de noções morais nas quais ele se apoiaria e resignificaria ao longo de sua vida?

TIAGO: Qual é a sua doutrina?

HOMEM DO MAR: A doutrina, por exemplo, o respeito, a dedicação, o moral, né.

TIAGO: O senhor é religioso?

HOMEM DO MAR: Rapaz, religioso eu não sou, porque desde quando eu era religioso, eu lia muito a Bíblia, eu ia muito aos encontros da Bíblia, que realmente que eu descobri que não concordo mais, eu num tenho consideração a nenhum Deus, desde quando eu era muito religioso, orava muito, né, e outra coisa, para a pessoa ser boa, num precisa religião, religião num faz mudar a vida da gente não, a gente já vem do berço, num precisa de religião pra mudar a vida da gente não, que religião não muda nada.

TIAGO: Quem muda é a gente.

HOMEM DO MAR: A gente, com a experiência da gente, a gente sabe separar o bem do mal, que nem eu. Aí o que veio me trazer sobre esse assunto de eu não acreditar mais em Deus, é que eu acreditava muito no Deus da Bíblia, que é o Deus verdadeiro, é o único Deus no qual eu acreditava, né, que, como tá escrito, é o Deus que dá a vida, a vida como mudança, aí só promete vida e num sei o que mais, aí desde o dia que meu fi foi... se afogou, aí eu passei a não mais acreditar nesse Deus não, porque como a Bíblia relata que esse Deus é onipresente, onipotente, onisciente, aí eu descobri que não é nada disso não, porque se fosse onipotente, onipresente, ele talvez, esse acidente não tivesse acontecido com o meu filho, é como o relato da Bíblia, ele sempre defende isso e daquilo outro, mas nesse sentido aí, eu não vi salvação de nada, porque num se chama salvador de vidas, então o único salvador de vidas, que eu conheço é os médicos, é esses daí, eu tenho certeza que eles são salvador de vidas, são os médicos, e outra coisa que nem eu também, eu passei, eu lhe falei de uma fase que eu salvei uma vida, porque tava em risco de ser morto, afogado também, aí eu salvei, aí sim é salvar vida, aí é salvar vida. E a outra parte a gente vivendo no bem, fazendo o bem, praticando o bem sempre é melhor pra gente, sempre é melhor, respeitando, né, porque a gente só, o único amigo que a gente tem, um diz que é o dinheiro, isso é não, o respeito da gente é o caráter da gente, aí sim, aí que é o amigo, que a gente tendo o caráter, o respeito, em todo canto a gente é respeitado, porque a gente já transmite aquilo ali, as pessoas vê, vai respeitar a gente também.

TIAGO: E quem é nosso amigo?

HOMEM DO MAR: Meu caráter, meu respeito, eles são meus amigos, porque eu transmitindo isso daí, eu recebo de volta, e eu não tendo isso aí quem que vai me respeitar, se eu não dedico respeito, né, e a dedicação às pessoas com respeito, foi assim e isso num foi religião que me ensinou não, eu já trouxe essa doutrina, eu trouxe dos meus pais, apesar deles se separarem, né, mas eu me servi dele, porque ele dava uma ordem, eu tinha que atender, ou atendia por outro ele botava na disciplina, pegava disciplina pesada, né, aí eu não queria pegar disciplina pesada, né, aí eu respeitava as ordem dele.

Quando o homem do mar ocupa ele próprio o lugar de pai, observa-se de que ele se queixa:

HOMEM DO MAR: A única coisa que eu me queixo foi que a vida do meu filho foi ceifada né, que em vez dele me enterrar foi eu que enterrei ele, mas ele morreu como herói, como guerreiro, na luta em busca do ganha pão.

Ao relatar a sua grande queixa, a morte do filho, o homem do mar parece oscilar entre o que lhe causa sentimento de dor, uma revolta abrandada pelo tempo e que o lhe é motivo de orgulho. Dessa forma, ao longo da fala, ele aponta as crenças, as expectativas que tem com relação a um companheiro de pesca, que ações ele considera atos de bravura. São vários devires que se cruzam e se mantêm territorializados marcadamente na memória de que o filho era um “guerreiro”.

HOMEM DO MAR: Foi no dia vinte e seis de março, numa sexta-feira, ele completou ano no dia dezessete e a vida dele foi ceifada no dia vinte e seis, no dia de sexta-feira na parte da tarde. Aí, de lá pra cá, certo, que a vida continua, mas sem sorriso, né, sem sorrir, sem sorrir, porque pra mim era o filho o qual amava mais, amava no sentido do respeito que ele tinha a mim, né, como filho. Ele tinha o título de filho, nunca me deu trabalho, nunca me fez eu me envergonhar. Como eu falei pra você, o meu caráter, o meu exemplo que eu tinha para com ele, ele também mostrava para com as pessoas e as pessoas eram dedicadas a ele, tinha ele como bom amigo, conhecido como uma pessoas respeitador.

Ele sabia um bocado de coisa, sabia tocar, sabia desenhar, eu já lhe mostrei os desenhos que eu tenho aí dele? Nas telhas, pois é destá que uma dia eu vou lhe mostrar, vários desenhos, é tirado da bíblia, porque realmente ele acreditava muito nesse Deus a qual eu acreditava, né, é por isso, que eu realmente... essa questão é só minha e Deus. A pessoa que é religiosa, eu não vou contra a pessoas que queira seguir o que gosta, eu não sou contra, mas a minha parte é essa, mas apesar de eu não acreditar mais em Deus, eu num vou fazer coisa ruim não, eu continuo o mesmo.

Não era a primeira vez que o homem do mar me contava essa história. Um passeio pelo Paredão no qual o acompanhei até o limite daquela linha de pedras, num dos limites de terra do Serviluz, tornou-se lugar de recordações:

HOMEM DO MAR: Meu filho morreu a 1km nessa direção que estou apontando... ele teve um branco, [falta oxigênio no cérebro] passou cinco dias e cinco noites para ser encontrado. Um navio cargueiro viu o corpo dele mas não o tirou da água. Quando a pessoa tá viva, eles tiram ela da água e ela desce no próximo porto que o navio parar e volta pra casa. Quando já tá morto eles passam a notícia por rádio. Foi bom que facilitou a busca, a gente calcula a maré e sabe mais ou menos onde o corpo vai parar. Encontraram ele lá na Taíba [praia a cerca de sessenta e cinco quilômetros]. Morreu como guerreiro.

TIAGO: Ele deixou neto pro senhor?

HOMEM DO MAR: Deixou três.

TIAGO: Deixou três.

HOMEM DO MAR: Foi, é um casal de gêmeas, agora as gêmeas se parece mais com ele, agora o menino não parece com ele, mas a gêmeas é mesmo que tá vendo, olhando pra ela, até o jeito da cabeça, o crânio se parece com ele.

TIAGO: As duas.

HOMEM DO MAR: As duas, já estão mocinhas já.

TIAGO: Elas moram aí com o senhor?

HOMEM DO MAR: Não, elas moram ali pra cima, eu via elas quando eram pequenas, agora se eu vê elas, só se alguém me dizer que é, né, é, que a mãe é orgulhosa, né, a mãe é orgulhosa, agora a mãe delas é uma morena dos olhos verdes.

No dia da morte, o filho do homem do mar estava acompanhado de mais dois mergulhadores. Em outras conversas sobre o assunto, o homem do mar não escondeu o desafeto para com eles e os descreve como infantis, sem maturidade para a atividade que

estavam fazendo. Ele comenta também estratégias de segurança que poderiam ter evitado aquela fatalidade. Segundo ele, quando um mergulhador submerge, o outro deve ficar em cima, boiando na superfície, olhando para o que está mergulhando ou, ainda que não fique acompanhando visualmente o outro mergulhador, calculando “o tempo do outro”, isto é, o tempo que cada mergulhador consegue prender a respiração e, com isso, caso o mergulho dure mais do que o tempo previsto, determinado durante as práticas de mergulho rotineiras, deve-se imediatamente ir atrás do companheiro. Nesse incidente, contudo, quando passou esse tempo limite, os outros dois pensaram que o filho do homem do mar estava brincando, escondido em algum lugar.

Comentando o assunto, o Andarilho falou que os dois mergulhadores que acompanhavam o filho do homem do mar largaram a profissão. Após o incidente não conseguiram voltar para o mar.

Tal evento desencadeou ressignificações dos envolvidos entre si. Desencadeou um processo disruptivo entre o homem do mar e os antigos companheiros do filho e entre estes e o mar. Depois do incidente, também o homem do mar passou meses sem sequer olhar para o mar. A sua relação com este e com Deus se metamorfoseou. Lembro o olhar do homem do mar na extremidade do Paredão, de onde eu só via água, ele apontava o dedo e fazia descrições precisas do local onde a vida do filho fora ceifada.

TIAGO: Foi nesse tempo que o senhor brigou com o mar?

HOMEM DO MAR: Foi, não eu não briguei com o mar, eu me questionei com Deus, é porque realmente o mar é um lugar de risco, de alta periculosidade, quem vacilar a vida pode ser tirada, eu luto contra o mar, mas eu sei quem é ele, eu não dou muito vacilo não, porque se der meu amigo, já era. O mar num dá colher de chá para ninguém não, a pessoa que deve respeitar ele, ele num respeita ninguém não, é sério, você está acompanhando aqui, você tá vendo a experiência como é que é, se vacilar dança, e dança para pior, não é para melhor não.

TIAGO: O mar não respeita ninguém?

HOMEM DO MAR: Ele não respeita, a gente é que deve respeitar ele, a gente deve respeitar ele.

TIAGO: Pra ser do jeitinho que ele quer, né.

HOMEM DO MAR: É do jeito dele, porque se não for... ele também é invadido também, né, se ele num fosse assim, meu amigo, aí tivesse paciência, aí todo mundo queria tá nele, né [risos]. Só entra nele quem é mais valente do que ele, e deve ter cuidado.

TIAGO: A valentia do mar é quem faz o senhor ser guerreiro?.

HOMEM DO MAR: Ele é guerreiro, eu sou guerreiro, nós entra, mas eu respeitando ele, eu entro, mas respeitando ele, ele é poderoso, né, ele é do outro mundo, lá não tem apoio não, é um mundo das águas.

Na negação de Deus feita pelo homem do mar haveria um desprendimento ou um profundo apego a essa entidade? Apesar de dizer-se não religioso, é possível perceber que há uma profunda religiosidade em sua fala. Ele até se retrata em alguns momentos e afirma o respeito ao divino. O homem chama a Deus nem que seja para negá-Lo, afinal é grande o seu

descontentamento. Deus está frequentemente em sua fala, vivo em suas representações do mundo. Seria a negação da religiosidade feita pelo homem do mar uma reinvenção, uma saída possível para a dor? A solução que lhe pareceu, por fim, mais razoável?

Perguntei-lhe sobre seu ingresso nesse “mundo das águas”, descobri que sua história era atravessada por enunciações de meu primeiro capítulo, quando, fazendo referência a Almeida (1995), propunha que parte da população do Serviluz se constituía de moradores vindos do interior em busca de melhores oportunidade de emprego na capital e que a especificidade de o Serviluz ser banhado pelo mar, acaba servindo como um agenciamento para aqueles que possuíam afinidade com a pesca.

TIAGO: Quem foi que lhe ensinou a pescar?

HOMEM DO MAR: Rapaz, é como eu digo na época eu trabalhava na agricultura a gente tinha que fazer de tudo, quando num tava capinando, que num tava plantando, a gente tava pescando na água doce, né, na época do inverno, na cheia dos rios, e durante o verão nos açudes aí eu aprendi também a tecer tarrafa, a tecer rede de pesca e aqui me aperfeiçoei com os profissionais da pesca, né, pronto, aí eu passei a considerar hoje eu ser um profissional da pesca, não lá do alto-mar, porque o alto-mar lá ele já tem as ideias, a experiência de pescar de linha, as mãos são calejadas, né, e pesca com rede grossa com caçoeira é diferente daqui, né, é diferente, só que o mar é o mesmo, o balanço é o mesmo.

As lembranças de seu filho se mantém dispersas na rede de socialidade. Sua foto circula na comunidade remetendo a um de seus feitos de bravura:

TIAGO: Hoje mesmo eu vi um rapaz passando com uma camisa com a foto dele [do seu filho], essa mesma foto aqui com o peixe comprido.

HOMEM DO MAR: É o cumurupim que ele matou ali, deu sessenta quilos esse peixe. O pescador que ajudou ele a botar em cima do barco, o bote, né, e trouxeram pra terra, o peixe saiu arrastando ele dentro d'água, ele ia por cima e o peixe por baixo. Aí ele deu sinal pro pescador, aí o pescador foi socorrer, o filho da Zalma, no dia que eu ver ele, eu lhe apresento.

ZÉ: Ai vem com motor?

HOMEM DO MAR: A remo, na época não tinha motor não. O peixe já tava furado de arpão, né, e já cansado de puxar ele, né, aí quando chegou lá que entregou a arma pra ele, ele puxou o peixe arpado, botaram ele pra cima e vieram embora. Pra você ver como ele era valente, nera, se fosse outro tinha soltado, nera, o peixe tinha ido embora, mas não, ele segurou, porque tem um bulonete na arma até cem metros de distância de corda pois é, o peixe puxou tudo, chegou no cem e continuou puxando, aí ele depois fechou, ai ele fez só dar sinal para o pescador, né, o nome do pescador é Valdenir, aí ele correu, ajudou ele, o cara tirou o peixe fora, aí ele vendeu o peixe e deram uma parte a ele, que é a consideração do pescador, ele tava fazendo um curso para trabalhar em embarcação, de rebocador, aí ele não concluiu o curso.

Encerrando a apresentação dos processos de reterritorialização que o homem do mar empreendeu após a morte de seu filho – considerando-se as transformações que esta perda veio a desencadear em sua apreciação das pessoas que reputa dignas de sua amizade, em sua relação com o mar e com Deus –, acompanho, em seguida, outros planos de sua visão de

mundo. Antes de estarem separados das apreciações anteriores, esses outros planos favorecem um entendimento complementar sobre como se ordenam as representações perpassadas pelas linhas que compõem sua rede de socialidade.

O movimento das marés faz com que determinados locais da bacia que banha o Serviluz tenha alguns pontos de pesca privilegiados por conta das correntes marinhas utilizadas pelos peixes em suas movimentações ao longo dos dias. Essas movimentações são influenciadas ainda por outros fatores, como as fases da lua e a época do ano. A pescaria exige, dessa forma, uma série de conhecimentos sobre os comportamentos das águas em comunhão com o comportamento da vida marinha. Há todo um *savoir faire* que é compartilhado entre os pescadores do Serviluz.

Outro aspecto a ser sublinhado entre os pescadores do Serviluz é o complexo sistema de troca de dádivas praticado entre eles. Como nos propõe a teoria do dom de Mauss (2003), as trocas impõem uma obrigação implícita no comprimento de três momentos: o dar, o receber e o retribuir. Tais ações encerram teoricamente um ciclo que pode se estender a toda a comunidade. Nessa teoria, o que de mais importante se troca são dádivas que simbolizam a formação de alianças entre aqueles que participam das trocas. Em paralelo à perspectiva que venho trabalhando com relação à noção de socialidade (Strathern, 1999), essa teoria também reconhece o caráter disruptivo que as relações sociais podem assumir quando há o rompimento do ciclo entre indivíduos ou grupos de indivíduos em alguma fase das etapas postuladas pela teoria do dom: dar, receber e retribuir.

Na narrativa que se segue do homem do mar, é possível apreciar um pouco dos elementos que compõem o sistema de troca de dádiva. O homem do mar, por exemplo, troca desde isca para pesca até o reconhecimento dos demais pescadores do Paredão com relação ao ponto de pesca do qual faz uso há alguns anos. Ainda assim, há disputas. Passo a palavra ao homem do mar:

HOMEM DO MAR: Querem tomar o espaço, só que não toma, né, realmente a turma precisa, mas dá pra fazer [é possível dividir o ponto de pesca], mas aí depois não querem mais ceder o local.

TIAGO: Foi senhor, que montou o ponto?

HOMEM DO MAR: Foi só feito o desmanche novamente, porque eu desmanchei pra ele colocar o dele, aí eu fui lá agora desmanchar o dele para colocar o meu, eu não pego nada dele, faço só mudar de local. Eu já modifiquei já alguns planos dele lá pra quando ele chegasse, faz muito tempo que eu pesco, eu pego isca pros pescador também, né.

TIAGO: Pega isca pros pescadores?

HOMEM DO MAR: É, quando eles precisa, né, quando vão pro curupinho, a pesca do curupinho, né, aí eles quer a tainha, né, aí favorece, né, para os mais chegados a mim, que eu não vendo pra ele, né, é troca, ele me traz uma cavala, me traz uma serra, me traz um chareu, uma cabeça de cumurupim, aí eu dou a isca pra ele, né, são quatro isca, né, porque isca é assim. Aí tem o outro comprador, que ele compra pra modo geral, pra todos os

pescador, pescar lá, aí eu vendo pra ele, né, porque pode levar dez quilo, vão tudo de uma vez só, né. Agora aqui na porta eu também vendo, vendo um quilo, vendo dois...

TIAGO: Quando o dia é bom, faz quanto?

HOMEM DO MAR: Eu faço setenta, cinquenta, quarenta, até cinquenta, não é todo dia sabe, as vezes dá dois dias bom, três dias, é assim, aí eu já sei como é que é, já tenho base já, aí eu vou administrando devagarzinho.

TIAGO: Como é um dia bom? É melhor quando o senhor pesca muito peixe ou quando vende tudo?

HOMEM DO MAR: É quando tem muito peixe pra vender, aqui, meu fi, não falta não, a venda já é certa, se eu pegar cem quilos, já tem comprador certo, se pegar cinco, quilos tem também, agora aí é o pessoal que encomenda os quilos, não pode comprar muito, compra um quilo, compra dois, compra três, é assim, aí eu vou vendendo, aí se eu pegar pouco, eu vendo logo, dois quilos, três quilos é assim, aí quando eu pego quinze, vinte, aí leva lá pra quem compra muito de uma vez só, se tivesse todo dia assim era bom demais, eu espero pela vontade do mar, quando ele me dá, agradeço.

TIAGO: De hoje pra manhã, o senhor não vai tirar mais nenhum, não é.

O HOMEM DO MAR: Não, minha rede não tá na água não, vou botar só amanhã agora, eu tô pescando só durante o dia, eu boto de manhã cinco horas, aí quando é três hora da tarde pra três e meia, eu tô tirando as redes. Às vezes de noite dá uns peixe, a tainha, às vezes a noite dá, quando a lua clara, quando a água tá limpa nessa época também dá tainha à noite, mas é mais arriscado à noite, porque tem a caravela, tem a água-viva quando vai tirar a rede é perigoso.

TIAGO: Eita, pra puxar a rede depois, heim?

HOMEM DO MAR: É, é rede de bueira, eu gosto de pescar mais com rede de bueira.

TIAGO: Aí não pega água-viva não?

HOMEM DO MAR: O que? É onde cai mais.

TIAGO: E porque o senhor prefere ela?

HOMEM DO MAR: É porque a bueira é boa de trabalhar, a gente tá vendo a rede, tá vendo o feixo e afundada a gente num vê não, o que tá puxando não, principalmente à noite, porque pode vir um bagre, né, a gente não tá esperando, pode vir um aniquinho, né.

TIAGO: O que é isso?

HOMEM DO MAR: É um peixe que tem uma substância tóxica que, se triscar na gente, a gente não aguenta a dor, a dor é tão forte que a gente fica delirando. Não presta pra comer não.

TIAGO: Mas é pouco peixe, né, porque a maioria dá pra comer, né.

HOMEM DO MAR: A maioria dá, é porque o peixe que a gente pega aqui, a palombeta, é o pargo, como eu falei pra você, carapicu, é o timbiro, a sardinha, a tainha, o serra.

TIAGO: A espada.

HOMEM DO MAR: É a espada, o barbudo, esses peixinhos assim, que é da posta. A sardinha hoje é mais aproveitável, que a gente faz a conserva, né, sai melhor que aquela industrializada.

TIAGO: Ah, o senhor mesmo que prepara?

HOMEM DO MAR: É a gente mesmo que prepara.

Uma receita:

TIAGO: Como é o preparo?

HOMEM DO MAR: É, um copo de óleo, um copo de vinagre, cebola, né, sal a gosto, aí bota na panela de pressão, quando começa a pressão começa a soltar, aí marca cinquenta minutos.

TIAGO: Cinquenta minutos?

HOMEM DO MAR: É, depois de cinquenta minutos a gente desliga o fogo, solta a pressão, deixa esfriar, no outro dia, dependendo do horário, doze horas vai desfiar, que a gente tira inteirinha bota numa vasilha e bota na geladeira, quando a gente quer consumir é só esquentar, né, aí se quiser acrescentar mais alguma coisa, né, aí tem que acrescentar, bota cebola, bota o que quiser acrescentar, mais sal, dependendo do gosto, né, aí a gente desmancha ela, se quiser fazer farofa faz, se quiser botar no pão bota, né, se quiser comer com arroz. Pois é o litoral aqui da praia é bom nesse sentido, né, as pessoas que têm atividade que nem eu que sempre depende dessas coisas assim é bom, agora num sei a gente saindo daqui, como é que vai ser, fica mais difícil.

O homem do mar se refere a um projeto de recuperação da orla de Fortaleza. A fim de transformar as belezas naturais existentes no Serviluz em um novo ponto turístico, a prefeitura municipal de Fortaleza está planejando a remoção de diversas famílias. Agentes da prefeitura, como se verá, pintaram com tinta vermelha diversas casas que serão desapropriadas.

TIAGO: Como é que tá essa história hein, “homem do mar”?

HOMEM DO MAR: Meu querido, até agora eu num participei de reunião nenhuma a respeito do assunto. Eu creio que quando realmente for pra gente sair daqui, eu acho que tem um aviso no diário, qualquer comunicação, ou sobre a reunião, não sei, eu sei que a gente vai sair, porque eles já marcaram já, a topografia já tá marcando, é, realmente vai sair, não tem nem perigo.

TIAGO: E o senhor procurou essas reuniões?

HOMEM DO MAR: Meu amigo, se alguém participou, mas eu não fiz parte não, né, fiquei esperando só saber notícia.

TIAGO: E quando foi que o senhor viu sua casa pintada, avisaram que iam pintar pro senhor?

HOMEM DO MAR: Eles chegaram, pediram licença e fizeram só marcar ali, né.

TIAGO: Pediram licença?

MENDES: Pediram, é porque não é permitido, né, a casa não é dele, né, por isso eles pediram, realmente o terreno é da união, mas a casa é da gente, né.

TIAGO: Mas se o senhor falasse “não”?

HOMEM DO MAR: Aí eles marcavam no chão, marcava em cima da calçada.

TIAGO: Ah é.

HOMEM DO MAR: É sim, sim porque realmente a propriedade da casa é minha, o terreno eu pago a ocupação, eu tenho esse direito é documentado. Eu pago a ocupação do terreno à União todo ano eu pago. Uma vez por ano, como se fosse um imposto, né. Eu tenho tudo guardadinho ali. Porque se ele vier indenizar, eu também tenho que cobrar indenização de acordo que dê pra comprar outra, né, aí eu tenho direito realmente de questionar, agora quem não paga aí não vai poder questionar, né, porque aí eles vão descontar o atrasado, porque descontam mesmo, porque é federal e tem que pagar de qualquer maneira, eu não deixo atrasar não, todos os anos eu pago. É uma quantia de dezessete reais, né, dá para pagar.

Dessa forma, não por iniciativa própria, a reterritorialização em Pacatuba desponta como uma linha de fuga provável

TIAGO: E o senhor já sabe pra onde é que vai?

HOMEM DO MAR: Sei não, ainda não sei de nada, mas se eles indeniza minha casa eu sei pra onde eu vou, eu volto lá pro meu lugar.

TIAGO: Pacatuba?

HOMEM DO MAR: É, lá tem uma casa no pé da serra, com meu trabalho eu construí outra lá que eu tenho um terrenozím e construí outra, outra assim eu fiz dois cômodos, né, de qualquer maneira se me indenizarem aqui, lá eu amplio, né, aumento mais e pronto.

TIAGO: Sua esposa e todo mundo?

HOMEM DO MAR: É.

TIAGO: E eles estão contente com a ideia?

HOMEM DO MAR: Eles gostam de lá. Nós moramos na infância dele, ele passou a infância dele lá, aí depois viemos pra cá novamente, é porque eu tava em Sobral e resolvi comprar aqui. É como eu falei pra você, porque aqui é a facilidade de emprego, de saúde, tudo é mais perto.

TIAGO: O senhor não vai sentir saudade do mar não?

HOMEM DO MAR: A gente sente, né, sente, sente, a gente não se esquece não, agora não sei se eles vão indenizar as rede da gente, né. As redes de pesca é porque eu tenho mais de vinte rede, né, aí indo pro interior, vou fazer o que dessas rede? Aí vou ver se na hora do assunto lá vamos ver o que eles vão dizer, a gente depende da pesca, né, emprego e pesca, eu ando procurando emprego ainda, porque eu fiz um operação nesse olho, uma cirurgia de catarata, né, aí eu ainda tô em recuperação, aí minha carteira de habilitação tá toda atrasada,

mas eu só vou renovar depois que realmente o médico me der o diagnóstico, né, que passar as lentes.

Tal encaminhamento que tomou a fala do homem do mar pareceu-me uma linha de fuga que o leva às territorialidades de seu passado quando sua territorialidade se fazia em Pacatuba, no emprego de motorista ou operador.

HOMEM DO MAR: Aí quando tiver tudo bem legal, eu renovo a minha carteira, aí eu vou atrás de emprego.

TIAGO: Como motorista?

HOMEM DO MAR: Motorista ou operador, né. É uma profissão que não é muito bom, mas o que podia fazer se não tinha estudo, né, o estudo é uma coisa muito boa, por isso que eu estou estudando, porque se não tiver estudo hoje em dia, já era.

Tal preocupação com a saúde pareceu-me pertinente, uma vez que, tendo sido anunciada espontaneamente, servia para lembrar que o estado de saúde física dos sujeitos é também um fator a ser considerado em suas disposições na rede de socialidade. Lembro o caso do jovem que tinha paralisia cerebral e que com a morte do seu irmão que o assistia veio a falecer pouco tempo depois. No caso do homem do mar sua doença não é tão grave ou limitadora de sua rotina, mas ainda assim, a preocupação com o bem-estar físico se repete rotineiramente em sua vida sem chamar a atenção. Segundo o homem do mar, pouca gente sabe que ele tem diabetes, um lanche antes de entrar no mar é o suficiente para evitar os sintomas. Tal condição de doente crônico, contudo, antes de significar uma debilidade de sua parte, parece ser ressignificada de modo a demonstrar sua força. Trata-se de um obstáculo a mais no contexto de sua vida que deve ser superado e ao superá-lo, por meio da realização de consideráveis atividades físicas, faz com que ele se sinta ainda mais como um “guerreiro”.

TIAGO: O senhor tem quantos anos? 57?

HOMEM DO MAR: Passei pra 58. Dia dois desse mês, pois é, mas nessa idade que eu tô, apesar de eu, como é que se diz, eu sou portador de uma doença crônica, diabetes, mas isso não me afeta não.

TIAGO: O senhor toma insulina?

HOMEM DO MAR: Tomo insulina, aí me movimento aí vale a pena, e mergulho e tudo, e me sinto bem. Atividade física. Ajuda a controlar viu, ajuda a controlar, faço uma dieta certinha, por isso que eu só vou pro mar depois que eu merendo, pra não baixar [a taxa de açúcar no sangue] lá, se baixar eu afundo, né [risos].

TIAGO: Tem que tomar esse cuidado, né.

HOMEM DO MAR: É eu já sou experiente no assunto, as pessoas olham pra mim e acham que eu não sou portador dessa doença né.

TIAGO: É eu nunca imaginei.

HOMEM DO MAR: Pois é, as pessoas que realmente, o diabético desprezado que não se cuida é amarelo, pele murcha, né, eu não, sempre tive uma cor normal, os exames sempre dá normais, eu fiz o exame para operar o olho tudo normal, colesterol cento e cinquenta o bom, o ruim quarenta, outro setenta, né, a gente fica alegre com isso daí, né, eu fico satisfeito, a próstata que eu fiz no sangue é até cinquenta, deu vinte e seis o meu, diferença da metade, é um garotão, né [risos]. Porque os jovens de 20 anos pra baixo, o normal dele é vinte e cinco, e eu estou com vinte e seis ora.

TIAGO: Garotão.

HOMEM DO MAR: Realmente tá tudo bem, eu tenho aquele problema da tireóide, certo, que dá na garganta, eu também faço esse exame, não afeta nada, tudo bem, tudo funcionando direitinho, isso coração, se eu falar pra você uma vez eu fui no Caça e Pesca no pique, e voltei no pique.

TIAGO: Correndo, faz tempo?

HOMEM DO MAR: Faz, faz é tempo, eu já nadei aí do paredão até naquele, num tem dois prédios aqui juntos, aqui na praia do Futuro se você olhar daqui vê, eu vou nadando daqui pra lá e volto nadando, e num sinto nada não, nesse dia nem uma alteração no coração eu senti, no dia que fui pro Caça e Pesca no pique. E ainda subo uma hora e meia de ladeira, né, quando eu vou lá pra Pacatuba, vou pra serra. É da parte da tarde, duas horas em diante.

TIAGO: Aí o senhor subia a serra caminhando?

HOMEM DO MAR: Caminhando, é, uma hora e meia de ladeira e volto também caminhando, né, as pernas fica tudo fixi. A gente sobe forçando o peso do corpo pra frente, descendo é freando o peso do corpo, qualquer maneira tem que colocar o peso do corpo nas pernas, né.

Durante o período em que convivi com o homem do mar, percebi uma certa ordenação de suas sequências narrativas. Era como se determinadas histórias chamassem outras. Três histórias, principalmente, concatenavam-se de forma a produzir uma significação comum entre elas, como se houvesse complementaridade de uma com relação à outra na maneira pela qual o homem do mar lida com o mundo. Era como se um assunto o motivasse a falar de outro, demonstrando assim um compartilhamento de significados entre as três narrativas. Ao comentar a morte do filho, com frequência ele me contava uma sequência de episódios de sua vida. A história da caçada a partir da qual ele aprenderia a andar só ou acompanhado apenas por aqueles que ele considerasse como iguais e a história do resgate nas pedras do Paredão. Assim se apresentava a sequência: a história da morte do filho puxando a história da caçada, e esta, a história do resgate nas pedras.

A história do resgate que o homem do mar protagonizou nas pedras do paredão é com frequência utilizada para ilustrar o tipo de atitude que ele esperava que os companheiros de seu filho tivessem tido. Ele próprio me deixava clara esta ilustração quando pondera que o filho realmente estava mergulhando em águas muito profundas, mas que os outros, como amigos dele, tinham que ter ido atrás do rapaz, nem que fosse para trazer logo o corpo dele. Fazendo oposição ao que o homem do mar entendeu como covardia dos companheiros de pesca do filho, conta uma história na qual ele próprio se destaca por sua bravura, qualidade que enobrece quem a possui. É uma qualidade para que alguém seja considerado como um dos seus, alguém igual a ele, é algo com que ele se identifica e que por isso mesmo se pode perceber como um fator de distinção.

HOMEM DO MAR: O resgate foi o seguinte... Eles tavam tomando banho, né, eles tavam saltando da pedra, do Paredão, pra dentro d'água e a maré tava de lançamento, é lua nova, né, maré alta, ondas altas, e eles começaram a pular e eu vinha saindo, né, aí eles se descuidaram, vinha uma grande onda, jogou os dois maior que tava na pedra pra pular na

água, que até despiu eles, né, ficaram nus... E o que ficou sentado na pedra a maré deu de pancada nele, enlaçou, né, ele ficou enganchado pelo joelho, aí foi quando eu sai de dentro da água pro Paredão, que coloco o meu equipamento de pesca fora e fui socorrer ele. Eu passava saliva na perna dele pra ver se deslizava, né, então eu vi que não conseguia porque tava imprensado sobre a pedra, uma pedra de mais de quinze toneladas...

Tinha um irmão dele presente, que já tinha saído, né, e queria até pedir socorro no corpo de bombeiro, só que não dava tempo porque a maré tava de enchimento, aí eu tinha que resolver, né... aí eu resolvi, entrei em ação. Aí no momento lá eu mandei ele segurar no meu pescoço e me apoiei por baixo do braço dele e esperei a onda bater em mim, aí na hora que a maré subiu, que a onda bateu na pedra, que levantou a pedra, eu puxei ele. Aí eu também me machuquei, né, mas ele, que é onde essa pele [pegando em seu tornozelo], quase na minha canela, arrastou até embaixo, no osso, né... Foi, agora minha parte não danificou muito não, fez só de pelar as minhas pernas, mas sangrou, né. Cheguei no trabalho caxingando, né, aí o pessoal, né, começaram a rir de mim e zombaram, pensavam que eu cai por motivo de bebida. Aí eu só respondi assim: “Rapaz, daqui esse período que eu passei aqui, que cheguei assim dessa maneira mancando foi pra salvar vidas”. Aí eles ficaram calado.

Chamo a atenção para a primeira interpretação feita pelos colegas de trabalho de seus ferimentos. Eles zombaram do homem do mar como se ele tivesse caído sozinho nas pedras, insinuando que ele estivesse bêbado. Ao responder às zombarias dizendo que havia se machucado daquela forma salvando vidas, impunha aos colegas uma ressignificação daqueles machucados. O riso parou.

A narrativa de tal episódio, como já propus, remetia a uma outra história: a da caçada. Nessa história se anuncia um código de conduta que repercute na avaliação moral das pessoas que compõem a rede de socialidade na qual o homem do mar se insere.

TIAGO: O senhor só gosta de andar só, né.

HOMEM DO MAR: Porque eu, realmente eu sou mais diferente, pra andar comigo tem que ser igual eu, porque se não for, durante a minha... esses 57 anos que eu tenho de vida, estou vivendo, eu só tive dois amigos, um mora em Sobral, que é um caxero, ele tem muito respeito pra mim, então eu passei a compartilhar minhas experiências com ele, e o outro é lá em Guaiuba, um amigo meu conterrâneo, por ele me respeitar aí eu compartilho a minha experiência com ele, só anda comigo quem for igual a mim na coragem, e na hora de entrar pra valer é pra valer, não pode ser vacilão, senão perde, que nem tá para perder, e o pescador não pode ser vacilão não, porque se eu não tivesse coragem, se fosse vacilão, eu num tinha salvado o menino, é que nem o caso lá, é que nem o caso do meu filho, se tivesse alguém lá de coragem que nem ele, que nem eu, pelo menos tinha resgatado o corpo dele na hora, porque eu sei que nós somos mortais, mas se nós somos companheiro, companheiro tem que lutar a favor do outro companheiro, se nós dois vamos caçar, se nós encontra uma onça, nós tem que lutar contra ela, num é pra correr não, e deixar o outro lutando contra ela, tem que ser os dois, porque se correr é covarde, né, eu num gosto de covarde, num gosto de covarde, e outra coisa eu só entro onde me cabe, se eu ver que não dá pra mim, eu não entro, tem essa também, mesmo sendo aventureiro, eu não gosto de vacilar não. O que fez eu também gostar de trabalhar só, no sentido de pesca e de caça, é vejamos, eu tinha três colegas, nós caçava junto, aí acontece que uma vez me deixou dentro do mato, foi deixaram sozinho no mato, eu tava caçando à noite, aí o que aconteceu, eles se desentenderam de mim, aí foram embora e me deixaram. Aí pronto, passei a caçar só, com a minha coragem que eu tenho, e com o conhecimento e a minha experiência, pronto abandonei eles, num fui mais não, fui mais com eles mais não, eles ainda perguntaram por que, por que eu num vou mais com eles, porque eu descobri que eu mesmo tenho a minha coragem, e minha defesa.

TIAGO: E essa noite passou aperreio?

HOMEM DO MAR: Passei aperreio não, tranquilo, tranquilo, tranquilo. Mas eles não podia era me deixar né, me deixar lá na mata, mas me deixaram. Porque quando a gente vai pra mata, se for três, aí cada qual tem o local de esperar a caça, aí quando voltar pra se

reunir pra vir embora, tem que vir em cada local, e lá tem que se comunicar para saber se tá tudo bem um com o outro, aí se comunica através de um assobio, ou de outra coisa.

TIAGO: Qual outra coisa? Um grito?

HOMEM DO MAR: Não, não pode gritar não, a gente assopra na casca do cartucho aí já sabe a posição onde o outro tá, e quando é a noite a gente se comunica com a lanterna, por cima das árvores no rumo do outro, aí a gente já sabe que vai descer. E eles não comunicaram, e eu fiquei lá trepado. Só que nesse dia eu matei caça e eles não mataram, só que eu não compartilhei com eles, porque me deixaram na mata. Porque lá é o seguinte: se eu matar uma caça, um veado, ou um tanto, a gente reparte, parte por iguais, mas eles me deixaram no mato, eu num reparti não.

TIAGO: E eles acharam ruim?

HOMEM DO MAR: Eles também não puderam falar nada.

TIAGO: Não apareceram.

HOMEM DO MAR: É, não puderam falar nada, que num era pra ter me deixado, e eles deixaram. Eu sou umas pessoas que tem tanto experiência na floresta como nas águas, né, essa parte é sobreviver, é sobrevivência.

Tal narrativa é reveladora não só de algumas técnicas de caçada, de como se dá a comunicação entre os caçadores, mas também de um código de conduta diretamente relacionado a um código moral. É o que nos diz em sua alegoria da história da onça: “Se correr é covarde”.

Chamo a atenção ainda para o momento em que o homem do mar, excedendo minhas descrições, anuncia seu pertencimento também à floresta, lembrando que a realidade de qualquer das formas de relacionamento que eu tenha me esforçado para elucidar está sempre para lá do que possa ser dito.

HOMEM DO MAR: O padrão de vida era melhor, mas se queixar pra que? tá bem, né? a minha luta contra a maré continua, né? Atividade boa. É, me sinto bem, né? Feliz, né? Fazer o que, né? Continua, a vida continua, apesar dos obstáculos que a gente atravessa.

Considerando-se a observação do uso repetitivo da expressão “né?”, contração de “não é?”, observa-se, ainda que de uma maneira retórica, a demanda por uma confirmação do que é dito, fazendo, desse modo, transparecer dúvida. Assim, em sua certeza de felicidade atravessada pela dúvida, o homem do mar olha para além e continua.

Fotografia — 12, vista do Paredão do Titanzinho, Serviluz, Fortaleza



Fonte: A autoria própria, 2011.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A que conclusões cheguei através desta etnografia que pretendeu vislumbrar as formas de socialidade constituídas entre grupos heterogêneos que compõem os contextos do Serviluz? Que elementos simbólicos atuam na dinâmica de rede desses grupos?

Para tentar responder a essas questões começo chamando a atenção para uma especificidade da retórica deste trabalho de dissertação – percebida por mim de maneira tácita ao longo do processo de escrita – que refletiu o elo que pude estabelecer entre as representações simbólicas do meu segmento cultural e as de meus colaboradores. Entendo que, na busca prática e teórica de meios que me permitissem passar a palavra a eles – e, dessa forma, destacar a participação de cada um –, minha narrativa etnográfica passou por alguns desenvolvimentos.

Inicialmente esteve carregada de minhas descrições sobre o Serviluz. Essas descrições retratam minhas tentativas de aproximação do campo, perpassadas pela ansiedade e curiosidade diante de uma teia repleta de significações inusitadas. Por conta disto, no primeiro capítulo, faz-se notório um exercício de desmascaramento do meu ponto de partida ao objetivar perspectivas de meu segmento cultural, isto é, as minhas condições e possibilidades de realizar a pesquisa. A própria maneira como eu narrava minhas observações – demasiado descritivas naquele momento – refletia meu distanciamento em relação às representações simbólicas inerentes àquele segmento cultural. Se decidi mantê-las foi por considerar que elas explicitam meu ponto de vista acerca da realidade social do Serviluz ainda não afetado pelas representações simbólicas compartilhadas.

Após ter vivenciado o sentimento de choque cultural pude, no segundo capítulo, procurar pôr em destaque elementos percebidos por minhas convenções doravante abaladas pelas ressignificações decorrentes do elo cultural estabelecido. Centrei então meus esforços na tentativa de apreensão de algumas dinâmicas da rede de socialidade do Serviluz. Assim procedendo, ao mesmo tempo, que me esforcei para passar a palavra a meus interlocutores, procurei evidenciar de que forma ou com quais elementos eles se ressignificavam enquanto sujeitos actantes (LATOUR, 2009).

Com relação às entrevistas, não havia um roteiro. Procurei fazer com que a fala dos interlocutores dessa pesquisa – ainda que influenciadas por minhas perguntas – compusesse expressivamente o conteúdo desta etnografia. Este foi o meio empregado na tentativa de objetivação da dinâmica das formas de socialidade. Busquei apreender, para além das

significações que se desdobravam a partir de minhas intromissões, que novas significações vinham à tona, a quais elementos remetiam. Para tanto, deixei-me levar pelos desdobramentos gerados pelas representações que meus interlocutores anunciavam e, por meio disso, me esforcei para desvelar fragmentos das organizações de mundo deles.

Na tentativa de demonstrar de que forma se entrelaçam os elementos simbólicos, propus uma reflexão na qual a rede de socialidade do Serviluz atua lançando linhas de conteúdos significativos que envolvem seus usuários de onde emana uma multiplicidade de códigos de visões de mundo. Esforcei-me, então, no sentido de lançar uma proposta de tradução de alguns desses códigos.

O catador de lixo – ao citar tantos nomes ao longo da conversa que tive com ele – deixava transparecer o alto grau de pessoalidade no qual se firmavam suas territorializações. Seu sentimento de pertença àquele local se evidenciava. Desse modo, não é de se estranhar em sua fala a reivindicação de um pertencimento nos seguintes termos: “E aí, todo mundo gosta de mim aqui, né, é meus amigos tudinho aqui... A galera aqui, a da ponta aí. E é isso aí cara, a vida é assim mesmo”. A participação em diversos segmentos da rede de socialidade refletia seu nomadismo praticado entre os segmentos, nem sempre amistosos, dessa rede. Relembro as advertências que o catador de lixo fez ao me ver andando pelas “áreas do Farol”: “ali só tem bandido”. Evidencia-se aí o caráter disruptivo que suas relações também podem assumir.

Tal como pude observar no Serviluz, a dinâmica de socialidade é marcadamente composta por linhas de fugas que se territorializam em relações parentais, em relações de amizade, em relações entre aqueles que compartilham situações atravessadas por significações intersubjetivamente compartilhadas. A dinâmica social, dessa forma, é profundamente perpassada por relações personificadas. Conforme Sá (2010, p.267).

As relações sociais que as pessoas personificam não são nem relações comunitárias, nem relações societárias, no sentido clássico com que a sociologia formulou essa distinção. As relações sociais são personificadas como relação de ajuda e consideração entre indivíduos que detém um alto potencial de nocividade à vida alheia.

A personificação das relações pode evidenciar uma ressignificação de códigos oriundos de outros segmentos de nossa cultura, tal como o Código Penal e as normas de atuação da polícia. Um exemplo de significação perpassada pelo caráter de personificação é ilustrada no caso que me foi relatado pelo rapaz de bicicleta: pelo fato de “não gostar” de um de seus irmãos, um policial abriu um segundo processo contra ele.

Contudo, ao se afirmar que a dinâmica da rede é caracterizada pela personificação de suas relações sociais se está destacando apenas uma das formas como essas formulam e se organizam. Se dou destaque a esta forma, não é tanto por considerá-la única, mas pelo fato dela – do meu ponto de vista – parecer perpassar outras organizações tais como a maneira de fazer política ou a participação na vida religiosa, por exemplo.

Seguindo na tentativa de tradução de mais alguns códigos, pode-se interrogar qual a atual realidade do Serviluz? Sá (2010, p. 188) nos responde:

A realidade do Serviluz é [...] o lugar de uma luta para definir a realidade do lugar, tanto uma para dar existência ao que é negado ao Serviluz como para dar inexistência ao que é atribuído negativamente ao Serviluz. As armas desta luta por visibilidade pública são os enunciados performativos de um espaço de perspectivas com as quais se busca, legitimamente, garantir a existência ou inexistência do que está mergulhado na lógica específica do mundo social.

Conforme narrativa de um de meus interlocutores, corroborada pela observação de Sá (2010, p. 190), a representação do Serviluz pode ir do “bairro do vixe” até às descrições dos moradores do bairro como sendo o melhor lugar para se viver. É possível também ir da guerra entre grupos armados até à solidariedade de quem assa peixes, presenteados pelos pescadores locais, no meio da rua, no meio da semana, e os compartilha com vizinhos. No Serviluz é possível notar ainda na relação entre vizinhos uma rivalidade movida pela fofoca. Nessa rivalidade o conhecimento da intimidade do outro surge como um trunfo revelador da ambivalência das relações.

Tais oposições, contudo, não compartimentalizam seus elementos. Os termos opostos não querem dizer que a presença de um elemento exclua a presença do que lhe faz oposição. Pelo contrário, a atuação dos elementos opositivos, antes de se apresentar compartimentalizada, dividida e isolada – como se de um lado estivesse a guerra e do outro a solidariedade –, eles se mesclam na socialidade do Serviluz. Cada uma das partes dessa construção excessivamente marcada pela dualidade, antes de se excluir mutuamente, interage de forma tal que produz um efeito de complementaridade significativa.

A dualidade de fato não existe. Trata-se apenas de uma exposição atrelada a um modelo cognitivo. Afinal no mundão tido como o lugar da guerra, há uma intensa rede de solidariedade e afetividade entre seus participantes, pessoas que fazem dos círculos de amizade sua família. Há também o medo da traição, assim como das fofocas dos vizinhos que podem ser usadas como armas de uma guerra de ego. As advertências veiculadas nas fofocas, ao mesmo tempo que pretendem “abrir os olhos”, humilham. É o caso do aviso público da

traição de um marido apresentada como uma preocupação pelo bem-estar da esposa: “É pra o seu bem que tou falando, para você não ser besta”.

Os pertencimentos múltiplos proporcionam uma representação da realidade na qual a oposição entre os devires, a tensão entre eles, assume um caráter integrativo. A oposição entre o devir guerreiro e o devir toxicômano do Andarilho, integram o seu ser no mundo. Além disso, trata-se de um fenômeno no qual as considerações mais estigmatizadoras não se fundamentam. Para se vislumbrar a forma da rede de socialidade do Andarilho, por exemplo, é mister considerar sua territorialidade em linhas de fuga que ao serem pensadas isoladamente, de modo a explicitar quais as suas principais especificidades, levam a crer que o pertencimento à uma exclui o pertencimento à outra. O Andarilho rompe com isso, sua rede de socialidade é caracterizada por reconhecimento de pertencimentos múltiplos.

Pareceu-me notório que determinadas pessoas de minha pesquisa se encaminham por devires de fluxos de vida mais intensos, nos quais os sentimentos se expressam rotineiramente de modo mais enérgico, mais abrasado. Um exemplo mais extremo é o ritmo de vida que o *crack* impõe a seus usuários, com frequência, um ritmo alucinado, de dias sem dormir. Entregam-se mais intensamente às emoções do momento.

Outras pessoas, por sua vez, se encaminham por devires que se territorializam em fluxos mais extensos, contemplativos, orientados por uma ordem mais contínua, estabilizados em uma rotina, geralmente conduzidos pelo modelo de alguma tradição (seja religiosa, folclórica, acadêmica, estética etc). Esse é o caso do homem do mar. Ao afirmar ser uma pessoa doutrinada, permite que se entreveja a importância simbólica que suas representações de respeito e disciplina exercem nas práticas de sua vida cotidiana, significativamente marcada pelos movimentos das marés.

Por isso, entre esses dois devires é preciso considerar a permanente possibilidade de migração entre eles. Isso pode se dar através de longos processos de mudança ou mesmo por uma mudança mais abrupta, que gere alterações no equilíbrio das representações simbólicas do sujeito, ocasionando, desse modo, mudanças na hierarquia simbólica das representações e justificando a desterritorialização de um devir de maior temperança e a territorialização em um devir mais explosivo ou vice-versa.

Os devires de organização mais intensa são geralmente mais aventureiros. Demandam mais improvisações para lidar com situações diversas. Podem ser percebidos por aqueles que não o compartilham como desviante, como demasiado “mundano”. Podem dar a impressão – para quem não segue pelas linhas de fuga desses devires – que quem as segue não valoriza “o

que realmente importa da vida”. De acordo com a perspectiva mais intolerante e incompreensiva desta maneira de se organizar a vida, os que se territorializam nesses devires são descritos como pessoas sem moral. Por outro lado, os mesmos fatores, intolerância e incompreensão, também podem fazer com que os que compartilham devires mais intensos representem os outros como os que “não sabem viver”, “não conhecem o lado bom da vida”, “vão morrer velhos sem nunca ter vivido”.

A maneira de lidar com a morte para os que são regidos por devires mais intensos passa a impressão de que eles parecem retirar do desafio à morte um incentivo para viver. Desse modo, o fluxo de energia oriunda de suas intensidades pode se manifestar de maneira mais mortífera do que daqueles que regem com mais temperança o fluxo da realização de seus desejos, mesmo que para isso tenham que, com frequência, adiar sua realização, dando a impressão para quem tem mais pressa e disposição para o risco de que aqueles “deixam a vida passar”. Enquanto uns desafiam a morte para se sentir vivos, outros evitam os desafios mais arriscados e se engajam em problemas de ordem familiar, burocrática, pessoal, filosófica, financeira etc.

Mas é preciso compreender que a dinâmica das relações sociais do Serviluz está para além dessas categorizações. Serve-se tanto de fluxos extensos quanto de fluxos intensos, ao longo dos variados percursos que se cruzam. Esta dissertação pretendeu apresentar que a socialidade do Serviluz se compõe de valores que giram em torno da família, do sagrado, da honra, da bravura, da moral, da liberdade de suas ações e pensamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS JUNIOR, Carlos Versiani. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Fortaleza: UFC, 1983.
- ALMEIDA, Rosemary. *Violência, identidade e processos organizativos: o forró da bala como cenário de análise*. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995. 1995.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- _____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. *Falando da sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. (Org). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURGOIS, Philippe. *En quête de respect: le crack à New York*. Paris: Seuil, 2001.
- CALDEIRA, Teresa. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. São Paulo: Scritta Editorial, 1998.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos*, Rio de Janeiro: Editora Universidade, 2005.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *O nativo relativo*. *Mana*, V.8, n. 1, p. 113-148, 2002.
- _____. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- CAVALCANTE, Peregrina Fátima Capelo. *Matadores de gente: como se faz um pistoleiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: ares de fazer*, 1. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisa de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 1. São Paulo: Editora 34, 1995a
- _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 2. São Paulo: Editora 34, 1995b
- _____. .
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo* 13, Ano 14, USP, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- LABATE, Beatriz Caiuby et al (Orgs.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

- LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espelho: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e a dúvida de Cézanne*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- NOGUEIRA, André Aguiar. *Fogo, vento, terra e mar: natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- _____. *Fogo, vento, terra e mar: a arte de falar dos trabalhadores do mar*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Caçapava, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2005.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, mundo e consideração: uma etnografia das relações sociais no Serviluz*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem. *Mana* V.5, n. 2, p. 157-175, 1999.
- _____. *O gênero da dádiva: problema com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan; Fase, 2005.
- _____. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.